

SALVADOR ALLENDE FOI ASSASSINADO HÁ TRÊS ANOS

SOLIDARIEDADE COM O POVO CHILENO

● Manifestações em Lisboa e no Porto

Completam-se hoje três anos sobre o golpe de Estado fascista do Chile, que pôs termo à experiência socialista do Governo constitucional de Salvador Allende. Várias organizações políticas e de trabalhadores assinalam em Portugal esta data trágica. Hoje à noite, por iniciativa da Intersindical Nacional, realiza-se um comício de solidariedade com os patriotas chilenos no Pavilhão dos Desportos em Lisboa. No comício estarão presentes três representantes da Central Única dos Trabalhadores Chilenos (CUT), que se encontram há dias no nosso país: Umberto Elguetas, Augustin Muñoz e

Benjamim Frades. Hoje também os GDUP's promovem uma manifestação em frente da Embaixada do Chile pelas 18 horas. A esta manifestação associaram-se já a AEPPA e a UEDP. A Juventude Socialista promove hoje pelas 15 horas um Encontro de solidariedade com o Povo Chileno no Clube de Instrução e Recreio do Laranjeiro. Integrados na «Semana de Solidariedade com o Povo Chileno» promovida pela Intersindical têm-se realizado vários actos públicos: ontem efectuou-se uma sessão no Sindicato dos Transportes Rodoviários de Lisboa, com a pre-

sença de dirigentes da CUT e da Intersindical. Os visitantes chilenos deslocaram-se à Lissabona, em cujo refeitório almoçaram. Associando-se à Semana de Solidariedade, o P. R. T., a L. C. I. e a A. J. C. vão efectuar em Lisboa uma série de reuniões e uma larga distribuição de cartazes. Por iniciativa dessas organizações, realizar-se-á amanhã na Faculdade de Letras de Lisboa, com a presença de resistentes chilenos, um colóquio aberto a todas as tendências políticas para análise da experiência chilena e sua comparação com a portuguesa.

Amanhã no Teatro da Trindade em Lisboa haverá um festival de canção revolucionária, integrado nas jornadas de solidariedade com o povo chileno. No Porto deu-se ontem início a uma série de realizações, promovidas pelo M.D.M. Hoje nas instalações do Inatel naquela cidade haverá um convívio juvenil durante o qual será exibido um filme sobre o processo revolucionário chileno. Assinalando esta data, o «D. L.» publica hoje um artigo sobre o golpe de Estado que há três anos esmagou as liberdades do povo chileno.



Salvador Allende, presidente eleito pelo povo chileno e derrubado violentamente por Pinochet, é hoje evocado em comícios e manifestações em Lisboa e no Porto

Páginas centrais

ESPAÑHA

Comício catalão põe à prova plano de eleições até Junho

MADRID, 11 — (R) — Dirigentes oposicionistas reagiram hoje prudentemente à comunicação do primeiro-ministro Adolfo Suarez de que a Espanha efectuará eleições gerais antes de Junho próximo.

O plano enfrenta hoje uma prova imediata num comício maciço em Barcelona, convocado para apoiar reivindicações de autonomia da região da Catalunha, no nordeste do país.

Observadores prevêem que o comício de Barcelona será a maior manifestação de fervor nacionalista desde que o generalíssimo Franco esmagou o Governo catalão semiautónomo durante a Guerra Civil Espanhola de 1936-39.

Num discurso proferido ontem pela televisão, o primeiro-ministro espanhol afirmou

que o novo Parlamento seria eleito por sufrágio universal e decidiria como desmantelar a ditadura franquista.

Decidiria ainda como tratar de reivindicações de maior autonomia nas regiões catalã e basca e do direito de se criarem sindicatos — revelou Suarez.

Dirigentes da oposição notaram que as leis sobre votação, que ainda não foram anunciadas revelariam qual a liberdade que as eleições teriam.

Em Bilbao e San Sebastian, as principais cidades bascas industriais, dirigentes sindicais fizeram um apelo a uma greve geral, na segunda-feira, como protesto contra a morte de um nacionalista basco durante uma manifestação no princípio da semana.

Dezenas de milhares de trabalhadores efectuaram já para-

alisações de protesto nos últimos dois dias.

A questão fulcral que dominará os próximos meses, quando mais de dois milhões de trabalhadores deverão negociar novos acordos sobre salários, é o direito de formar sindicatos livres, que vêem actualmente as suas actividades reduzidas por meio de uma lei herdada do regime de Franco.

O dirigente sindical comunista Marcelino Camacho declarou que o discurso do primeiro-ministro ignorava a questão e em nada contribuiu para evitar o que poderá ser um «Outono Quente» na frente do trabalho.

A composição de um futuro Parlamento de duas câmaras não fora explicada no discurso e o texto do projecto da lei de reforma tem ainda de ser publicado.

Norton de Matos homenageado amanhã

É descerrado amanhã em Ponte de Lima, terra natal do general Norton de Matos, um busto desse grande antifascista, candidato da oposição democrática às eleições presidenciais dos anos 40. Estará presente nas cerimónias o dr. Vasco da Gama Fernandes, presidente da Assembleia da República, que proferirá uma conferência no Teatro Diogo Bernardes. Haverá ainda um concerto na Praça da República seguido de fogo de artifício.

(Pág. 5)



● Arcebispo rebelde recebido pelo Papa

(Pág. 13)

● Onda de violência na Cidade do Cabo

(Pág. 13)

● As contas em dia

(Pág. 9)

● Reacções de partidos ao discurso de Soares

(Pág. 2)



HOJE SUPLEMENTO "D.L."

Como é que o leitor reagiria se um dia destes pousasse um disco voador no seu quintal? No «Sete-Ponto-Sete» deste sábado falamos-lhe dos misteriosos «Ovnis» que não nos largam desde a década de 40. Agora que o Homem chegou a Marte, é Vénus que paga as favas...

32 PAGINAS

Nacional

O 13.º mês em títulos

A propósito das dúvidas suscitadas pelo discurso de anteontem à noite do Primeiro-Ministro, Mário Soares, no que se refere ao pagamento de parte do décimo terceiro mês em Títulos de Tesouro, a Anop obteve oficialmente um esclarecimento, segundo o qual os trabalhadores que auferem cinco mil escudos mensais receberam na totalidade e em numérico aquela quantia devida co-

mo décimo terceiro mês. A partir daquele montante — prossegue o esclarecimento — os trabalhadores receberam sempre cinco mil escudos em dinheiro, sendo o restante pago em Títulos de Tesouro. Assim, se um trabalhador ganhar doze mil e oitocentos escudos mensais, receberá como décimo terceiro mês, cinco mil e oitocentos em dinheiro e sete mil em Títulos.

Suspensas as conversações comerciais com Cuba

As delegações de Portugal e de Cuba, que desde a passada quinta-feira realizavam conversações para assinatura de um acordo comercial, não conseguiram chegar a acordo.

A justificação oficial para a suspensão das negociações foi, segundo um informador do M. N. E., a necessidade de explorar melhor alguns dos pontos debatidos durante as reuniões. Nesse sentido voltará a realizar-se novo encontro em data e local a anunciar.

No entanto, as negociações permitiram a assinatura de

vários contratos sectoriais. Assim, Cubacomprará dez mil toneladas de fertilizantes portugueses, devendo o primeiro carregamento deixar Portugal dentro de dias. Ainda antes do fim do mês deverá também chegar ao porto de Lisboa um barco cubano para ser reparado em estaleiros portugueses, que será o primeiro de uma série de navios cubanos a utilizar as instalações de reparação navais existentes em Portugal. Outro acordo firmado diz respeito ao açúcar, que passará a ser refinado em Portugal.

Canadianos vão treinar tropas portuguesas

Tropas portuguesas vão ser treinadas na República Federal Alemã pelo Exército do Canadá, nos termos de um acordo ontem assinado pelos representantes dos dois países junto da N.A.T.O.

Segundo um telegrama de Bruxelas da agência ANOP, citulos autorizados da N.A.T.O. revelaram que aquele seria o primeiro de uma série de acordos estabelecidos pelas autoridades militares portuguesas, tendo em vista uma maior participação de Portugal nas actividades militares daquela organização.

Ainda segundo as mesmas fontes, a primeira unidade por-

tuguesa, cujos efectivos não foram revelados, reunir-se-á em Lahr à 4.ª Brigada Macanizada canadiana no próximo dia 26. A duração do período de treino não foi revelada, mas um informador canadiano revelou que não será longo.

Sem confirmação oficial, parece que a unidade portuguesa a ser treinada pelas forças canadianas será uma unidade de cavalaria, uma vez que a esta arma pertence a Brigada Mecanizada canadiana, bem como a maior parte do material cedido pelos americanos a Portugal, nos termos dos acordos estabelecidos entre os dois países.

DISCURSO DE SOARES

Direita saúda, esquerda crítica

«Uma enorme hostilidade contra os trabalhadores que foram apresentados como os responsáveis de todas as dificuldades económicas e sociais ao mesmo tempo que, deliberadamente, se escamoteavam as responsabilidades dos monopolistas e grandes agrários em graves acções de sabotagem contra a economia nacional e contra o próprio regime democrático saído do 25 de Abril», sublinha o Partido Comunista Português, comentando a comunicação ao País do Primeiro-Ministro.

«Manifestando — prossegue a nota do PCP — um ostensivo desprezo pelas realizações históricas dos trabalhadores portugueses e pelo seu decisivo contributo para impedir a derrocada da economia nacional, o Primeiro-Ministro anunciou propósitos que põem perigosamente em risco as conquistas da Revolução e são um indicio muito claro de que o Governo prossegue uma política de direita, antioperária e antipopular».

Reprovando «o tom autoritário e alarmista e a linguagem própria do grande patronato, patentes na comunicação do Primeiro-Ministro», a nota do P. C. P. refere que o discurso se caracteriza por uma «insistente deturpação das realidades», «ausência — no campo económico — de um conjunto de medidas imediatas coordenadas e hierarquizadas, capazes de merecer a confiança e o apoio dos trabalhadores» e que «a alternativa do Governo para superar a crise económica se reduz, no essencial, a submeter-se aos interesses e exigências dos grandes capitalistas agrários e imperialistas, a promover o agravamento da exploração e das condições de vida dos trabalhadores, a limitar os seus direitos e ofender as suas conquistas».

O PCP denuncia ainda as «medidas restritivas das liberdades (revisão da lei da greve e de lei sindical) e o apontar de medidas repressivas» e que, com uma tal política, económica e social, serão mais agravados os problemas existentes e que «provocando inevitavelmente conflitos sociais, pode tornar-se um perigoso factor de desestabilização política como pretende a direita reacçãoária».

«O PCP sempre defendeu a necessidade do aumento da produção, da consciente disciplina de trabalho, da contenção dos défices das finanças públicas, do controle das importações, da difusão e renovação de que o País consome e o que produz...» diz a nota sublinhando no entanto que «tais medidas só poderão ser realizadas com a activa e responsável participação dos trabalhadores na sua definição e na sua aplicação».

Finalmente o PCP considera ser possível «resolver e ultrapassar as actuais dificuldades da economia portuguesa» mas «no quadro das conquistas do 25 de Abril e na perspectiva socialista apontada pela Constituição».

P.P.D.: «POSITIVO E CORAJOSO»

Numa apreciação ao discurso do Primeiro-Ministro, o Partido Popular Democrático salienta, num comunicado ontem distribuído, o facto de, «com clareza, ter sido chamada a atenção de todos os portugueses para a gravidade dum situação económica e financeira que obriga a medidas de austeridade e, em particular ao trabalho de todos para que a reconstrução nacional seja possível».

Considera ainda como muito importante, a afirmação do «princípio da autoridade demo-

crática e da intenção que o governo tem de governar».

Salientando, no entanto, não poder deixar de chamar a atenção para medidas que são parcelares ou de justiça relativa ou duvidosa dá como exemplo a subida do preço dos transportes «só por si insuficiente», e acrescenta que, nesse campo «é preciso reestruturar o sector e fornecer à população transportes capazes, e até com a segurança a que a população tem direito e que, vários e recentes acidentes, revelam não existir».

«Quem pagara a crise?» pergunta-se no mesmo comunicado. Lembrando que foi dito que os salários não podem subir mais do que determinada percentagem, o PPD pergunta ainda «o que pretende e garante o governo quanto à inflação? ou, por outras palavras, poderão os trabalhadores contar com um aumento real dos seus salários ou rendimentos, em especial, aqueles que, como rurais, os reformados e os funcionários, têm sido esquecidos da revolução?».

Entretanto o comunicado do PPD termina afirmando que «mau grado as falhas apontadas, o discurso do Primeiro-Ministro é positivo e corajoso».

P.R.P.: «RESPEITO PELO CAPITAL»

Para o P.R.P. (Partido Revolucionário do Proletariado) «ficou a saber-se, pois que o «socialismo pluralista» de Mário Soares visa uma sociedade de consumo, com todo o respeito pela exploração capitalista em que militares e militarizados voltam a cumprir o papel de cães de guarda dos exploradores. Que a crise era agravada pela «preguiça» dos trabalhadores, pelas greves selvagens, pela fúria reivindicativa, tudo

isto contribuindo para o desinteresse em investir por parte do imperialismo».

«Ficou a saber-se — prossegue o PRP — que a Reforma Agrária era um «fracasso» e que deu lugar a algumas injustiças e que o pretensão fracasso e as ditas injustiças são um pretexto para o PS executar aquilo que Soares não teve a coragem de dizer: atacar uma das principais conquistas dos trabalhadores fazendo regressar ao campo a lei dos senhores da CAP».

CDS: «MEDIDAS COINCIDENTES»

Segundo o C.D.S., «é salutar que o Primeiro-Ministro tenha anunciado um conjunto de medidas e orientações realistas, inteiramente coincidentes com os pontos de vista e propostas também já apresentados pelo CDS em Abril passado no seu «Programa Global para a Reconstrução da Economia Portuguesa».

Referindo em seguida, e em detalhe, tais medidas, o CDS entende ainda «positivo» a vontade enunciada por Mário Soares, nomeadamente o seu «empenhamento», quanto à Reforma Agrária em «fazer respeitar a lei e corrigir abusos».

«Não se pode também deixar de recusar a tese catastrófica do Primeiro-Ministro, segundo a qual a opção é «ou este Governo ou o Chile», nas palavras usadas em declarações ao semanário «O Jornal». Como ilustração do tom político global da sua comunicação. Pergunta-se ao Primeiro-Ministro se entre este Governo minoritário socialista e o Chile não haverá outra opção, que é, afinal, a solução tradicional das democracias europeias; uma coligação governamental maioritária, quando todos os partidos são isoladamente minoritários.

Ferro Gomes empossado director do G.A.S.

O eng.º Carlos Eduardo Ferro Gomes foi ontem empossado como director do Gabinete da Área de Sines. Ao empossamento presidiu o ministro do Plano e Coordenação Económica, eng.º Sousa Gomes. Presentes no acto estiveram ainda os ministros das Finanças e da Habitação, respectivamente Medina Carreira e Eduardo Pereira e o secretário de Estado da Coordenação Económica, Oliveira Cruz.

Usando da palavra, Ferro Gomes anunciou que irá propor, dentro em breve e ao ministro, um projecto de revisão do Estatuto do Gabinete da Área de Sines. Disse ainda que o Gabinete «irá estudar e propor as medidas adequadas, à progressiva autonomização de áreas da sua actividade, que estão a atingir a sua emancipação».

«Deveremos reestruturar o Gabinete — disse o director do GAS — dimensionando-o para a sua real função, que não a de gerir os empreendimentos que se vão concluindo, nem de fazer a sua promoção comercial, mas sim, repensar permanentemente o projecto e procurar desenvolver estudos da avaliação para novas indústrias ou novas actividades a instalar nas áreas ainda disponíveis, ou articuladas com o desenvolvimento a imprimir na Região Sul, da qual não poderemos dissociar este polo de desenvolvimento».

Ferro Gomes reiterou-se ainda ao problema das expro-

priações de terrenos na área, acusando os intermediários, «esses fazedores de lucros fáceis», de entravarem o processo. Dirigiu-se ainda aos trabalhadores do Gabinete «cuja colaboração, esforço e entusiasmo — disse — são fundamentais para o bom êxito das múltiplas missões que lhe estão cometidas» prometendo-lhes «a maior simpatia e atenção pelos seus problemas, ansiedades, preocupações sociais em relação à sua actividade e às condições de vida das comunidades onde se insere o projecto de Sines». Lançou depois um apelo às «comunidades que vivem e trabalham na zona de influência do GAS e cuja colaboração — acentuou — tem permitido construir o muito que já temos hoje para mostrar no sentido de se «desmistificar o projecto e denunciar os seus delatores».

«Não estamos a construir rampas de lançamento de foguetões lunares nem centrais atómicas» — disse ainda Ferro Gomes. — «Estamos a construir, sim, indústrias perfeitamente terrenas, que vão engrandecer e fazer prosperar as gentes que mais foram atingidas pelo reordenamento efectuado, que vão contribuir para melhorar e desenvolver as estruturas alentejanas, e certamente contribuir também para o regresso de muitos dos seus filhos emigrados».

E, a concluir: «Aos vossos órgãos representativos daremos a maior audição, e desenvolveremos o departamento de apoio às autarquias, para, em conjunto, procurarmos as soluções mais justas e exequíveis».

Outras passagens do discurso de Sousa Gomes proferiu:

«Estão em curso na área de Santo André obras com vista à instalação numa zona sem qualquer tradição urbana de um núcleo populacional de cerca de cem mil habitantes, prevendo-se já por volta de 1982 uma população de mais de 40 mil habitantes.»

Falou ainda o ministro do Plano e Coordenação. «O êxito ou fracasso em termos económicos a curto prazo do aproveitamento das possibilidades oferecidas pelo grande porto oceânico de Sines resultará — disse — da atitude dinâmica ou passiva a adoptar pelo Gabinete e pelas outras empresas instaladas na área ou nelas interessadas.»

17 MILHÕES E OUTROS NÚMEROS

Uma revelação de Sousa Gomes: «Ao atingir a sua maior desenvolvimento, o empreendimento portuário terá custado cerca de 17 milhões de contos, dos quais mais de metade em obras marítimas de protecção e outras e cerca de 5 milhões em equipamentos móveis e fixos» — disse o ministro.

«Como contrapartida — acrescentou — ficarão instaladas capacidades de acolhimento de navios e transfeira de produtos, que, embora largamente excedentários no presente para as necessidades nacionais, constituirão, se devidamente promovidas no exterior, impressionante fonte de divisas que é imperativo vir a realizar».

Outras passagens do discurso de Sousa Gomes proferiu:

«Estão em curso na área de Santo André obras com vista à instalação numa zona sem qualquer tradição urbana de um núcleo populacional de cerca de cem mil habitantes, prevendo-se já por volta de 1982 uma população de mais de 40 mil habitantes.»

«Para realizar tal objectivo a meio prazo — disse Sousa Gomes — será necessário construir cerca de 10 mil fogos familiares cujo custo se prevê ande à volta de 5 milhões e meio de contos, a que há a acrescentar mais de um milhão e trezentos mil contos em equipamento urbano de educação, saúde, cultura e recreio, religião, tempos livres, áreas comerciais e administração pública, investimentos estes que num empreendimento de tipo clássico não caberiam à entidade promotora do parque industrial mas sim aos departamentos estatais, autarquias e iniciativas privadas. Por outro lado — sublinhou — reverterão a favor do Estado terrenos no valor de mais de um milhão de contos.»

Referindo-se aos investimentos industriais já conhecidos, o ministro do Plano destacou que os mesmos «permitem dizer que até 1981 se deverão concluir projectos que representem mais de 70 milhões de contos, especialmente nos sectores básicos atrás referidos». Neste montante — acrescentou — estão despendidos actualmente cerca de uma dezena e meia de milhões.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE SEGUROS DO SUL

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

ELEIÇÃO DOS ÓRGÃOS DIRECTIVOS

De harmonia com o estipulado no N.º 4 do Art.º 29.º dos Estatutos, convoca-se uma Assembleia Geral Extraordinária para o dia 28 de Outubro de 1976, na Sede do Sindicato em Lisboa, Largo do Intendente, n.º 35, destinada à eleição dos Órgãos Directivos para o próximo triénio.

A Assembleia eleitoral decorrerá entre as 10 e as 23 horas, sendo eleitores todos os sócios do Sindicato que à data tenham a idade mínima de 18 anos e estejam em pleno gozo dos seus direitos sindicais.

Pela Mesa da Assembleia Geral

A COMISSÃO DIRECTIVA

a) João Inácio Fortuna Conde Ribeiro

a) Carlos Alberto Moreira Laborde

post-scriptum

Um recado para Luandino Vieira

Que já não fazias versos há anos, nos disseste, Luandino, mas isso não é verdade.

É que, nos preciosos momentos em que falaste para nós, através da nossa televisão, estavas ditando poesia maravilhosa: «Nós em Luanda não fazemos televisão para distrair».

Que lindo verso, meu irmão poeta! E que belas as outras — tantas — coisas que disseste! Tão belas que, em parte, me compensaram das afrontas, das injustiças que todos os dias a «nossa» TV nos mete dentro de casa.

Nós aqui também tínhamos quem soubesse fazer televisão sem ser para alienar. Televisão que não servisse só — quase só — para estragar dinheiro. Mas há alguém que não deixa. E há quem se arroque o direito de saber «aquilo que o povo gosta» sem querer pensar naquilo de que ele precisa. Como há-de uma criança pedir um gelado, se nunca viu nenhum?

Os gloriosos capitães de Abril deram-nos boa televisão, mas, como tudo quanto é bom, durou pouco. Que saudades daqueles «Programas das Forças Armadas» que abriam com aquela música que nos fazia chorar de contentamento! Que saudades, Luandino, que saudades do MFA!

Nós tivemos, meu irmão poeta de olhar calmo e claro, um MFA que era Povo mesmo a sério, sem intromissões de ninguém. Era tudo nosso, da nossa terra, da nossa Pátria. A nossa televisão não era uma colónia dos estrangeiros. Eram os militares que nos falavam. E como falavam tão bem! Como era bela a TV desses saudosos remos. Sabes, Luandino, a gente nem tinha tempo para comer na mesa. Pegávamos no prato e íamos para junto do aparelho. Tudo era tão belo e simples!

Depois, foi-se complicando. Muitos reis em terra alheia transformaram em Outono aquela incomparável Primavera.

Aquele tempo puro há-de voltar. Os gloriosos militares de Abril não-de compreender que o povo gosta de cantar o Malhão, mas precisa de aprender outras coisas. Que necessita tanto de instrução que seja civilização e cultura. Os militares não-de reconciliar-se, os antifascistas regressarão e a televisão voltará a ser do povo para o povo. E há-de voltar a haver MFA.

Entretanto, meu irmão poeta, que a vossa televisão continue a servir para vos tornar felizes como mereceis, pois já sofrestes demais. E bem hajam pelas tuas preciosas palavras.

M. Martins
— LISBOA

Deus lhe pague!

Vem isto a propósito das recentes declarações do prof. Freitas do Amaral, ex-A.N.P. e hoje do «Centro», de que forças da (ex)trema-direita estavam preparando um golpe para ainda este ano. Só não disse o prof. Freitas do Amaral se nessas forças estavam incluídos os bombistas recentemente capturados e identificados como pertencentes às hostes do C.D.S.

No entanto o aviso do líder do C.D.S. deve ser tomado em conta pelo Governo e restantes autoridades, já que o sr. prof., dada a sua idoneidade e a natureza dos seus variadíssimos contactos, poderá estar na posse de «informações» bastante reveladoras do que se passa nos subterrâneos da contra-revolução...

O sr. prof., como Mestre que é, certamente estará disposto a elucidar este país de quais as forças com que nos teremos de bater.

Digo isto, porque um homem prevenido vale por dois...

Resta o agradecimento dos trabalhadores ao sr. prof. por se ter dignado avisar-nos do iminente perigo da direita. Deus lhe pague!

Alberto Jacques Martins
— BARREIRO

Lixo e automóveis

Parece que é um mal do País nem tudo ir bem. Mas em Almada às vezes é pior. E quando escrevo isto, lembro-me dos problemas de falta de policiamento nesta cidade da margem esquerda, no ruído das motocicletas e dos automóveis que condutores entusiasmados esfolam pelas subidas acordando quem tem de trabalhar no dia seguinte para assim conseguirem salvar o País e evitar que os racionamentos de gasolina venham a afectar exactamente aqueles que fazem os «rallies» e nos impedem de dormir para no outro dia trabalharmos e produzirmos muito como o senhor Presidente do Conselho disse à gente.

Ora, mas estes não são os únicos problemas: um dos muitos casos é o lixo, e a culpa recaiu durante muito tempo sobre os trabalhadores da recolha que acham que têm direito a descansar ao sábado. Achando que não, os senhores daqueles prédios todos muito bonitos de Almada, continuavam a depositar o lixo às horas a que lhes dava na gana, e onde queriam.

O problema parece ser que, com ou sem recolha ao sábado, sem a lavagem das ruas e fiscalização de horas a que o lixo é esvaziado nos passeios, não é possível anular o cheiro nauseabundo que já empesta esta zona. Portanto, é só um alerta...

Rudolfo Vidigueira
— ALMADA

PARA QUE NOS SERVE O MERCADO COMUM?

Sobre o pedido de adesão ao Mercado Comum houve, recentemente, uma tomada de posição importante. Em entrevista ao «Jornal de Notícias», publicada no domingo 29 de Agosto, e em nome da CIP responderam o seu presidente, vice-presidente e um vogal.

A pergunta «qual a opinião da CIP face a uma próxima adesão de Portugal à CEE e em que medida é que isso poderá alterar o programa da indústria portuguesa?», a resposta não surpreende: «Consideramos que seria essencial que o Governo esclarecesse o sector privado como poderá conciliar uma adesão à CEE que se propõe levar a cabo e que implicitamente obriga a uma maior abertura da economia nacional face ao exterior e consequente adopção da legislação comunitária no que respeita à prática industrial, comercial, política agrícola, regras de concorrência, etc., com um crescente controlo da economia nacional pelo Estado. cremos que reside aqui uma das maiores contradições do Programa do Governo do PS e que só poderá ter uma solução: o pleno funcionamento de uma economia de mercado em Portugal.

«A opção europeia constitui a única alternativa válida e realista capaz de assegurar a transformação estrutural da indústria portuguesa e a obtenção de elevadas taxas de crescimento que progressivamente atenuem o desnível que actualmente nos separa dos países evoluídos do Ocidente

europeu.»

Apesar de não surpreender, parece-nos importante reflectir um pouco, e este começo de resposta transcrito servirá para ver como a CIP encara a opção europeia, sendo também opção de (pleno funcionamento) economia de mercado para Portugal, e servirá para ver como a CIP entende existir uma contradição entre esta opção e o crescente controlo da economia nacional pelo Estado.

É para nós evidente que a preocupação da CIP não nascerá da intervenção estatal mas do sentido que ela possa ter. Nunca a intervenção foi preocupação ou incompatibilidade enquanto ao serviço de forças económicas privadas, se-lo-á por poder ser a favor dos trabalhadores e de objectivos sociais, como o programa do PS e a Constituição o exigem.

Mas, mais importante ainda nos parece outra incompatibilidade, e ela é entre o pleno funcionamento de uma economia de mercado em Portugal e o que a Constituição impõe, como lei fundamental. O cumprimento dos artigos 52.º, 80.º, 91.º, 92.º, 109.º, e 110.º, por exemplo, é forte limitação a esse pleno funcionamento, pelo que a exigência, ou solução, que a «opção europeia» consagraria, aparece anticonstitucional.

Logo a seguir, ainda na mesma resposta, continuava a CIP: «Há contudo que reconhecer que a adesão de Portugal à CEE envolve um acréscimo da concorrência da parte da in-

dústria estrangeira no mercado português. Trata-se de uma constatação que não poderá ser menosprezada pelo Governo. Daqui que a CIP considere ser absolutamente indispensável a participação do sector privado nos trabalhos e estudos a encetar com vista às negociações que o Governo se propõe entabular com a CEE.»

Esta outra reivindicação não é nova e um recorte do DL de 31 de Julho de 1972, diz-nos que «não deve a Administração alhear-se do bom conselho da indústria e tentar novos ajustamentos posicionais sem se reunir com ela à mesa das grandes soluções, para a ouvir e com ela decidir». Esta transcrição, de afirmação do presidente da Corporação da Indústria a propósito do acordo comercial com o Mercado Comum então assinado, era seguida do comentário «DL-Opinião»: «Parece inevitável exprimirem estas palavras uma tensão subjacente, haver nelas um eco saudoso (não forçosamente experimentado pelo orador) dos tempos em que uma política proteccionista estabelecia entre a Administração e a indústria laços de mútuo e íntimo apoio.» E, na verdade, a mesma declaração do presidente da Corporação era (já) saudosa. «Hoje faz-se gala em criticar os governos anteriores, mas todos sabemos que nunca tivemos 40 anos mais ricos como os últimos que decorreram. A maior parte de nós, que partimos de antes de 1926, pode testemunhar o facto e afirmar que esta-

mos efectivamente mais ricos».

Para além do curioso se significativo paralelo, aproveitamos para dizer que a «participação nos trabalhos» e o «conselho de que a Administração não deve alhear-se» não se podem restringir à iniciativa privada, sobretudo tendo em atenção que «A organização económica-social da República Portuguesa assenta no desenvolvimento das relações de produção socialistas, mediante... o exercício do poder democrático das classes trabalhadoras» (artigo 80.º da Constituição) e que «incumbe prioritariamente ao Estado. (...) «estimular a participação das classes trabalhadoras e das mais organizações na definição, controlo e execução de todas as grandes medidas económicas e sociais» (art.º 81.º).

Perguntar-se-á se estaremos agora «efectivamente mais ricos»? Em Julho de 1972, a «Opinião» do DL terminava dizendo: «Não pode estar mais rico um país que entrou (não entrando) no Mercado Comum pela única porta que lhe era consentida. Também não apostaremos que estamos mais pobres, mas afirmamos (isso sim, e ninguém nos deixaria mentir) que estamos pobres doutra maneira...»

E agora? Com o pedido de adesão — hoje é assim — estaremos a caminhar no sentido que aponta a Constituição, ou estaremos ainda a colocar a questão entre sermos mais ou menos pobres a partir de critérios antigos?

CHIPRE AMEAÇADA DE PARTILHA (2)

A ESTRATÉGIA DE MAKÁRIOS

JEAN GEYRAS

NICÓSIA — Os hotéis de Nicósia, Larcana e Limassol, que ainda há nove meses estavam quase vazios, encontram-se agora completamente cheios. A crise da hotelaria provocada pelo desembarque turco não é mais do que uma má recordação. O drama libanês, ao arastar para as proximidades de Chipre milhares de refugiados de um novo tipo, que às vezes dispõem de fortunas pessoais, deu um sério empurrão aos esforços já perceptíveis de pôr de novo em acção a indústria hoteleira, duramente atingida pela perda dos dois principais centros turísticos da ilha: Kirenia e Famagusta. O visitante estrangeiro, absorvido pelo espectáculo dos libaneses, que em certas horas de afluência, exibem o seu aborrecimento nas esplanadas dos cafés das elegantes avenidas Evagoras I e Makarios III, o visitante estrangeiro tem por vezes tendência de esquecer que, a sul da linha Átila, um cipriota em três é refugiado do Norte.

Apesar dos dois anos passados, ninguém pode esquecer esse drama, e as vozes são menos seguras e quase patéticas sempre que evocam os encantos perdidos de Kirenia, Bellapais ou Famagusta. O governo de Nicósia escolheu, no entanto, «desdramatizar» o problema dos refugiados. Não queremos transformá-los em palestinianos, vivendo com a simples esperança de regressar, repetem os oficiais. Foram tomadas medidas com o objectivo de desencorajar a tendência que alguns têm para se tornar «refugiados permanentes». O recomeço da actividade económica permitiu a criação de novos empregos o que reduziu o número de desempregados que era de 50 000 no fim de 1975, para

34.500, no início de 1976. As sinistas aldeias de pano que abrigavam mais de 22.000 refugiados, vão desaparecendo gradualmente, dando lugar a construções de cimento ou pedra e cal. Ainda há, no entanto, uns 14.000 cipriotas gregos que vivem em tendas, mas os responsáveis esperam que até ao fim do ano todos estejam alojados em condições decentes. Os refugiados constituirão, no entanto, durante longos anos, um pesado fardo para a economia do país: 140.000 num total de 200.000 continuam a receber auxílio do Estado e uns vinte milhares ainda vivem em fábricas abandonadas, hangares ou carcassas de casas por acabar, em condições por vezes piores do que as das aldeias de pano.

Antes de mais temos que assegurar a nossa sobrevivência económica, e é só nesta condição que podemos levar a bom termo a luta pelos nossos direitos, respondem os dirigentes cipriotas gregos quando se lhes pergunta se a melhoria da sorte dos refugiados não é de natureza a espicaçar-lhes o desejo de regressar aos seus lares, no Norte. Eles sabem perfeitamente que a solução do problema cipriota não é para amanhã e não têm ilusões sobre a determinação dos turcos consolidarem sistematicamente os factos consumados. Em tais condições para quê, perguntam legítimos os factos consumados que tendem para a partilha da ilha? A doutrina da «luta a longo termo» formulada pelo presidente Makários, constitui portanto uma solução de espera imposta pela «intransigência turca»

A DESGRAÇA DE CLÉRIDES

Esta doutrina foi durante lon-

go tempo discutida por Glafcos Clérides que, até Abril passado, representava a parte cipriota grega nas conversações intercomunitárias da ilha. Pense-se que, se Clérides tivesse sido o autêntico negociador e o «leader» dos cipriotas gregos, a maioria das dificuldades estaria actualmente ultrapassadas, declarou-nos Denktash, que, apesar disso não facilitou a tarefa do seu «amigo Glafcos», durante os cinco «rounds» das negociações intercomunitárias de Viena. Precipitou mesmo a sua desgraça ao revelar que concluiu com ele em Viena um «acordo secreto» às escondidas de Makários. Esse «acordo secreto» dizia, de facto, respeito a um acordo cujo princípio já fora admitido pelos cipriotas gregos, e que não teria decerto causado agitação se não constituísse uma nova e grave manifestação da vontade que Clérides tinha de tratar dos assuntos a seu modo, sem pedir licença a Makários nem aos seus pares do Conselho Nacional cipriota grego.

Durante os meses que passara à testa do Estado cipriota, Clérides tomara gosto pelo Poder. Esforçara-se mesmo por retardar o mais possível o regresso do etnarca, dando a entender que estava em melhor posição do que ele para obter uma solução honrosa do problema cipriota. Ameaçando abandonar as suas funções de negociador, soube impor ao etnarca concessões de fundo que considerava indispensáveis para o bom andamento das negociações.

Foi assim que desde a segunda fase das negociações intercomunitárias, os cipriotas gregos aceitaram o princípio de uma federação birregional, com a condição de a parte turca, por sua vez dar a conhecer

o preço que estivesse disposta a pagar, isto é, os territórios que estivesse disposta a restituir. Denktash nunca precisou qual era esse preço.

UM VAZIO POLÍTICO

A ruptura entre monsenhor Makários e Clérides, muito tempo considerado aliado natural do etnarca e seu delfim, criou um vazio político que era necessário colmatar o mais depressa possível, e, apesar de todos os desmentidos oficiais, parece que a decisão de organizar novas eleições parlamentares no início de Setembro, teve por objectivo essencial neutralizar politicamente Clérides e os seus adversários da «luta a longo termo». A Assembleia Nacional eleita em Julho de 1970 era dominada pelo partido unificado de Clérides, que dispunha de quinze lugares num total de trinta e cinco. É certo que este número diminuiu devido à demissão de três deputados do partido unificado, que tinham tido a imprudência de colaborar com o efêmero regime de Nicos Sampson, mas Clérides continuava a dispor do apoio de um pouco menos de metade dos deputados do Parlamento graças ao apoio dos parlamentares da extrema direita.

Clérides e os amigos sofreram novo revés com a demissão, no passado mês de Julho, de Tassos Papadópoulos, que foi durante muito tempo o principal adjunto de Clérides no partido e da Câmara dos Deputados, fora nomeado no passado mês de Março negociador grego, em consequência do caso do «acordo secreto» de Vie-

Continua na pág. 4

Geral

"AGOSTO 76"

Um esclarecimento de Veiga Pereira

A propósito de notícias divulgadas na imprensa acerca da proibição, pela RTP, da transmissão do programa «Agosto-76», recebemos de Carlos Veiga Pereira, responsável pela Direcção de Informação daquela estação de TV, uma carta que seguidamente transcrevemos.

Embora as referências feitas por Veiga Pereira às «notícias, entrevistas e comentários em que abundam as inexactidões» se não refiram, obviamente, ao «DL», que, se limitou a noticiar o facto sem comentários, considerámos que a publicação desta carta pode contribuir para fazer luz sobre o incidente, pelo que decidimos publicá-la na íntegra.

«A anulação da emissão do programa 'Agosto 76' suscitou a publicação de notícias, entrevistas e comentários em que abundam as inexactidões, as afirmações falsas, as insinuações caluniosas. Embora tenha adoptado como norma não responder às críticas à minha actuação como director de Informação da RTP, norma de que me afastei apenas uma vez para defender camaradas de trabalho, julgo que se impõe repôr a verdade e situar o debate numa perspectiva política. Começarei por repôr a verdade.

«A reportagem sobre a prática do nudismo inserida em 'Agosto 76' não mostrava apenas crianças nuas, como se escreveu em alguns jornais. Apresentava também, e com generosidade, homens e mulheres nus, embora nem as

decidi a anulação da emissão, decisão que logo foi ratificada pela comissão administrativa.

«Quanto à substituição de 'Agosto 76' por 'Brasil — o estalar da castanha', filme que aborda com alguma crueza o problema da prostituição e que causou um protesto do Governo brasileiro, bastará esclarecer que fora escolhido pela mesma Divisão de Actualidades que Helena Vaz da Silva chefiava. Não procedera ao seu prévio visionamento por não assentar a minha actuação na suspeita sistemática, antes na confiança nos meus mais directos colaboradores.

«Também não é verdade que tenha destituído Helena Vaz da Silva e Vicente Jorge Silva dos cargos de chefia que exerciam. Nem o poderia fazer, uma vez que o director de Informação apenas pode dar repreensões verbais. Termina aí a sua competência disciplinar. Foram ambos destituídos pela comissão administrativa, a quem eu remetera, como era meu dever, uma nota justificativa da anulação da emissão de 'Agosto 76'. Na mesma nota relatava que Vicente Jorge Silva, então a exercer a chefia da Divisão de Actualidades, por Helena Vaz da Silva se encontrar ausente, se recusara a substituir 'Agosto 76' por outro programa, sob o pretexto de que não colaborava com a censura, o que constitui uma falta disciplinar inequívoca. Helena Vaz da Silva e Vicente Jorge Silva não foram despedidos, nem suspensos, mas tão-só reintegrados no quadro de jornalistas.

«Bastante a despropósito, e com objectivos difíceis de descontinuar, Helena Vaz da Silva

veio a público declarar que eu teria recusado propostas de programas já aprovadas pelo maior Pedroso Marques durante as minhas férias, período durante o qual o anterior presidente da comissão administrativa acumulou as funções de director de Informação. Deve referir-se a um projecto de contrato com um produtor externo, projecto que não foi recusado, mas retido para estudo, por eu considerar desvantajosas para a RTP as condições propostas. Ou talvez a um projecto de reportagem sobre o padre que recusou baptizar o filho de um comunista, assunto já largamente tratado na imprensa, e ao que julgo, pouco representativo da posição da Igreja.

«Mas regressemos à anulação da emissão de 'Agosto 76'. A televisão está submetida a uma censura social que afecta em muito menor grau os outros meios de comunicação. Grande parte dos telespectadores são crianças e adolescentes, a televisão é vista em família. Uma ida ao teatro ou ao cinema, a compra de um jornal ou de uma revista, a leitura de um livro, são actos de vontade.

«Ao contrário, como escreve um sociólogo, dos 'mass-media', o único acto de vontade do telespectador é fechar a televisão. Resultam daí condicionamentos que não podem ser ignorados. Em Portugal, acresce um marcado divórcio entre a população urbana e a população rural, entre as preocupações dos intelectuais e os problemas do povo. O tratamento inábil de certos temas, como a prática de nudismo em algumas praias portuguesas, longe de levar à modificação de atitudes, ao desaparecimento de preconceitos morais ana-

crónicos, consolidará os quadros de valores tradicionais, reforçará as atitudes mais reacţionárias.

«Por outro lado, será temeridade vá ignorar os ataques que as forças de direita estão a multiplicar contra o regime democrático. Se não se deve ceder perante as forças de direita, também não será recomendável fornecer-lhes gratuitamente os argumentos de que carecem. A reportagem sobre a prática do nudismo numa das nossas praias, exibida na televisão, vista nas aldeias nas reuniões de família, seria um novo pretexto para ataques da direita, sem que tivesse a contrapartida de contribuir utilmente para a modificação das atitudes mais conservadoras.

«Vem a talho de foice, neste momento, aludira algumas ambiguidades de 'Agosto 76'. Numa das suas intervenções, Raul Solnado aparecia com uma cabeça e um fato de banho de mulher, no papel de uma antiga 'miss Caparica'. É um tipo de humor característico de uma sociedade em que prevalecem fortes tabus sexuais e em que a homossexualidade e os 'travesti' são alvo de uma repressão impiedosa. Noutra intervenção, Raul Solnado conta que foi saneado da praia. Quando era miúdo participou num concurso de construções na areia promovido pelo 'Diário de Notícias', de que era então director Augusto de Castro. Vai daí chamam-lhe fascista, sanearam-no da praia. A quem pode aproveitar este humor, aqui e agora, quando se pretende fazer crer que o fascismo e os fascistas nunca existiram?

«Do meu ponto de vista, como já se terá compreendido, não estava em causa nem a prática do nudismo, nem o direito de o defender. Antes a forma com o assunto era tratado e a exploração política a que se prestava.

«Helena Vaz da Silva, em algumas das suas múltiplas de-

clarações à imprensa, afirma que eu pretendi reforçar a minha periclitante situação na RTP. Teria procedido a um saneamento à esquerda para me mostrar integrado na ordem actual. São afirmações caluniosas a que não perderei tempo a responder. Se pretendesse entrar no mesmo jogo, poderia aventar que 'Agosto 76' era uma provocação destinada a justificar o meu saneamento ou sugerir que Helena Vaz da Silva pretendia marcar distâncias em relação a um director de quem se diz que vai ser demitido. E poderia até argumentar com a campanha desmesurada que Helena Vaz da Silva tem alimentado na imprensa. Não o farei, no entanto.

«Não posso, contudo, deixar de estranhar o inesperado carinho com que o assunto tem sido tratado. Dir-se-ia que a liberdade de expressão periga por uma reportagem sobre o nudismo não ir para o ar. Ao contrário, outras substituições de programas têm sido ignoradas ou referidas apenas em três linhas. Como se a passagem ou não da reportagem sobre o nudismo fosse o grande problema da RTP... Numa televisão que continua sujeita ao poder político, quando não às simpatias ou fobias de alguns homens políticos, num momento em que se multiplicam as pressões que visam aniquilar um pluralismo que garanta o direito de expressão das minorias, numa televisão ameaçada de colapso pela insuficiência dos seus meios humanos e materiais, não se lubrifica outro problema que a emissão ou não emissão de uma reportagem sobre o nudismo!

«Seria divertido se os perigos que nos ameaçam não fossem reais, se o direito à informação não fosse uma das bases em que assenta a democracia. Assim, será legítimo admitir que se trata de uma manobra de diversão numa guerra mais vasta e muito mais importante do que as querelas na RTP.»

Chipre ameaçada de partilha

Continuação da pag. 3

Na. Ao mesmo tempo que depiorava o «estranho» comportamento de Clérides, continuava a confiar nele até ao dia em que compreendia que o partido unificado conspirava abertamente contra monsenhor Makários. Depois, Papadopoulos foi eleito presidente interino da Assembleia Nacional, o que faz dele a segunda figura do regime. Em caso de vazio do Poder, será ele e não Clérides quem será designado, nos termos da Constituição, para suceder ao chefe do Estado.

A deserção de Papadopoulos, conhecido pelas suas ligações com a grande burguesia cipriota-grega, confirma o enfraquecimento das posições de Clérides, que, no passado, tinham o apoio, sem reservas dos meios de negócios. É possível que a nova formação política, a União Democrática, fundada em Maio último por Spyros Kyprianou, decerto com o apoio de monsenhor Makários, reduza ainda mais as possibilidades de Clérides encontrar após as eleições de 5 de Setembro a posição dominante que ocupava na Assembleia Nacional. É mesmo certo que a representação parlamentar da União Democrática, nova formação política fundada por Clérides, seja mais fraca, visto a União Democrática de Kyprianou, o Partido Comunista Edek e o Partido Socialista Edek de Lyssarides terem constituído uma aliança eleitoral.

Kyprianou, que ocupara as funções de ministro dos Negócios Estrangeiros desde a proclamação de independência da ilha, em 1960, fora levado a abandonar o seu lugar em Maio de 72, em consequências de pressões exercidas pela junta militar de Atenas, de quem era o bode expiatório, e também pelos Estados Unidos, que achavam a sua política demasiadamente orientada para os países não alinhados e para o campo socialista. Após o regresso de Makários a Nicósia, em 1974, Clérides fez tudo para o impedir de retomar as suas funções à testa da diplomacia cipriota. Kyprianou, que se situa politicamente no centro direita, ganhará inevitavelmente uma parte do elei-

torado que votara em 1970 por Clérides. Este diz no entanto, que o partido de Kyprianou não constitui para ele uma «ameaça real». «O verdadeiro perigo», declarou-nos ele, provém da decisão do Partido Comunista de limitar o número dos seus deputados a nove e de conceder o restante dos seus votos à União Democrática de Kyprianou, erigindo-se assim em árbitro da situação».

Os dirigentes comunistas reconhecem que poderiam aumentar facilmente o número dos seus eleitos, mas entendem que na conjuntura actual um tal resultado só poderia embarçar monsenhor Makários nos planos local e internacional. Pensam pois que a formação de Kyprianou «que representa o conjunto dos partidários do etnarca fora da esquerda» deveria poder garantir a maioria absoluta dos lugares. O que faz pelo menos dezoito deputados. Se juntarmos a este número os nove lugares que caberão ao Partido Comunista e os quatro que este último está disposto a conceder ao Partido Socialista Edek, a direita hostil a monsenhor Makários e a extrema direita nostálgica da época da EOKA-B reunidas por agora numa mesma oposição à política do etnarca correm o risco de ficar praticamente ausentes da nova Câmara: só a este preço é que monsenhor Makários julga poder estar em condições de levar de vencida assua política de «luta a longo prazo» enquanto vai aguardando dias mais propícios «para a recuperação da independência e integridade territorial de Chipre».

(c) Le Monde



SURDEZ

Recupere a sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSON — Organização especializada em prótese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infância 16, 55-C — LISBOA

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução todas as marcas, com garantia

MENDES Tel. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno) REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»

FILIAL Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfca)

FREQUENTA AS PRAIAS DA COSTA DO SOL?

Se vai de COMBOIO, NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS em bichas para comprar bilhete.

Utilize as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS, práticas e RÁPIDAS, bastando trazer, em MOEDAS de 5000, 2500, 1500e 500 o PREÇO EXACTO do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS	
	1.ª classe	2.ª classe
Santos Alcântara Belém Pedrouços Algés	7650	5600
C. Quebrada Caxias Paço de Arcos Santo Amaro Oeiras	11500	7650
Carcavelos Paredes Pedro João Oril Tejo Cais	15500	10500

REGRESSO utilize-as também, pois elas existem em todas as estações.

REABERTURA

DO

RESTAURANTE

7 MARES

NO DIA 12/8/76

EM PORTIMÃO

RESTAURANTE

1.ª Categoria

ABERTO

das 19.00 às 2.00 h.

Cozinha Portuguesa

No BAR

Pianista privativo

Organizações

FERNANDO BARATA

Busto de Norton de Matos descerrado amanhã em Ponte de Lima

É descerrado amanhã em Ponte de Lima, terra natal do general Norton de Matos, um busto desse grande combatente antifascista cuja candidatura à Presidência da República serviu para «abrir os olhos» a milhares de portugueses no fim da década já longínqua de 40. Hoje, beneficiando de uma liberdade que tardou mas que já faz parte integrante da vida dos portugueses, vale a pena lembrar o clima das «eleições» presidenciais do fascismo e ninguém, melhor do que o próprio candidato da oposição às eleições de 49, poderá testemunhar como decorreu a sua candidatura.

Justificando a edição do seu livro «Os dois primeiros meses da minha candidatura à Presidência da República» (edição do autor, Lisboa, 1948), Norton de Matos afirmou que não teria gasto tempo a escrevê-lo «se o candidato da oposição ao actual regime, não fosse obriga-

do a um silêncio quase absoluto, imposto pela censura à Imprensa, não podendo usar, para dar conhecimento ao público, da menor parcela da natureza da sua candidatura, dos seus objectivos e fins, e do aspecto ordeiro e legal ainda que da maior intensidade e da mais absoluta intransigência que deseja dar à sua propaganda...»

Mais adiante, Norton de Matos referiu-se à sua situação perante a Imprensa em termos que se revestem de uma importância muito especial, sobretudo para os jovens, que só agora começam a compreender o pesadelo que os portugueses viveram até ao 25 de Abril: «Também deixaria de publicar este livro ou, pelo menos, demoraria a sua publicação, se por voz governamental se não tivesse apresentado, como se fosse lei do País, a doutrina arbitrária e absurda de que um cidadão que apresentou, ao abrigo da lei e nos seus ter-

mos, a sua candidatura a Presidência da República, que a depôs nas mãos do mais alto magistrado judicial da Nação, não tem direito de a ela se referir livremente na Imprensa do seu País...»

Transcrevemos, por último: «E ainda talvez este livro não tivesse necessidade de ser publicado, se o candidato não principiase a ser vítima de um ataque de natureza policial, com as características dos regimes totalitários».

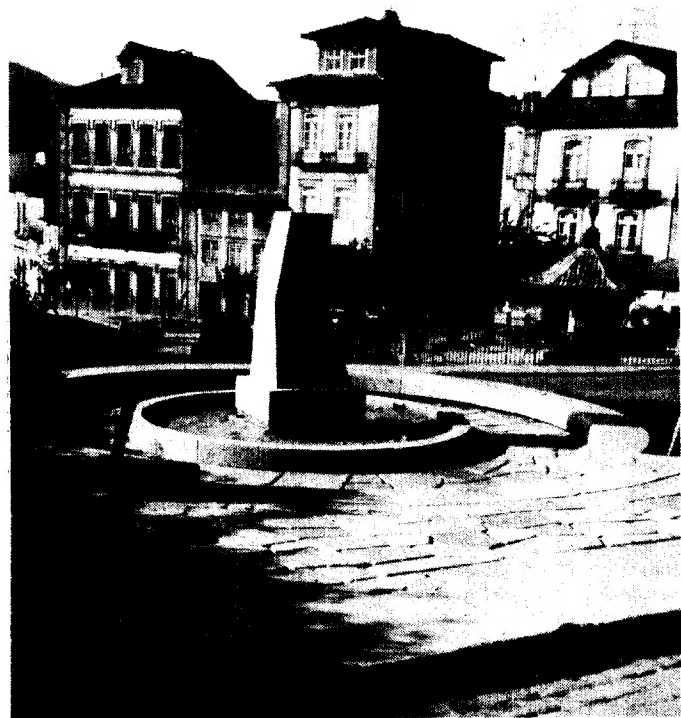
Tendo participado, há bem pouco tempo, em eleições livres, os portugueses têm fortes razões para meditar nestas palavras evocadoras de um clima que não pode voltar.

O descerramento do busto do general Norton de Matos, cuja actuação constitui um importante capítulo da história da resistência antifascista tem, evidentemente, o carácter de uma homenagem, mas pode — e deve — servir, também, para

evocar um período da vida do País em que todos os portugueses estavam presos, embora muitos vivessem fora das cadeias.

OS FESTEJOS EM PONTE DO LIMA

Logo de manhã as ruas de Ponte de Lima serão percorridas pela banda da vila que tocará marchas convocando os habitantes para a cerimónia do descerramento do busto que terá lugar às 11 horas e durante a qual usarão da palavra antigos colaboradores do general. As 16 horas, o dr. Vasco da Gama Fernandes proferirá uma conferência no Teatro Diogo Bernardes e, às 22 horas, depois de um concerto realizado pela banda na Praça da República, haverá uma sessão de fogo-de-artifício.



Em Ponte de Lima, o pedestal aguarda o busto de Norton de Matos, que ali será colocado amanhã

ELEIÇÕES PARA AS AUTARQUIAS

Comissões eleitorais unitárias criadas na Póvoa e em Valbom

«Na terra em que vivemos, os problemas que nos preocupam deverão transformar-se em laços de unidade ampla e fraterna a luta necessária para a sua resolução», sublinha a Comissão Eleitoral Unitária, da Póvoa de Varzim, a propósito da marcação da sua primeira reunião geral, marcada ontem à noite, e subordinada às próximas eleições para as autarquias locais (Assembleia de Freguesia, Câmara Municipal e Assembleia Municipal).

Sublinhando que a ideia de criação desta Comissão Eleitoral Unitária (CEU) partiu de um grupo de povos com o objectivo de nas próximas eleições para as autarquias locais «erguer a voz não deste ou daquele agrupamento político, mas da própria Póvoa», o comunicado considera ainda que para se avançar em tal objectivo há que «contar com gente que, independentemente de usar ou não na lapela insígnias partidárias, traga sempre no coração a chama da democracia e a vontade de afastar definitivamente deste País o oportunismo e a mediocridade. **Terá de contar em suma com todos os democratas povos».**

Depois de referir as necessidades primárias do povo trabalhador das freguesias do concelho da Póvoa, como tarefa a vencer pelos órgãos de vontade locais, a CEU apela a toda a população, organizações recreativas, culturais e desportivas, bem como a comissões de moradores do concelho para que apoiem e integrem a Comissão Eleitoral e Unitária, pois — sublinha — «é preciso evitar que as autarquias caiam de novo nas mãos dos que, durante muitos anos, se serviram delas para o compadrio fácil, para a corrupção descarada e impune».

CEU EM VALBOM

Também na freguesia de Valbom (Porto) foi criada uma Comissão Eleitoral Unitária com o objectivo de concorrer às eleições para as autarquias lo-

cais. A primeira reunião efectuada no passado dia 2 de Setembro, teve — refere um comunicado — a participação de elementos representando as seguintes organizações populares e partidos: Associação Valboense 1.º de Dezembro, Associação Recreativa Briosos Valboenses, Associação Recreativa Corações Vilaverdenses, Mocidade Valboense «Os Baleias», Comissão de Moradores da Arroteia, Comissão de Moradores da Cova da Mã, Sindicato dos Marceneiros, Movimento Democrático Portu-

guês e Partido Comunista Português.

Além destas organizações há ainda a registar a adesão de outras que não estiveram presentes na dita reunião: Pinheirense Futebol Club e Leões Valboense Futebol Clube.

Afirma ainda esta CEU encontrar-se aberta a todas as organizações ou indivíduos que a ela pretendam aderir, lutando assim, «independentemente das ideologias políticas e religiosas pelas necessidades reais desta freguesia».

Congresso da A.I.C.A. termina hoje

O Congresso Internacional dos Críticos de Arte (AICA), que decorreu durante uma semana em Lisboa, termina hoje os seus trabalhos com uma reunião de carácter administrativo, após a qual regressarão aos seus países os cento e cinquenta participantes.

O tema deste ano, «Modernismo e Arte Negra Africana», foi discutido sob várias perspectivas, tendo a sessão de ontem sido preenchida com a comunicação do prof. Giulio Carlo Argon: «Crítica de Arte —

Uma Perspectiva Antropológica». O autor, catedrático de História de Arte da Universidade de Roma e presidente da Câmara Municipal da capital italiana, devido aos seus afazeres não pode deslocar-se a Lisboa, tendo a comunicação sido lida por Maria Tarente.

Durante os trabalhos desta 28.ª sessão, foi decidido que o Congresso do próximo ano terá lugar na Alemanha Federal, e o de 1978, na Suíça, tendo por tema: «Problemas da Arte no Século XX».

Aval de noventa mil para a ponte de Marateca

Uma resolução do Conselho de Ministros publicada hoje no «Diário da República» concede um aval de cerca de 90 mil contos à CP a execução da ponte da Marateca. Embora só hoje estampada na folha oficial, a resolução data de 26 de Agosto.

Do texto que avalia os 90 mil contos à CP constam justificações relativas ao empreendimento.

Primeiro — diz a resolução — «a construção da ponte da Marateca é de necessidade vital, não apenas por assegurar

o trânsito na nova linha de Sines mas, ainda, por garantir na nova linha do Sado — o que se não consegue com a ponte actual, visto esta não permitir a passagem de comboios de 20 toneladas por eixo».

Depois — diz o despacho — «o Ministério competente recomendou a concessão do aval do Estado para garantir a realização da obra dentro do prazo fixado de quinze meses».

O valor real da concessão é exactamente de 89.256.490\$00.

Diminuíram as remessas dos emigrantes

As receitas de remessas dos emigrantes portugueses registaram em 1975 um decréscimo de cinco milhões e 793 mil contos em relação a 1974.

De facto — segundo dados recolhidos pela ANOP junto do Banco de Portugal — essas remessas totalizaram 26 milhões e 772 mil contos em 1974, contra 20 milhões e 979 mil contos em 1975.

De salientar, porém, que as remessas dos emigrantes portugueses em França registaram em 1975 uma subida de um milhão e 403 mil contos, relativamente ao ano anterior, tendo sido os totais, respectivamente, de 13 milhões e 901 mil contos e 12 milhões e 496 mil contos.

Igualmente as remessas dos emigrantes portugueses radicados na África do Sul, Brasil e Venezuela registaram em 1975, no seu conjunto, uma evolução de 332 mil contos em relação a 1974, anos em que os totais se cifraram em um milhão e 460 milhares de contos e 1.128 milhares de contos respectivamente.

De salientar que a maior parte dessas remessas é enviada pelos emigrantes portugueses radicados em países europeus da O.C.D.E., contribuindo com 21 milhões e 343 mil contos do total de 1974 (26 milhões e 772 mil contos) e com 18 milhões e 602 mil contos do total de 1975 (20 milhões e 979 mil contos).

Esses países são a Alemanha Federal, a França, a Bélgica, a Holanda e a Suíça, representando as remessas dos portugueses radicados nos dois dos primeiros destes países uma grande parte dos totais: 18 milhões de contos, em 1974, dos quais 12 milhões e 498 mil enviados de França. As remessas vindas da Alemanha decerem 2 milhões e 273 mil contos o ano passado.

Descida ainda mais acentuada se verificou nas remessas dos portugueses radicados nos Estados Unidos e no Canadá, que, no seu conjunto, se cifraram em 4 milhões e 301 mil contos em 1974, e 917 contos em 1975.

Refira-se que, segundo estimativas, mais de 80 por cento das transferências privadas são constituídas por remessas dos emigrantes, cabendo o restante aos donativos, legados e pensões. Daí o grande relevo que essas remessas assumem como factor de equilíbrio da balança de pagamentos e co-

mo contributo para o nível da poupança nacional.

A propósito, o boletim informativo do Banco Totta e Açores salienta que «o saldo das transferências privadas apresentou uma percentagem crescente do rendimento nacional no período de 1965 a 1972, ano em que atingiu o seu máximo, 12,1 por cento. A partir de 1972, a percentagem começa a diminuir em consequência de a taxa de acréscimo do rendimento nacional se tornar superior à do saldo das transferências privadas».

«A diferença positiva entre os saldos das transferências privadas e da balança comercial — acrescenta aquele boletim — permitiu, inclusivamente

em alguns anos desse período (1965 a 1972), cobrir o défice da balança de capitais. Por outras palavras, as remessas de emigrantes financiaram os défices das balanças comercial e de capitais. Assim, os fundos enviados pelos emigrantes alimentaram um subsecional reservatório de divisas que permitiu evitar, entre outras medidas, o recurso a o crédito externo ou ao contingentamento das importações.

«A partir de 1973 nota-se uma inversão da tendência, tornando-se as entradas líquidas de transferências privadas insuficientes para compensar o enorme défice da balança comercial».

universal

SAL DA TERRA

de Biberman

**Queremos esgotos
não queremos discriminação**

**Não cederemos
temos de passar à acção já!**

E na luta de classes que a mulher encontrará a sua libertação

EM EXIBIÇÃO ATÉ DIA 15/9/76
às 16.30 e 22.30 horas

Em exibição até dia 15/9/76 — às 14.30 e 20.30 horas
GREVE — OCUPAÇÃO — De Marin Karnutz

Hoje, às 00.30 horas
IREI COMO UM CAVALO LOUCO — De Arrabal
(Interdito a men. de 18 anos. Com cenas eventualmente chocantes)

Geral

Assassinado no Brasil

«Notícias chegadas no interior do Brasil confirmam o assassinato de José Montenegro de Lima, primeiro-secretário da Juventude do Partido Comunista Brasileiro», refere um comunicado da Comissão de Imprensa da UJC chegado à nossa redacção.

A União da Juventude Comunista sublinha que «nas duras condições da vida clandestina, o camarada José Montenegro de Lima sofreu um debilitamento que permitiu a sua localização e sequestro em Setembro de 1975. Comemorava-se então o 1.º aniversário da grande vitória da oposição legal nas eleições parlamentares, em cujos resultados a participação massiva da juventude jogou um importante papel. Submetido às mais cruéis torturas, durante longos interrogatórios, manteve-se firme nos seus princípios, mas não resistiu fisicamente perante os esbirros».

José Montenegro iniciara o seu caminho de lutador revolucionário ingressando no PCB. Em 1962 era dirigente da União



Nacional dos Estudantes Técnicos. Após o golpe reaccionário de 1964 teve papel activo na luta clandestina, participando activamente no movimento de massas e colaborando com a Juventude Socialista de Guanabara durante o ano 1966. Mais tarde, coube-lhe a tarefa de reorganizar a Juventude do Partido Comunista.

«Muito antes do seu sequestro — acentua a UJA — já os torturadores haviam tornado público, por meio de ameaças a camaradas presos anteriormente, a sua decisão de o matar no dia em que o localizassem. O heróico exemplo deste filho da classe operária brasileira ficará na memória dos jovens democratas e progressistas de todo o mundo».

SOLIDARIEDADE COM O CHILE

Representantes da C.U.T. estiveram no Alentejo

Os representantes da Central Única de Trabalhadores do Chile (CUT) que se encontram em Portugal a convite da Intersindical Nacional visitaram, ontem, o distrito de Beja, onde receberam mensagens de apoio e solidariedade para com a luta do povo chileno no sentido de derrubar a Junta Militar que tomou o poder pela força, faz amanhã três anos.

Os visitantes começaram por se dirigir à sede do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja, onde foram recebidos por dirigentes de todos os sindicatos do distrito que ali se encontravam reunidos em plenário. Falando em nome da direcção do Sindicato, José Soeiro apresentou condolências pela morte de Luís Figueiroa e recordou a luta dos trabalhadores alentejanos

durante o regime fascista elaborando um historial do processo da Reforma Agrária no nosso País.

Em resposta, Humberto Helguetas referiu a experiência chilena com o Governo da Unidade Popular e considerou a actual luta contra o regime de Pinochet.

A visita incluiu, da parte da tarde, uma deslocação à cooperativa «Margem Esquerda», em Serpa, onde confraternizaram com os trabalhadores rurais.

PRT e LCI SOLIDÁRIOS

O PRT e a LCI anunciaram, ontem, em conferência de Imprensa, que participarão na semana de solidariedade com o povo chileno, aderindo, portanto, ao comício da Intersindical a realizar no Pavilhão dos Desportos.

A adesão destes dois partidos inclui larga difusão de cartazes pela cidade, destaca-se a realização de um colóquio, no próximo sábado, na Faculdade de Letras, com a presença de elementos militantes da resistência chilena. Nesse colóquio será analisada a experiência chilena e a «histórica derrota» das forças progressistas, «devido à via pacífica que

imprimiram ao processo revolucionário, o qual permitiu o reagrupamento das forças da direita e consequente derrube do regime de Allende».

NO PORTO

A comissão concelhia de Gaia do MDP/CDE promove a partir de hoje à noite e até domingo inclusive, uma jornada de solidariedade com a luta

do povo chileno, que decorrerá na sua sede, ao Largo dos Aviadores. Assim estará patente a exposição «11 de Setembro, o Chile debaixo de uma feroz ditadura», realizando-se no sábado à noite um colóquio e ainda a projecção do filme «Quando o Povo Acorda». O colóquio será subordinado ao tema «três anos de resistência popular à ditadura de Pinochet».

O CASO "FLAMA"

Manuel Alegre promete receber trabalhadores

Os trabalhadores da revista «Flama», cuja publicação foi inesperadamente suspensa pela empresa proprietária, vão ser ouvidos pelo Secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre.

Interrogado sobre a situação criada pela decisão da entidade patronal, aquele membro do Governo declarou à ANOP que, uma vez que aquela publicação não tinha intervenção do Estado, a sua suspensão é um problema que ultrapassa o seu departamento. «De qualquer maneira — frisou — a nossa política foi já definida: não haverá mais nacionalizações, não haverá senão em casos extremos, uma política de inter-

venção do Estado ouvirem a intervenção do primeiro-ministro, que fez um apelo à consciência de todos os cidadãos para compreender o estado em que estão as finanças do País e a economia nacional».

Acrescentou que «não haverá mais nacionalizações, nem haverá desnacionalizações. E não faremos uma política de intervenção do Estado, porque se verificou o resultado a que isso já conduziu».

Prometeu, no entanto, ouvir os trabalhadores, acentuando que o problema ultrapassa o seu foro, dado que a «Flama» não estava sob intervenção do Estado, nem era um órgão estatizado».

Suécia concede um milhão de dólares à S.W.A.P.O.

LUSAKA — A Suécia e a Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) assinaram nesta capital um protocolo segundo o qual o Governo sueco fornecerá à S.W.A.P.O. auxílio num valor superior a um milhão de dólares.

O protocolo foi assinado por Mishake Muyongo, vice-presidente da SWAPO, e por Ander

Biurner, encarregado de Negócio da Suécia em Lusaka.

Biurner declarou que o programa de auxílio da Suécia, que inclui ambulâncias, medicamentos, sementes e alimentos, quase que duplicou em relação ao ano passado, o que deve ser considerado um sinal da solidariedade da Suécia para com a SWAPO.

Embaixada do Vietname na R.P.A.

Chegou a Luanda o primeiro embaixador do Vietname, Nukai Bong, que se apresentou na companhia de Ta Van Bong,

primeiro secretário da Embaixada Vietnamita na República Popular de Angola.

Caminhos de Ferro Portugueses



Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

A fronteira de Miranda

do Douro aberta

até 15 de Setembro

A Secretaria de Estado da Emigração Informa que se encontra aberta até 15 de Setembro a fronteira de Miranda do Douro. Todos os trabalhadores emigrantes que, do estrangeiro, se deslocaram para o Norte do País, em gozo de férias, constaram que este posto fronteiriço permite uma economia de dezenas de quilómetros estando servido por óptimas estradas, quer do lado espanhol quer do lado português.

Pelas razões expostas, a Secretaria de Estado da Emigração aconselha a utilização da referida fronteira por parte de todos os trabalhadores emigrantes que pretendam entrar ou sair do País pelo Norte. Evitarão, assim, o congestionamento verificado noutros pontos fronteiriços.

CASA SONOTONE ATENÇÃO

REPAREM NAS GRAVURAS



Antes de usar os tampões



Depois de serem usados

Com estes tampões desaparecem todos os ruídos como, o ressonar, motores da rua e nas fábricas. Protecção total dos ouvidos. Temos as últimas novidades em aparelhos auditivos. Vendemos pilhas de todas as voltagens de mercúrio e carvão. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Também somos oculistas. Temos muito prazer com a vossa visita em:

LISBOA — Poco do Borratém, 33, S/L. — Telef.: 86 83 52
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef.: 02-31 56 02

SABOTAGEM ECONÓMICA EM MOÇAMBIQUE

Fazia sair divisas para importação de tecidos e desembarcavam trapos velhos

Não sabemos se o sr. Artur Mesquita, ex-industrial em Moçambique, sócio-gerente da Investro, fábrica de vestuário que ocupa 420 operários (aos quais pagava 1600 contos mensais) já andou pelos pasquins reacçãoários de Lisboa a evocar a sua honesta actividade naquele país ou a carpir mágoas de saudade do colonialismo. Pela nossa parte temos para contar aos nossos leitores a história de um dos seus negócios, contributo bem revelado por ele dado para a economia da jovem nação moçambicana. A história aliás é divulgada pela revista «Tempo», que se publica no Maputo, da qual com a devida vénia transcrevemos as passagens essenciais. Este caso ajuda a compreender as razões porque certas pessoas dizem que «agora não se pode viver em Moçambique».

UM CAIXOTE DE TRAPOS

«No dia 19 de Agosto — começa por revelar a revista «Tempo» — na zona - A3 do cais do porto de Maputo, registou-se um facto insólito: ao proceder-se à abertura de caixotes

xas embaladas em Hamburgo, cidade da Alemanha Federal, encontraram-se no interior delas dezenas de quilos de trapos. A encomenda destinava-se à Investro, conhecida fábrica de vestuário com sede na capital moçambicana. Nada seria estranho se a Investro ti-

vesse encomendado trapos. Mas ela tinha encomendado tecidos no valor de 15 mil contos pagos em dólares. Devia portanto, ter recebido 327 350 jardas de tecido, aproximadamente 290 000 metros de pano. Os caixotes eram cerca de 80. Que se passou?»

que a mercadoria de facto custará. Alguém pode perguntar: mas então o comprador combina para ser roubado? Não. Ele combina uma coisa mais complicada do que isso. Ele quer que lhe cobrem mais dinheiro do que o preço verdadeiro para lhe darem depois uma parte depositada em nome dele num banco estrangeiro. Combina uma sobrefacturação».

Foi assim que Artur Mesquita sócio-gerente da Investro conseguiu combinar a manobra com a firma «Ferdinand Freese», de Hamburgo, empresa que nem sequer se sabe se de facto existe. Pois nos países capitalistas há empresas piratas que se dedicam a este tipo de negócios.

e o já referido Artur Mesquita. Este era accionista maioritário da Investro e da cadeia de lojas Saratoga. Era um circuito completo. Fabricava para si, comprava pelo preço de fábrica para si e vendia ao preço de público com grandes lucros. Casos como estes, bastante frequentes, levam os moçambicanos à conclusão de que «a sabotagem económica é um

facto directamente proporcional à afirmação do nosso país como base revolucionária» e que quanto mais o capitalismo acreditar na determinação do povo moçambicano mais sabotará, o que só poderá ser travado quando as importações forem controladas pelo Estado.

«Isto é outra guerra e temos que ganhá-la» — afirmam.



Os caixotes chegaram intactos e foram transportados sem escala o que prova a conviência na fraude da firma que os expediu

TRABALHADORES DA INVESTRO INVESTIGAM

Foram os trabalhadores da Investro que estranhando a demora da entrega da encomenda, e a demora do sr. Artur Mesquita que se ausentara para Lisboa e nunca mais voltava, resolveram ir a Hamburgo não se fiando nas cartas revolucionárias que o patrão entretanto ia escrevendo de Lisboa.

Em Hamburgo souberam que o barco já tinha partido e como não fez escala em qualquer outro porto não havia a possibilidade da mercadoria ser roubada.

No cais de Maputo foi verificado que as caixas não tinham sido danificadas e o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Moçambique convocou o embaixador da República Federal Alemã para verificar a fraude cometida por uma empresa do seu país.

A Investro tinha como sócios gerentes Mário Taveira Martins, que abandonou Moçambique, depois do 7 de Setembro,



Estes trapos custaram 15 mil contos de divisas ao povo moçambicano. O sabotador está em Lisboa e certamente, como muitos outros, ainda calunia a República Popular de Moçambique, contribuindo para dificultar as relações de amizade entre Portugal e aquele novo país do Índico

estude!

GANHE MAIS DINHEIRO!

CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA

Desde 1947

Recorte o cupão e envie-o

HOJE MESMO

(indique um só curso)

CURSOS EM PORTUGUÊS

Rádio, Electrónica, TV
Desenho e Pintura
Relações Públicas

Secretariado
Electricidade
Fotografia
Inglês

Cultura Geral
Corte e Costura
Vendas/Marketing

CURSOS EM ESPANHOL

Técnico de Automóveis

Mecânico de Automóveis * Motores Diesel

Electricidade do Automóvel * Maquinaria Agrícola

Mecânico de Aviação * Mecânico de Helicópteros

Piloto Desportivo e Comercial

Ajudante de Laboratório Químico

Auxiliar de Farmácia * Técnico de Plásticos

Desenhador Mecânico * Desenhador Projectista

Desenhador de Construção de Obras

Desenhador de Carpintaria e Marcenaria

Canalizador e Saneamento * Construtor de Obras

Formação de Pais * Educação Sexual * Publicidade

Pede o envio do livreto sobre o curso de

GRÁTIS

Nome

Morada

Localidade

DL/12

CBC Alvaro Torrião * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

A revista moçambicana revela depois que não é a primeira vez que acontecem coisas destas. Já tem acontecido que em lugar de máquinas novas venham máquinas velhas, ou até caixotes de pedras.

«Os capitalistas internos, salienta, são aliados naturais das multinacionais e de todos os capitalistas estrangeiros».

Vejamos como elas funcionam e como se processam os esquemas de sabotagem económica detectados pelas autoridades moçambicanas, iguais aliás em toda a parte.

«Uma empresa particular de Moçambique frequentemente necessita de importar material. Os patrões da empresa pedem o boletim respectivo, abrem crédito num banco (a encomenda que veio em forma de trapos tinha 20 créditos em quatro bancos) e enviam um telegrama ou uma carta a uma firma estrangeira pedindo cotações ou o preço total da mercadoria. A resposta vem e não vem e lá vão eles de avião contactar pessoalmente a firma vendedora. Reunidos num gabinete com os capitalistas lá de fora combinam um preço mais elevado do que aquele

MADEIRA

VIAGENS ESPECIAIS em AVIÃO FRETADO desde

1 a 5 OUT 3 040\$ (4 noites)

29 OUT a 1 NOV (3 noites)

30 NOV a 8 DEZ (8 noites)

(feriados de OUT-NOV-DEZ)

Europa

SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

COLOCAÇÕES

PLENÁRIOS DISTRITAIS

Convocam-se todos os professores dos respectivos distritos para plenários com a seguinte ordem de trabalhos:

— Análise da recente legislação sob colocações de professores do ensino primário CPES e Secundário.

SETÚBAL

DIA: 4.ª-feira dia 15
HORA: 21.30 horas
LOCAL: Ginásio Liceu Nacional

LISBOA

DIA: 5.ª-feira dia 16
HORA: 21.30 horas
LOCAL: A confirmar

SANTARÉM

DIA: 6.ª-feira dia 17
HORA: 21.30 horas
LOCAL: Ginásio Esc. Com. Ind.

A DIRECÇÃO

Nacional

SUPER EXPOSIÇÃO saturno

MÓVEIS SATURNO apresentam
agora a público a sua linha
ECONÓMICA e STAR

QUARTO CASAL	11 940\$00
SALA DE JANTAR mesa e 6 cadeiras c/ movel de 2,50X2,12	26 055\$00
SALA DE ESTAR movel c/ barra de alumínio 3,10X2,12	22 959\$00
JOGOS DE MAPLES c/ sofá-cama em tecido	6 000\$00
LOJA 1 — Rua da Paiã 34-A — Palameiras — Odivelas aberto até às 23 horas incluindo Sábados e Domingos	
LOJA 2 — Rua Coelho da Rocha, 37-A — Campo d'Ourique Aberto até às 20 horas	



SOLIDARIEDADE COM O POVO DO CHILE

SÁBADO 11 DE SETEMBRO, ÀS 21.30 H.
GRANDE COMÍCIO NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

DOMINGO 12 DE SETEMBRO, ÀS 21.30 H.
FESTIVAL DA CANÇÃO DE LUTA, NO TEATRO
DA TRINDADE

Dia 11 de Setembro, passam-se três anos desde que o povo do Chile viu temporariamente interrompida a sua liberdade.

A reacção interna e externa, o imperialismo, tudo fizeram, de todos os meios se serviram para derrubar o Governo Constitucional de Unidade Popular de Salvador Allende e restaurar uma das mais odiosas ditaduras fascistas da história da humanidade.

A liberdade foi interrompida, mas a LUTA CONTINUA, e na unidade de todos os trabalhadores chilenos, que podem contar, hoje e sempre, com a solidariedade internacional de todos os trabalhadores, a liberdade será reconquistada e a ditadura fascista aniquilada.

A CUT, todo o povo trabalhador chileno têm e terão sempre, o apoio e a solidariedade de combate da Federação Nacional dos Sindicatos Metalúrgicos e por ela a de todos os metalúrgicos portugueses.

TODOS AO COMÍCIO!
TODOS AO FESTIVAL DA CANÇÃO DE LUTA!

O CHILE VENCERÁ!

LISBOA, 9/9/76

AÇORES

Despacho polémico retém traineira de Peniche

Continuava esta manhã detido às ordens da Capitania da Horta, o navio de pesca longínqua «Luís Mário», pertencente a uma cooperativa de Peniche que, há cerca de 11 dias, foi aprisionado ao largo da costa dos Açores, sob a acusação de actividade piscatória irregular. A retenção do

navio, que já causou aos cooperantes mais de 200 contos de prejuízos, fundamenta-se num despacho da Junta Regional dos Açores, assinado ainda pelo general Altino de Magalhães, que proíbe a pesca no interior do limite de 12 milhas marítimas com aparelhos como o «trolley» ou palangre.

do.

A propósito do incidente, o Governo dos Açores emitiu, entretanto, ao princípio da noite de ontem, o seguinte comunicado: «Por ter sido apanhado a pescar pelo método de «trolley» a cerca de uma milha do Cais-do-Mourato, na vizinha ilha do Pico, o que é contra uma recente deliberação da agora extinta Junta Regional dos Açores, encontra-se aprisionada no porto artificial da Horta, a traineira de Peniche «Luís Mário».

A solução deste delicado problema encontra-se agora dependente das instruções a receber de Lisboa, da Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo. Enquanto isto os 21 tripulantes do «Luís Mário» recusam-se a descarregar o pescado, apesar da presença no local de elementos da P.S.P.

C. I. preocupado com o fecho de jornais

As questões emergentes do recente decreto-lei que pune determinados tipos de «injúrias e difamações através da imprensa», problemas relacionados com o fecho dos jornais, e a liberdade de imprensa perante os poderes políticos e económicos, mereceram do Conselho de Imprensa, ontem reunido, a definição de pontos «mais importantes», passando assim por cuidadosa análise.

Debatidos aqueles pontos, o C. I., que a partir de ontem passou a contar com a presença de Proença de Carvalho, director do «Jornal Novo», como representante dos responsáveis pelas publicações diárias — e após desistência do prof. Vitorino Nemésio —, reiterou as posições assumidas um mês antes e deliberou oficial ao Governo a sua total independência para o cumprimento das suas funções legais.

O C. I. deu também parecer sobre um projecto de alteração ao artigo 10.º da Lei de Imprensa que lhe foi recomendado pelo Sindicato dos Jornalistas, tendo também começado a apreciar, em toda a sua extensão, o problema referente ao encerramento dos jornais e as consequências daí resultantes. Ocupou-se, ainda, de algumas queixas que lhe foram apresentadas e de outros assuntos.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

SECRETARIA

AVISO

Previnem-se os Senhores Consumidores de água, na zona do Monte de Caparica (incluindo Raposo, Bairro da Figueira, Murfacém e Costas de Cão) que, no próximo domingo, dia 12 de Setembro, por motivo de corte de energia da UEP ao Posto de Transformação do Monte de Caparica, irá eventualmente, faltar a água nas zonas em questão, a partir das 10.00 horas, até às 17.00 horas.

Almada, 7 de Setembro de 1976

O Conselho de Administração

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — Lisboa-1
Telefone 77 02 74

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 34.º dos Estatutos, convocam-se todos os associados deste Sindicato a reunir em Assembleia Geral Extraordinária no dia 22 do corrente mês, pelas 21 horas, no Cinema Voz do Operário, sito na Rua Voz do Operário, n.º 9 em Lisboa, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º Congresso dos Sindicatos
- 2.º Tomada de posição em relação às contrapropostas apresentadas pelas associações patronais e pela Rodoviária Nacional.

Lisboa, 7 de Setembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Nunes Mosteiros



Fins de semana em TANGER
Partidas todos os Sábados
Preços desde ... 2 350\$00

Uma semana em TANGERS
Partidas todos os Sábados
Preços desde ... 3 650\$00

CIDADES IMPERIAIS

Partidas todas as 2.ª-Feiras
Preços desde ... 8 380\$00



CONSULTE

BUISSON
VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 40459-40468-550388
Telg. BUISTOUR-Telex 12762
UMA AGÊNCIA MODERNA COM
MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA

As contas em dia

Quem paga as favas?

Avolumam-se, diariamente, os sintomas de uma vasta ofensiva patronal: despedimentos (colectivos ou individuais), incumprimento dos contratos colectivos, «lock out», agressão e despedimento de sindicalistas, recusa em negociar os C. C. T's etc.

Do teor do discurso do Primeiro-Ministro, na quinta-feira, não é possível, retirar a conclusão de que a «agitação social larva», a que se referia seja imputável ao patronato reaccionário. Nem sequer se pode concluir que estejam a caminho medidas disciplinadoras do patronato.

Resulta, pois, daquelas declarações alguma apreensão que já começa a tomar corpo entre os trabalhadores. Que futuro nos espera? Recuperação do País à custa de quem?

É lacunar o discurso do Primeiro-Ministro. Aos trabalhadores são imputadas graves responsabilidades. Dos patrões, sabotadores e exploradores, não se fala.

E O «LOCK OUT»?

Enquanto o Primeiro-Ministro promete facilidades no domínio do despedimento, em termos que não vemos como podem ser conciliáveis com a segurança de emprego garantida constitucionalmente, diversas entidades patronais recorrem ao encerramento de empresas, lançando os trabalhadores no desemprego.

No momento em que o Governo se propõe regular com maior rigidez o exercício do direito à greve, retirando às próprias assembleias de trabalhadores o poder para a decretar (poder este, que, inversamente ainda há pouco tempo era admitido pelo ministro do Trabalho em declarações ao nosso jornal); na ocasião em que anuncia já estarem elaborados os diplomas reguladores da contratação colectiva e do horário nacional de trabalho — o patronato ataca pondo directamente em causa a proibição constitucional, clara e concisa do «lock out». Conta, para isso, com o vácuo legislativo que data do VI Governo Provisório e se prolonga em tempo de Governo Constitucional.

O «lock out» é proibido — diz a Constituição. Haveria que reafirmá-lo na legislação corrente, e, sobretudo estabelecer as penalidades correspondentes à violação do preceito. Mas o Governo não o faz. Ou, então, o Primeiro-Ministro calou.

Entretanto, por esse País fora, os trabalhadores arriscam-se a bater com o nariz na porta, ao começar o dia de trabalho, perante a impunidade dos patrões que os lançam no desemprego. E que ainda aguardam, de mão beijada, facilidades para despedir (já prometidas).

E AS REINTEGRAÇÕES

Cosas deste tipo levam a olhar com apreensão a segurança de emprego dos trabalhadores.

Mas não só. O Primeiro-Ministro decreta a necessidade de disciplina no trabalho que faz depender dos gestores das empresas, sejam eles nomeados pelo Estado ou pelas entidades privadas (pelos patrões). Mas, em que medida se encontra o Governo habilitado para fazer

cumprir, a esses mesmos gestores, as leis que decreta e os seus próprios actos administrativos? Que medidas se antevêm? Silêncio.

Entretanto, continuam por reintegrar dezenas de trabalhadores saneados pelos patrões (exemplos: Têxtil Manuel Gonçalves, Coronado, Ferreira e Reis). Apesar das declarações de Marcelo Curto, segundo as quais o assunto estaria resolvido até ao fim do mês passado. Onze dias depois, os trabalhadores continuam na rua; mas os patrões mantêm-se inflexíveis no seu desafio ao Governo. E este, calado.

OUVIR OS TRABALHADORES

O Primeiro-Ministro falou de projectos de leis do trabalho, já prontos. Deu a entender que os trabalhadores seriam ouvidos mas não disse como.

Que os trabalhadores serão ouvidos — não é novidade. Está na Constituição, é um dos seus direitos inalienáveis. O como é que já deveria ter sido regulamentado, tal como anunciou o ministro do Trabalho.

Suscita-se a dúvida: se os trabalhadores têm de ser ouvidos sobre as leis que lhes dizem respeito, não seria processualmente mais correcto estabelecer previamente, com o seu acordo, o modo de os consultar?

Estamos em crer, que, para o Governo se não trata de uma questão secundária. Ou será?

C C T's: OBRIGAR OS PATRÕES?

OU DESARMAR OS TRABALHADORES?

A existência de problemas laborais é um facto. No seu discurso, o Primeiro-Ministro esqueceu, ao atribuir responsabilidades aos trabalhadores, que os conflitos de trabalho são, na realidade, ditados a maior parte das vezes pelas entidades patronais (nomeadamente, incumprimento dos contratos colectivos). Esta verdade transparece habitualmente nas notícias de alguns jornais, cuja minuciosidade parece, aliás, ter preocupado o Primeiro-Ministro.

O Governo terá de intervir neste domínio — e é de crer que os argumentos invocados pelo dr. Mário Soares não sejam de modo algum compreendidos pelos trabalhadores, que desejam ver cumpridos os contratos colectivos que tanto lhes custaram a negociar.

Aliás, também a contratação vai ter novas normas — disse-o o chefe do Governo. Esperamos que, desta feita, se consagrem preceitos que não permitam a permanente sabotagem das negociações por parte das associações patronais. Dai deriva a quase totalidade dos conflitos colectivos de trabalho, que desembocam, necessariamente em formas de radicalização que desagradam ao Primeiro-Ministro.

Ainda aqui, a solução deve ser bem ponderada: a história do movimento dos trabalhadores mostra que não é desarmando-os que se impede a sua luta. Bem pelo contrário.

E. L.

"CABOS AVILA"

Em estudo a hipótese de intervenção estatal

Atendendo finalmente ao desejo expresso pelos trabalhadores, da fábrica de condutores eléctricos Diogo D'Ávila, o representante do Ministério da Indústria e Tecnologia, em reunião ontem realizada com os elementos das Comissões de Trabalhadores e Sindical daquela empresa, prometeu apresentar ao Governo o pedido de intervenção do Estado, acompanhado do relatório elaborado pela comissão de peritagem encarregada de analisar a situação dos Cabos Ávila.

Conforme temos noticiado, vêm de há tempo a manifestar receio pelo futuro dos seus postos de trabalho, acusando a administração de manobras antioperárias que põem em causa os destinos da empresa.

Conforme temos noticiado, vêm de há tempo a manifestar receio pelo futuro dos seus postos de trabalho, acusando a administração de manobras antioperárias que põem em causa os destinos da empresa.

Profissionais das Telecomunicações:

Repúdio pelos ataques ao movimento sindical

Em moção aprovada por maioria contra apenas dois votos contra, os profissionais das telecomunicações e rediodifusão, reunidos na sede do seu sindicato em Lisboa, depois de análise à exposição feita ao país pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, decidiram: «Manifestar o seu repúdio pelos ataques ao Movimento Sindical, que mais não visam que dividir os trabalhadores para melhor servir os interesses do capital; repudiar as medidas que visam tirar

regalias aos trabalhadores sem ouvir os seus organismos de classe; manifestar a sua apreensão pelo perigo que correm as conquistas alcançadas pelos trabalhadores; considerar que só a unidade dos trabalhadores impede que qualquer força consiga vencê-los e apoiar a Comissão Provisória Organizadora do «Congresso de todos os Sindicatos para a Unidade, na certeza de que do mesmo sairá grande e inenunciável a Central Única de Trabalhadores portugueses».

SINDICATO CONFIRMA

500 trabalhadores da Cambournac ameaçados de despedimento

A propósito da recente conferência de Imprensa dada pela Comissão de Trabalhadores e Comissão Sindical da Tinturaria Cambournac, recebemos do Sindicato dos Trabalhadores dos Têxteis de Lisboa, Lanifícios e Vestuário do Sul, um documento do qual constam as observações que reproduzimos:

«1 — Na referida conferência de Imprensa foram feitas duas acusações à direcção do Sindicato, acusações essas feitas por um elemento da Comissão Sindical (trabalhador metalúrgico que não pertence a este Sindicato) e por um outro trabalhador que falou a nível individual.

«2 — Em relação ao facto de a Comissão Administrativa desmentir que haja um plano de despedimento de 500 trabalhadores, a única coisa que podemos dizer é que se trata de um jogo de palavras, na medida em que existe um relatório da responsabilidade da mesma C. A. (com a colaboração do G. I. S. T. — Grupo de Intervenção para o Sector Têxtil — e colaboração do secretário de Estado da Indústria Ligeira — o patrão José Rabaça) em que se aponta a necessidade de

despedimento de 500 trabalhadores para que a empresa tenha viabilidade económica.»

150,00

METODO MATEMATICO PARA TRABALHADORES DE PEÇAS METÁLICAS

Editora EDIÇÕES ARMANSIL DE av. Colúmbano Brandão, pinheiro n.º 7 5.º eq. LISBOA Distribuidor LIVRARIA BERTRAND

aceitam-se pedidos por correspondência com portes pagos pelo editor

Trabalho

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE VESTUÁRIO, LAVANDARIAS E TINTURARIAS DO DISTRITO DO PORTO

Os Delegados Sindicais presentes na Reunião Geral de Delegados Sindicais realizada no dia 9/9/76, aprovaram a seguinte:

MOÇÃO

- Considerando que o Congresso de todos os Sindicatos portugueses deverá ser um marco importante para a unidade de todos os trabalhadores
- Considerando que a unidade não se faz a nível de direcções sindicais mas a nível de trabalhadores no exercício de práticas democráticas
- Considerando que é necessário não deixar qualquer abertura que possa facilitar a contestação do Congresso por trabalhadores
- Considerando ainda, que é preciso confirmar ao Governo que os trabalhadores exigem a unidade sindical
- Considerando que é discutindo conjuntamente, Federações, Unões, Direcções e Trabalhadores, que as falsas afirmações de divisionismo se combatem
- Considerando ainda que no Congresso dos Têxteis a participação dos trabalhadores foi um facto, e o Congresso uma vitória

EXIGIMOS

- 1 — Que no Congresso de todos os Sindicatos portugueses participem para além das direcções sindicais, também trabalhadores eleitos para esse fim.
- 2 — Que cada congressista tenha direito a um voto podendo assim discutir e votar, única forma de não ser vetado qualquer direito.
- 3 — Que a representação no Congresso se faça de acordo com os trabalhadores que cada Sindicato representa.

**PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES
PELA DEMOCRACIA PROLETÁRIA
POR UMA CENTRAL SINDICAL ÚNICA
PELA UNIDADE
UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS**

Porto, 9 de Setembro de 1976

APROVADA POR MAIORIA COM DUAS ABSTENÇÕES
OS DELEGADOS SINDICAIS

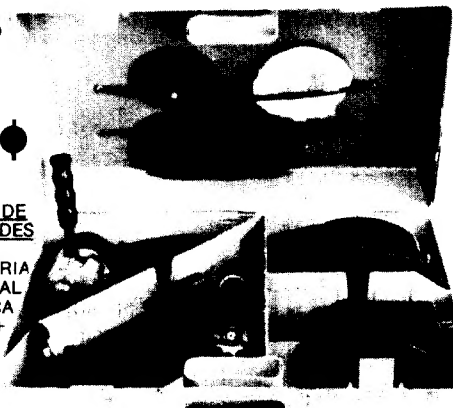
nova remessa super-jogo Black & Decker

EM ATRAENTE ESTOJO DE PLÁSTICO

2195.

EQUIPADO COM

- POTENTE BERBEQUIM DE 13 m/m 2 VELOCIDADES
- SERRA CIRCULAR
- LIXADORA VIBRATÓRIA
- SUPORTE HORIZONTAL
- CATRABUXA TIPO TAÇA
- REBOLO DE ESMERIL + VEIO ADAPTADOR
- FLANGEDEBORRACHA
- 6 DISCOS DE LIXA + BÓINA DE POLIR

**QUANTIDADE LIMITADA!**

ALFREDO A. MOREIRA, LDA.
(a Casa dos Berbequins)

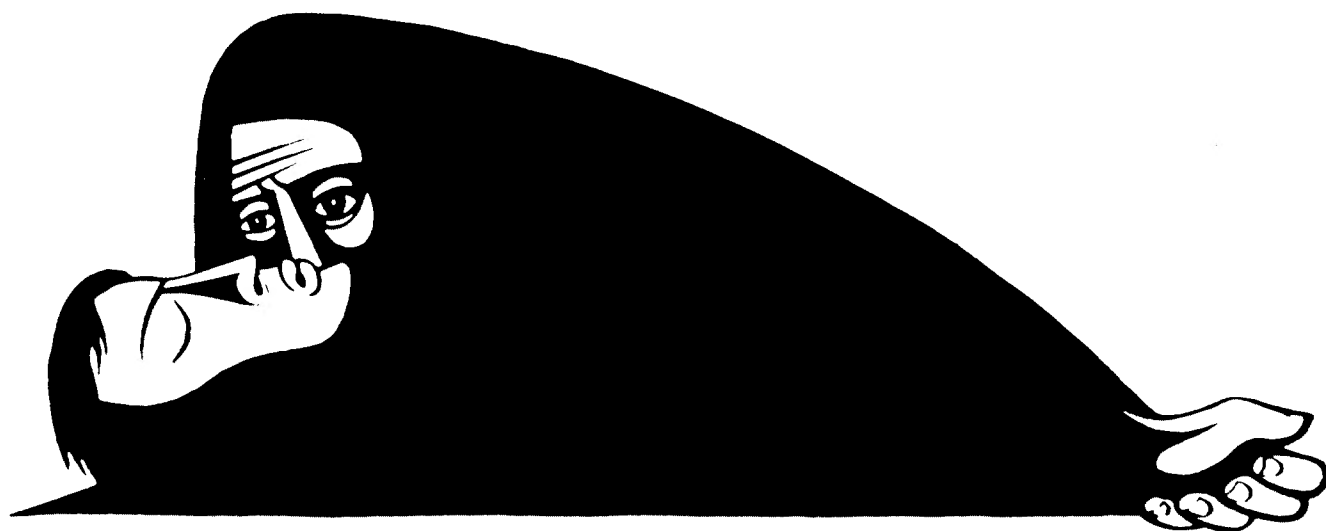
Venha já ou peça pelo correio a cobrança
sede: Rua Ferreira Borges, 16-18
Telex: 66 21 46 - 66 66 56 - LISBOA

Loja "HOBBY" no Drugstore Apolo 70
Av. Júlio Dinis, 10-A Telex: 77 40 94 - LISBOA
Aberto todos os dias até à meia-noite

QUEIRAM ENVIAR-ME CONJUNTO SUPER - JOGO 2195\$00 + 60\$00 PARA PORTES

Nome _____
Morada _____

Estrangeiro



Faz hoje três anos que as Forças Armadas chilenas, comandadas pelo carrasco Pinochet, assassinavam Salvador Allende, incendiavam o palácio presidencial e semeavam o terror, a morte e a angústia em todo o Chile.

O drama chileno começava. Milhares de homens e mulheres viram as suas vidas invadidas por um quotidiano de tragédia em que a prisão, a tortura e o assassinato assentavam arraiais e transformavam o Chile num vasto cemitério, num vasto calabouço.

Tal como um cilindro compressor, as liberdades foram esmagadas e a repressão erigiu-se em sistema governativo. Todos os tipos de eleição popular foram abolidos. O direito à greve, suprimido. A nível do país, «a denúncia de todos aqueles que se opõem ao Governo de Salvação Nacional» foi imposta pelos generais como «um dever moral para com a pátria». Por decreto, as classes sociais foram «extintas» e no Chile de 1976 apenas existem — aos olhos da Junta — duas espécies de indivíduos: os incondicionais do

regime, considerados como «patriotas» ou então, os «políticos, os marxistas e os extremistas, que é necessário liquidar».

Para chegar a essa situação foi preciso que uma teia implacável se urdisse para assassinar um processo que, embora contraditoriamente, avançava lentamente para uma sociedade mais justa, mais humana.

O objectivo foi alcançado, no dia 11 de Setembro de 1973, pela conjugação das forças da reacção interna e externa empenhadas, num bloco compacto, em afundar o Chile num mar de sangue. Hoje os objectivos são outros: fazer desaparecer do Chile todos os traços das condições políticas e sociais reinantes durante o Governo da Unidade Popular.

Abordar certos pontos-chave do desenrolar deste doloroso processo, pretende ser o objectivo das linhas que se seguem. Isso porque aquilo que se passou no Chile, no dia 11 de Setembro de 1973, ficará na História dos povos como «algo que aconteceu a todos nós» e que é necessário compreender...

O CHILE TRÊS ANOS D



A MORTE É UM NEGÓCIO E O NEGÓCIO CORRE BEM...

A eleição de Salvador Allende, no dia 4 de Setembro de 1970 com uma maioria parlamentar relativa de 36,3 por cento, marca o despertar não só da vontade de uma parte do povo chileno de seguir os caminhos do socialismo, mas também de um novo tipo de guerra total e subtilmente violenta contra a democracia então nascente.

Com efeito, foi aí que começou uma das escaladas mais complexas e tenebrosas que a nossa época conheceu e que tinha como autores a reacção chilena e o imperialismo americano. Essa guerra — uma experimentação das estratégias futuras! — culminou com o golpe de Estado sangrento do fascista Pinochet. Durante três anos todos os meios foram bons para destruir todas as hipóteses que o povo chileno possuía para construir um futuro melhor.

Desde os métodos já conhecidos que se destinam a criar atitudes que funcionem como barreiras intransponíveis num processo de transformação de uma sociedade até às técnicas mais modernas de condicionamento psicológico e ideológico, tudo foi utilizado.

CIA E «DÓLARES»

Os Estados Unidos, mestres na matéria, foram os grandes

animadores do processo de aniquilação da jovem democracia. Por intermédio da C. I. A., o imperialismo americano apoiou e fomentou os mais variados ataques contra o Governo de Salvador Allende tanto no domínio económico e político como nos aspectos intimamente ligados ao terrorismo.

Com o apoio da C. I. A., em armas e dinheiro, os grupos fascistas locais começaram a desenvolver um trabalho que apontava a curto prazo para um novo «Djakarta», ou seja: para a destruição física das forças de esquerda. Mas os atropelos e ataques dos E. U.

A. contra o consagrado direito «de um povo escolher livremente o seu futuro» não se limitam às ajudas fornecidas à reacção chilena. Eles próprios, fiéis ao seu passado de dominação e intervenção brutal nos sítios mais recuados do planeta, abriram as hostilidades cortando os créditos a curto prazo referentes às importações e exercendo pressões para que a «Eximbank» e o Banco Mundial seguissem a mesma via.

Paralelamente, os Estados Unidos exerciam pressões sobre os países credores do Chile para que os mesmos não aceitassem o prorrogamento da dívida externa chilena ou então para que a «renegociassem» de maneira a que os ju-

ros fossem «razoavelmente» elevados...

A esta ofensiva dos E. U. A.

anuíram não só os bancos americanos e os bancos internacionais com capital america-



«Oh Portugal / cesta de fruta y flores» — o autor destes versos, Pablo Neruda, foi uma das vítimas do fascismo chileno

no (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento, Banco Interamericano para o Desenvolvimento, Agência Internacional para o Desenvolvimento, Banco Mundial, etc.) bem como os bancos europeus preocupados em agradar aos monopólios americanos.

A PARTICIPAÇÃO DOS E U A

A agressão cometida pela «Kenecott» é um exemplo odioso da ingerência imperialista no Chile e a demonstração desse conflito endémico e agudo entre o imperialismo «yankee» e a luta de libertação dos povos sob a sua tutela. Não podendo levar avante, perante o «Club de Paris», a sua posição segundo a qual a renegociação da dívida dependia da indemnização das companhias mineiras expropriadas, a «Kenecott» fez tudo o que lhe foi possível para desorganizar o comércio exterior do cobre, chileno, voltado na sua maior parte para exportação em direcção à Europa.

Conseguindo obter da França e da Suíça um embargo preventivo sobre os pagamentos, referentes ao cobre chile-

no recebido por aqueles países, a «Kenecott» criaria um clima de insegurança sobre a principal prova de solvabilidade do Chile em relação aos seus credores europeus.

Mas as manobras do imperialismo americano não se limitaram como é óbvio, ao sector económico. A CIA, para além de ajudar os grupos terroristas, preparava subterraneamente a queda de Salvador Allende e do Governo da Unidade Popular. Como na arte de fazer verter o sangue os americanos são eméritos, grandes quantidades de armamento começaram a ser introduzidas no Chile pelos agentes da CIA, bem como material moderno e sofisticado com o fim de destruir aquilo que nem o «bloco» económico americano nem as eleições de Março de 1973 (a Unidade Popular passa dos 36,3 por cento obtidos em 1970 para 47 por cento...) tinham podido realizar: a determinação dos trabalhadores chilenos em prosseguir a luta pela sua total libertação e emancipação.

Nos bastidores da Embaixada americana tramavam-se greves corporatistas, incêndios e sabotagens, ao mesmo tempo que se exercia, através dos comandos fascistas locais (pagos, vestidos e armados pelo Departamento de Estado Norte-Americano) atentados e as-

Estrangeiro

DEPOIS



Os defensores da «civilização cristã e ocidental» não hesitam em tratar deste modo os seus «irmãos» quando os interesses de classe estão em jogo

sassinatos sobre elementos afectos aos partidos de esquerda.

«BODY QUOTA SYSTEM»

Entretanto, e com a ajuda da Central Intelligence Agency, numerosos «gorilas» pertencentes às polícias secretas dos países vizinhos infiltravam-se no Chile, clandestinamente, e esperavam o previsível golpe de Estado para poderem «caçar» os dez mil refugiados políticos latino-americanos que ali tinham encontrado uma terra de exílio.

Mas se a polícia imperialista dos Estados Unidos, a sua estratégia global implica intervenções militares, assassinações e ingerência económica, a infiltração ideológica também faz parte da panóplia que os E.U.A. possuem para impor ao mundo inteiro a salvaguarda dos interesses do «American Way of life»...

Neste aspecto não podemos esquecer a penetração ideológica conseguida através do

cinema, da rádio, dos jornais, da televisão, etc. Se juntarmos a isso as diversas bibliotecas «yankees» espalhadas por toda a América Latina e o controlo exercido pelos «country-selling government» (governos que vendem o seu país e que são os moços de recados do imperialismo americano) sobre os programas de ensino, teremos um retrato completo desse aparelho colossal que é o poder de infiltração ideológica do imperialismo americano na América Latina e no mundo.

Antes de deixarmos os aspectos relativos às intervenções criminosas do imperialismo norte-americano no processo chileno, queremos focar dois pontos já amplamente provados: a CIA participou, embora de maneira indirecta, no assassinato do general Schneider, comandante em chefe das forças armadas chilenas, que aceitou o resultado obtido por Allende nas eleições de 1970. Por outro lado, a CIA financiou operações do tipo «body quota system» ou seja, pagar por cada morte causada nas fileiras da esquerda, uma determinada soma, um determinado preço...

OS «GORILAS» E A «SOUTHERN COMMAND»

Crueldade e fascismo são dois conceitos inseparáveis. A alegria e romantismo do Chile de Allende responde hoje o Chile sangrento de Pinochet, as piras de livros e o uso dos mais refinados métodos de tortura. No seio de uma histeria anticomunista e uma vez invertida bruscamente a marcha do Chile para uma sociedade de rosto humano, a morte é um negócio e o negócio corre bem...

Mais de 30 mil pessoas assassinadas, mil e quinhentas desaparecidas, pelo menos 45 mil presos políticos e a utilização constante da tortura constituem o saldo repressivo da Junta militar chilena.

A tortura vai hoje muito além dos métodos tradicionais, e inclui, desde a aplicação da electricidade sob as mais diversas formas até à violação de mulheres ou flagelação de menores na presença dos seus parentes mais chegados para lhes arrancar confissões.

Os torturadores chilenos re-

correm ao arranque de dentes e unhas com pinças, injeções de ar nos seios, introdução de ratas nas vaginas, torções de órgãos, obrigação de assistir a fuzilamentos e castigos infligidos a outros presos bem como violação de mulheres por cães amestrados.

Ajudados pelos «gorilas» brasileiros que já anteriormente tinham prestado «serviço» no Uruguai, na luta contra os Tupamaros e na Bolívia, quando do golpe fascista de Banzer, os chilenos passaram a ser mestres na arte de torturar e de assassinar. Copiando sem dúvida o que o boletim militar «Militarvissensafibe Rundschau» do exército nazi de Hitler escrevia em 1942 — «Juntamente com a destruição dos ossos, músculos, artérias e veias devem-se desfazer os nervos...» — os fascistas chilenos, por intermédio das técnicas mais modernas transformaram a tortura no «pão nosso de cada dia» do povo chileno.

Nos estádios, nos campos de concentração, nos barcos-prisão (o navio-escola «Esmeralda» e os navios de carga «Maipu» e «Levu» da Companhia «Suramerica de Vapores» bem como outros que partiram para o largo repletos de gente e que regressaram vazios, estão lá para o testemunhar...) a tortura é o princípio e a morte é o fim.

Uma vez mais o imperialismo americano encontra-se implicado até ao pescoço nesta tenebrosa realidade. As técnicas de tortura cultivadas pelos nazis chilenos vêm directamente da «Southern Command» o que ao mesmo tempo que assume o papel de uma central de informação (espionagem) americana é uma «Universidade militar» na zona do Canal de Panamá que funciona como placa giratória da repressão em toda a América Latina. É nessa «Universidade» do crime e da repressão que se aprende a esmagar as lutas dos países latino-americanos contra o imperialismo e seus lacaios.

O golpe de estado de Pinochet foi algo de muito bem preparado para o que o Chile se visse condenado a ficar decapitado, durante largos anos, dos seus filhos mais queridos, mais conscientes.

Preparado de longa data o golpe «estourou» no dia 11 de Setembro de 1973. Antes porém, um ensaio geral tinha tido lugar, no dia 29 de Junho, quando um regimento de «tanks» se atacou ao Palácio presidencial. Reprimido pelas forças fieis ao general Prats e pelos trabalhadores dos «cordões industriais», o «Tancazo» não era nada mais nada menos que uma manobra tendente a descobrir quais as forças com que se poderia contar mais tarde.

A violência extraordinária com que os militares atacaram os bairros populares e as fábricas (a fábrica «Suman» ficou totalmente destruída) provocou um número incalculável de mortos e definiu claramente a intenção dos militares: matar por todos os meios! Os fuzilamentos e as prisões foram a nota dominante dos primeiros dias vividos pelo Chile após o 11 de Setembro. O terror instalou-se e o mundo assistiu com noze e angustia ao desenrolar trágico de um holocausto, de um genocídio.

O Chile de Allende e da Unidade Popular não é só uma data relativa ao passado. Pode ser, para certos países, uma data do futuro... Para o evitar compreender e analisar o Chile de 1970-1973 é um dever, é uma necessidade para todos aqueles empenhados na salvaguarda das liberdades e de milhares de vidas humanas. A tragédia chilena pode repetir-se. Urge evitá-la...



«... nenhuma agonia nos fará morrer» — eis a legenda — tirada de um poema de Pablo Neruda — ostentada neste cartaz da União das Juventudes Comunistas de França. Por todo o Mundo se desenvolveu um amplo movimento de solidariedade para com os revolucionários chilenos

THE WHITE HOUSE
WASHINGTON

November 9, 1970

Dear Mr. Morriam:

Thank you very much for your letter of October 23 and the enclosed paper on United States policy toward Latin America. I have read it carefully and I have passed it to those members of my staff who deal with Latin American matters. It is very helpful to have your thoughts and recommendations, and we shall certainly take them into account. I am grateful for your taking the time to give them to me.

With best regards,

Henry A. Kissinger
Henry A. Kissinger

Esta carta de Kissinger a agradecer à I.T.T. as sugestões sobre a política norte-americana na América Latina é uma prova concludente da conjura da I.T.T. e do envolvimento de Kissinger nos acontecimentos



Estrangeiro

O fundador do Paquistão

O Paquistão celebra este ano o centenário do nascimento do «pai da Pátria», Ali Jinnah — conhecido nacionalmente pelo nome de Quaid-e-Azam Mohammed Ali Jinnah — que faleceu no dia 11 de Setembro de 1948. Publicamos hoje algumas informações sobre aquele país muçulmano da Ásia, e um artigo sobre Ali Jinnah, da autoria de um cidadão paquistanês, A. M. K. Maswani, distribuído pela embaixada daquele país.

Não é raro acontecer que as personalidades de grandes homens vão perdendo o seu carisma no decorrer da própria história, enquanto que alguns dos aspectos mais escuros emergem das sombras e o seu encanto retrocede para segundo plano. Isto porém não acontece com o Fundador do Paquistão, Mohammad Ali Jinnah, conhecido do seu povo como Quaid-e-Azam, o Grande Chefe.

Este facto torna-se mais convincente visto que passados vinte e oito anos após a morte do grande homem, o seu povo ainda clama «Quaid-e-Azam Zindabad» (para sempre).

Podemos dizer e repetir mil vezes que os ingleses foram forçados a retirar da Índia, devido às circunstâncias naturais originadas da Segunda Guerra Mundial. Contudo eles tinham pouca razão para conceder o Paquistão, o nome de um país que não tinha sido grande entidade política uma década antes dos ingleses se retirarem. Os ingleses tiveram de abandonar um sonho de duzentos anos, construído assiduamente e acalentado através de seis ou sete gerações de homens, e da unidade da Ásia do Sul.

O Paquistão foi construído apenas por duas forças: Quaid-e-Azam e o consenso dos Muçulmanos da Ásia do Sul, e das duas, a primeira era a maior. Pois se não tivesse havido um Jinnah não teria havido nenhum consenso dos muçulmanos. Mesmo isto tinha

sido alcançado através dos esforços contínuos e incansáveis de Quaid-e-Azam e graças à sua personalidade notável e carismática.

O triunfo do Paquistão foi, por conseguinte, o triunfo de Quaid-e-Azam.

Sem dúvida que aqueles que aprofundam a história podem indicar muitas outras forças que grandemente contribuíram para o alcance daquele consenso muçulmano que permitiu que Quaid-e-Azam construísse o Paquistão. No topo da lista destes estaria Iqbal, o poeta do Paquistão e do Oriente. Ele foi sem dúvida uma força em si, com o seu poderoso instrumento da poesia que sacudi os muçulmanos do seu entrecimento. Antes dele, havia como se sabe, Sir Syed Ahmad Khan e a sua escola.

Todas estas forças tinham estado a tentar escavar a configuração dessa verdade que estava enterrada nos escombros da queda do Império Mongol e das suas consequências. Mohammad Ali Jinnah, Quaid-e-Azam, não só varreu todos esses escombros do caminho com um gesto da sua mão mas fez com que o seu povo e todo o mundo dele tomassem conhecimento e o reconhecessem na imagem do Paquistão.

O consenso do povo que criou o Paquistão tornou-se, na verdade, o seu maior factor de apoio apesar das vicissitudes inesperadas que o País se viu obrigado a encarar desde o seu

A.M.K. MASWANI

início. O uso do consenso do povo significava que o Paquistão fora construído sobre fundações democráticas mais sólidas. Isto indica outro traço notável de Quaid-e-Azam, a sua inflexível acessibilidade democrática e firme a todos os assuntos políticos. O carisma que ele tinha erguido para si próprio com o povo podia ter feito dele um ditador para todos os fins práticos, mas era raro que Quaid-e-Azam tomasse uma decisão sem primeiramente consultar os seus colegas. Ele acreditava firmemente na troca de impressões.

O Paquistão representa a paz no mundo. Isto, dizia Quaid-e-Azam, era o princípio básico da política externa do Paquistão. O próprio «Islam» significa «Paz», o que é um facto conhecido. Não encara um critério duplo de afirmação positiva. A coexistência pacífica é a base fundamental da política Islâmica. Quaid-e-Azam estava consciente deste facto e nele acreditava firmemente.

Quaid-e-Azam deu ao seu povo os três princípios fundamentais que fortalecem qualquer país: **Unidade, Fé e Disciplina**. Na verdade foram estes três princípios que permitiram

aos fundadores fazer com que o «Paquistão se mantivesse de pé».

Pouco mais de um ano antes de ser alcançada a independência Quaid-e-Azam tinha dito a alguns dos trabalhadores do seu partido político «que estava a trabalhar para estabelecer o Paquistão para os pobres e não para os ricos». Depois da Independência, como Governador Geral ele advertiu os Lordes feudais do país criados pelos ingleses para modificarem as suas maneiras visto que neste país não havia lugar para a exploração.

Nas eleições gerais de 1970 o povo do Paquistão elegeu os representantes que estão dispostos a demolir os antigos vestígios das classes feudais e industriais e a fazerem tudo que Quaid-e-Azam tinha sonhado para o homem comum — para o camponês e para o operário.

É este o regime de Zulfikar Ali Bhutto, o actual Primeiro Ministro do Paquistão.

É esta a razão por que o Povo mesmo agora dá os seus gritos de «Quaid-e-Azam Zindabad!» (para sempre), como se o Grande Chefe vivesse ainda entre eles através das reformas em curso no país.



Como é característico dos países em vias de desenvolvimento, coexistem no Paquistão duas realidades económicas: uma, moderna, desenvolvida, outra, tradicional. As duas fotos juntas simbolizam esta dualidade do Paquistão: ao lado dos modernos contentores que aguardam transporte ferroviário para seguirem para o estrangeiro, subsistem as caravanas de iques que atravessam as zonas montanhosas do país.

O nascimento dum Estado

Os muçulmanos penetraram no Sind, em 712, prosseguindo a sua avançada pelo Pendjab, no século X, pelo Norte da Índia, no século XII, até se apoderarem da totalidade da península no século XVI, com a dinastia mongol. Muito cedo começaram os conflitos entre hindus e muçulmanos. Estes estavam em inferioridade numérica e, depois da estabilização da conquista, concentraram-se em duas massas territoriais, distantes 1700 quilómetros uma da outra. Enquanto a sua preponderância política se manteve, estava compensada as circunstâncias de inferioridade em relação ao outro grande núcleo populacional da península indiana. Com o domínio britânico, as duas comunidades ficaram em situação de equilíbrio instável, dado que a política colonialista britânica aplicava aqui, como em todos os outros territórios colonizados, o princípio de «dividir para reinar».

Conscientes da sua posição desvantajosa em relação aos hindus, os muçulmanos cedo começaram a organizar-se. Assim, em 1877 por iniciativa de Sayyid Ahmad Khan, foi criada a Universidade Islâmica de Aligarh. Em 1906 fundou-se em Dacca a Liga Muçulmana Pan-Indiana para salvaguardar a autonomia cultural e política da comunidade islâmica, face à agitação antibritânica e antimuçulmana de Tilak e para se opor às eventuais consequências da concessão de independência ou autonomia à Índia por parte da Grã-Bretanha. Pelo pacto de Lucknow (1916) as duas comunidades — hindu e muçulmana — chegaram a acordo quanto ao nascimento de um Estado indiano federal, onde as duas comunidades ficassem integradas com salvaguarda da autonomia mútua. Em 1935 o «pai» do futuro Estado do Paquistão, Muhammad Ali Jinnah, aceitou o Acto de 1935, que instituiu o «autogoverno» em cada uma das onze províncias da Índia. Contudo, os muçulmanos não conseguiram ver satisfeita uma das suas reivindicações: a da constituição de governos de coligação nessas províncias. Alguns muçulmanos pensam então na criação de um Estado muçulmano separado do Estado hindu. Jinnah retoma esta ideia, mas alarga-a, pretendendo reunir, num mesmo «Estado dos Puros» (Paquistão), os muçulmanos do Bengala aos da bacia do Indo (resolução de Lahore, 1940). A maioria hindu e certos muçulmanos mostram-se hostis a esta ideia que é, no entanto, prontamente retomada pela Grã-Bretanha. Pela divisão do Penjab em 1947 são delimitadas as fronteiras da província do Noroeste. Com base nesta partilha, Londres concede a independência à Índia e ao Paquistão, sem contar Cachemira, cuja situação (soberania hindu, população muçulmana) é muito delicada. Surge um conflito armado indo-paquistanês sobre Cachemira, guerra que termina com a partilha do território pelos dois países. Os primeiros anos do novo Estado são assinalados por graves tumultos religiosos decorrentes das trocas de população entre os dois Estados (7 500 000 muçulmanos deslocados para o Paquistão Ocidental; 10 milhões de hindus para a Índia). Vencidas estas dificuldades iniciais, o fundador e o primeiro governador geral do Paquistão, Jinnah, cria instituições provisórias com o auxílio do presidente do Conselho, Liaquat Ali Khan. A vida política é dominada pela Liga Muçulmana, no seio da qual se manifestam duas grandes tendências: a dos mollahs e a dos conservadores. São estes que vencem, em Karachi com Jinnah, primeiro e posteriormente com Liaquat, que — depois da morte de Jinnah em 1948 — se torna

presidente da Liga e que mais tarde é assassinado. E então substituído por Kibawaja Nazimuddin. Em 1954 a Liga Muçulmana é derrotada nas eleições, sendo um novo partido, o da «Frente Unida», o vencedor. As dificuldades internas são agravadas entretanto pelos conflitos com os bengalis (do Paquistão Oriental) e o recrudescimento da tensão em Cachemira. Os bengalis ameaçam fazer secessão, se não lhes for concedida maior autonomia. Em 1954 a situação agrava-se de tal modo que Karachi suspende as autoridades locais. A ocupação de Cachemira, pela Índia, colocou o Paquistão à mercê dos ocupantes do território, cujas águas irrigam o Estado muçulmano. Os protestos paquistaneses e a intervenção da ONU não solucionaram inteiramente o litígio. Um conflito de fronteiras estalou na mesma ocasião com o Afeganistão.

A continuidade política é mantida pelos governadores gerais, Ghulam Muammad (1951-55) e Iskander Mirza (1955-56). Mas as dificuldades internas não impedem o desenvolvimento da economia que beneficia de largos mercados de escoamento dos seus cereais, e depois, a partir da guerra da Coreia, do aumento das vendas de lã, algodão e juta. Em Julho de 1954, o regime conservador do Paquistão assume uma feição francamente de direita, com a proibição do Partido Comunista e a aliança aos pactos imperialistas (Pacto de Bagdad e OTASE). Em Março de 1956 corta as amarras com a Grã-Bretanha, proclamando-se República Islâmica, integrada, no entanto, na Commonwealth. O período democrático cessa, entretanto, com a proclamação da lei marcial, a instauração da ditadura de Ayub Khan. A ligação com os EUA é cada vez mais estreita. No plano interno, Ayub Khan consegue levar a cabo uma reforma agrária que não extravasa porém do quadro capitalista. O saneamento das finanças e as tentativas de solução dos conflitos com a Índia são outros aspectos positivos do regime.

Na década de 70, sob a presidência de Yahya Khan, o Paquistão passa pela crise mais grave da sua existência. Uma curta guerra extremamente sangrenta entre a parte Ocidental e a parte Oriental conduziu à vitória dos bengalis, apoiados pela Índia. O Paquistão perde a sua parte Oriental, que, embora mais pobre, lhe proporcionava a quase totalidade de produção de juta. Um novo Estado nasce na península indiana: o Bangla Desh. A corrupção do regime, a sua ineficácia para a solução dos problemas (demonstrada entre outras coisas pela inépcia em socorrer as vítimas do ciclone que então devastou a província Oriental) o problema da autonomia do Bangla Desh fizeram cair Yahya Khan. Depois das eleições, Ali Bhutto tomou conta do Poder. Ao cabo de poucos anos estavam sanados os conflitos herdados da luta no Bengala. Ali Bhutto e as autoridades de Dacca resolveram os seus diferendos. Na cimeira de Simla, o Paquistão e a Índia enterram o machado de guerra, reactivando com a luta no Bengala. O governo de Ali Bhutto tem-se aproximado de Pequim (que no conflito que opôs Islamabad a Dacca apoiou os paquistaneses) e tem tentado maior aproximação com os Estados muçulmanos. Quando o «pai» do Bangla Desh foi assassinado num golpe de Estado, as novas autoridades de Dacca normalizaram as relações com o Paquistão, trocando embaixadores.

DN — 83 — 77

ROUBADO

Record 2100 D., Preto. Gratifica-se
Telefs. 557479 - 572935

PUB

Solidariedade com os trabalhadores do Chile

11 de Setembro de 1973 / 11 de Setembro de 1976

Na ocasião do aniversário do sangrento golpe fascista, que derrubou o regime legítimo e popular de Salvador Allende e coincidindo com a visita oficial ao nosso País, duma delegação da central única dos trabalhadores do Chile — CUT, a convite da Intersindical Nacional, apelamos a todos os trabalhadores para que façam destas jornadas uma demonstração de solidariedade activa ao povo chileno e uma manifestação de repúdio para com o regime de Pinochet.

- Todos em massa ao **Comício de Solidariedade** no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, dia 11 de Setembro às 21.30 horas!

- Todos ao **Festival da Canção de Luta** no Teatro Trindade, dia 12 às 21.30 horas!

VIVA A SOLIDARIEDADE ENTRE OS TRABALHADORES DO MUNDO!

ABAIXO A DITADURA FASCISTA DO CHILE!

- VIVA A C. U. T. DO CHILE!

O Secretariado da Intersindical Nacional

Estrangeiro

Croatas desviam jacto com 92 pessoas

NOVA IORQUE, 11 — (ANOP) — Um «Boeing 727» da TWA, da carreira Nova Iorque-Chicago que, com 92 pessoas a bordo, foi desviado por um grupo de seis nacionalistas croatas, aterrou pouco depois da meia-noite no aeroporto de Gander, no Canadá, supondo-se que em escala para Londres. Os assaltantes libertaram aqui 33 passageiros.

Os assaltantes, que pretendem ver publicado um comunicado seu de oito páginas nos mais importantes jornais norte-americanos, informaram a Polícia, já no ar, de que haviam colocado uma bomba na central de caminhos-de-ferro de Nova Iorque e outra «algures nos Estados Unidos».

A bomba da estação central, que foi detectada de facto pela Polícia, explodiu quando os peritos a tentavam despoletar, causando a morte a um deles e ferimentos em três.

O comunicado dos nacionalistas croatas apelando para a sua independência da Jugoslávia foi encontrado junto da bomba e, de acordo com as instruções nele contidas, terá que ser publicado nas primeiras páginas de quatro jornais

norte-americanos e no «International Herald Tribune» em Paris.

Entretanto, no aeroporto de Heathrow, em Londres, onde se pensa que o avião poderá vir a aterrar, a Scotland Yard montou um rigoroso dispositivo de segurança.

PIRATAS DO AR PRESOS EM LAHORE

LAHORE (Paquistão), 11 — (R.) — Seis homens armados que assaltaram um avião da linha aérea indiana foram presos hoje quando forças de segurança desencadearam um «ataque no estilo dos comandos» contra o aparelho, segundo revelaram fontes do aeroporto de Lahore.

Os piratas do ar até agora não identificados, tinham desviado o «Boeing 737» quando efectuava um voo doméstico de Nova Dehli para Bombaim, durante o dia de ontem. Os seis tripulantes cativos ainda dos assaltantes, foram salvos ilesos. As primeiras horas de hoje, os piratas do ar tinham libertado 71 passageiros, após os conservarem 20 horas den-

tro do avião, no aeroporto de Lahore. Ontem, sete passageiros puderam sair do jacto, após negociações durante todo o dia com as autoridades paquistanesas.

Anunciou-se ao princípio que os assaltantes pretendiam seguir para Meca, a cidade santa muçulmana na Arábia Saudita.

O semioficioso «Pakistan Times» descreveu os assaltantes como sendo seis indianos. Reporteres no local confirmaram que os homens pareciam ser do subcontinente asiático.

De acordo, porém, com membros da tripulação, os piratas do ar exigiram, ao princípio, que o avião seguisse para a Líbia, mas o comandante informara-os de que o jacto não dispunha de combustível suficiente. Finalmente, optaram por Lahore.



O Boeing 707 da Air France que autonomistas corsos fizeram explodir no aeroporto de Ajaccio, em novo surto de violência na Córsega (Foto Keystone)

KISSINGER BREVEMENTE EM PRETÓRIA

Contestação ao Governo minoritário

● 300 mortos desde Junho

O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, visita a África do Sul de 17 a 19 do corrente para conversações com o primeiro-ministro John Vorster — anunciou o Departamento dos Negócios Estrangeiros de Pretória. Kissinger poderá visitar igualmente outras capitais africanas da África Austral. «Vou a pedido do presidente Ford» — declarou o estadista norte-americano a jornalistas.

O objectivo da visita, como é óbvio, situa-se dentro do espírito do encontro de Zurique, encontro em que Vorster e Kissinger debateram os principais problemas da África Austral: o «apartheid», Rodésia e Namíbia.

Descendo a pormenores, um informador da Casa Branca acrescentou que a viagem de

Kissinger, em princípio, começará pela Tanzânia, «seguido-se depois a Zâmbia e a África do Sul». E acrescentou o mesmo informador: «A duração da viagem e os locais a visitar dependerá das situações que se lhe depararem».

Um outro informador da Casa Branca afirmou que Kissinger partiria para África «já na próxima segunda-feira».

Com ou sem Kissinger, a verdade é que o ambiente continua a manter-se tenso na África do Sul. Um pouco por toda a parte, o Governo minoritário branco de Vorster continua a ser contestado por negros e mestiços. Estes, aliás, estão a ser «presenteados» com certas concessões. Assim, por exemplo, os mestiços já não terão de utilizar lavatórios, retores

e salas de espera separados nos edifícios públicos. Mais: os mestiços poderão trabalhar nos serviços executivos dos sindicatos e poderão, igualmente, tal como os asiáticos, «estabelecer negócios fora das áreas que lhes são reservadas».

Mas os mestiços (telegrama da Reuter) afirmam que estes

benefícios «ficam muito aquém das suas reivindicações para a plenitude dos direitos civis». Negros e mestiços, lado a lado, têm um objectivo máximo: participar no Governo da terra em que nasceram. Há três meses que o afirmam como nunca o fizeram — e durante este tempo de contestação já mais de trezentos perderam a vida...

Colisão de dois aviões causa 176 mortos

LONDRES, 11 — (ANOP) — A rainha Isabel II enviou uma mensagem ao presidente da British European Airways (BEA), «Sir» Frank McFadden, na qual manifesta o seu pesar pela colisão aérea verificada na Jugoslávia e pela grande quantidade de vítimas que ela causou.

Do mesmo modo, o primeiro-ministro britânico, James Callaghan, telegrafou ao presidente da citada companhia para lhe exprimir as suas condolências.

Entretanto, a companhia aérea oficial britânica revelou já os nomes dos tripulantes do jacto da carreira Trident que colidiu com o DC-9 jugoslavo.

A lista dos passageiros do Trident britânico só amanhã será divulgada.

Por seu turno, a BBC noticiou de Zagreb que as autoridades jugoslavas detiveram os controladores em serviço na torre de controlo do aeroporto de Zagreb, capital da República Jugoslávia da Croácia.

Segundo a BBC, esta prática é corrente na Jugoslávia, na sequência de colisões ou outros acidentes aéreos de gravidade.

Círculos governamentais britânicos indicaram que uma equipa de peritos em acidentes aéreos e um médico patologis-

ta da «Royal Air Force (RAF)» partiu para Zagreb, a fim de efectuar investigações sobre a origem do acidente que vitimou 176 pessoas.

Em Londres, um informador da British Airways declarou que um piloto da companhia aérea alemã, Lufthansa, presenciou do seu avião a colisão dos aparelhos britânico e jugoslavo, quando se encontrava a 29.000 pés de altitude, com destino a Belgrado proveniente de Frankfurt.

O piloto alemão afirmou ter observado uma explosão e verificou que o Trident britânico perdeu a sua asa direita, descontrolando-se imediatamente e entrando em queda.

Entretanto, segundo notícias provenientes de Belgrado, o director-geral da companhia jugoslava Inex-Adria, declarou que o piloto da sua companhia não podia ter cometido falhas, porque voava à altitude e na rota estabelecida pelo centro de controlo do aeroporto de Zagreb.

Além disso, o piloto do avião jugoslavo era, segundo o director-geral da companhia, bastante experiente, pois contava com mais de 30.000 horas de voo no seu efectivo e tinha descolado 11 horas antes de descolar para o voo fatídico.

Caleidoscópio

PARIS, 11 — (ANOP) — O presidente Tito da Jugoslávia de 84 anos, foi aconselhado pelos seus médicos a permanecer em completo repouso. Em Belgrado espera-se que seja feita hoje uma comunicação oficial sobre o estado de saúde do marechal — anunciou um porta-voz do Palácio do Eliseu.

Este comunicado seguiu-se à visita do ministro dos Negócios Estrangeiros jugoslavo, Mills Minic, a Paris, para entre-

gar pessoalmente uma mensagem ao presidente Giscard d'Estaing na qual se pedia ao chefe do Estado francês que adiasse a sua visita oficial, a Belgrado, marcada para a próxima quarta-feira.

BRIGHTON (INGLATERRA), 11 — (R.) — Dirigentes dos 38 000 homens da marinha mercante da Grã-Bretanha decidiram hoje adiar a sua greve que deveria começar à meia-noite, por 15 dias, segundo anunciaram em Brighton fontes sindicais.

A decisão foi tomada após os dirigentes efectuarem uma sessão de conversações, à porta fechada, com elementos do conselho dos sindicatos (TUC), que durou mais de 12 horas.

PEQUIM, 11 — (R.) — Chineses começaram hoje a desfilar junto do corpo do presidente Mao Tsé Tung no Grande Palácio do Povo, quando o país iniciou oito dias de cerimónias de luto oficial pelo seu chefe comunista.

Todos traziam braçadeiras negras e flores de papel branco de luto.

Arcebispo rebelde recebido pelo Papa

CASTELGANDOLFO (Itália), 11 — (R.) — O arcebispo francês rebelde Marcel Lefebvre foi chamado hoje à residência de Verão do Papa Paulo VI, nos montes Albanos.

Reporteres, esperando fora da residência do Santo Padre, viram o arcebispo, de 70 anos, entrar hoje, de manhã, no edifício.

O prelado, dirigente do

movimento tradicionalista na Igreja católica, foi suspenso de todas as funções sacerdotais pelo Vaticano, em Julho último.

Um informador da Santa Sé não confirmou imediatamente se o Papa e o arcebispo se tinham avistado.

Contudo, ambos afirmaram estar dispostos a encontrar-se para discutir a disputa que ameaçou dividir

a Igreja Católica.

O arcebispo francês rejeitou, repetidas vezes, reformas da Igreja preconizadas, há dez anos, pelo segundo concílio do Vaticano.

O prelado francês abandonou o palácio papal cerca de uma hora depois, mas funcionários do Vaticano recusaram-se a fazer comentários acerca da visita.

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS EDITAL

Orlando Bernardino Gonçalves, Presidente da Comissão Democrática Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Oeiras.

Faz público, em cumprimento da deliberação tomada na reunião desta Comissão Administrativa realizada em 1 de Setembro último, que se encontra aberto concurso público, pelo prazo de 20 dias para «Fornecimento de 180 a 200 contentores de lixo».

As propostas poderão ser enviadas pelo correio, sob registo, ou entregues na Secretaria da Câmara dentro daquele prazo e serão abertas na 2.ª feira seguinte ao final do referido prazo.

Base de licitação 1 600 000\$00
Depósito provisório 40 000\$00

As condições do concurso podem ser examinadas na Secretaria deste Município, durante as horas normais de expediente, onde os interessados poderão também obter cópias das mesmas.

Oeiras, Paços do Concelho em 8 de Setembro de 1976.

O Presidente da Comissão Democrática Administrativa
Orlando Bernardino Gonçalves



Espectáculos

FESTIVAL MUNDIAL DE TEATRO

Solidariedade com os actores chilenos

Antes do início de cada espectáculo apresentado no Festival Mundial de Teatro, que decorre em Nancy, é lido o seguinte texto:

«O Teatro Aleph de Santiago do Chile participou no IX Festival Mundial de Teatro, em 1973. Vários actores deste grupo

— Johny McLeod, Julietta Ramirez, Maria McLeod e Oscar Castro, foram presos no seu país, alguns meses após o golpe de Estado fascista de Setembro de 1973.

Ainda hoje Johny McLeod e Julietta Ramirez são interrogados pelos «serviços de inteligência» chilenos. Isto quer dizer que eles desapareceram e que há poucas probabilidades de ainda se encontrarem vivos.

Oscar Castro, director do grupo, ainda está preso no campo de concentração de Ritoque.

Quanto a Maria McLeod, ela acaba de sair da prisão e vive no exílio em França. Ela estará presente em Nancy para testemunhar a situação em que se encontram os seus amigos do Teatro Aleph e do Chile e para pedir a assinatura de uma petição a enviar às autoridades chilenas.»

3-13 septembre



Festival mondial du théâtre



Aprender teatro

Este grupo de crianças aprende a fazer teatro na cidade oeste-alemã de Bremen. As lições são gratuitas, mas completas. A foto mostra-nos uma aula prática de caracterização. As crianças vêem como sob as mãos experimentadas do caracterizador dos seus rostos nascem imagens que povoam o tablado: um palhaço, o diabo, uma princesa, o ladrão

UM FILME DE MICHEL VIANNEY

“Um tipo como eu nunca devia morrer”

Uma comédia metafísica. Pode definir-se nestes termos pomposos o filme de Michel Vianney. A angústia que a fuga do tempo provoca é o seu tema essencial. Angústia que leva o herói a fazer as perguntas-chave da neura existencial. Para que serve viver? Para quê trabalhar? O que é a felicidade, o amor? Como aceitarmos-nos e como aceitarmos os outros? Como fugir à solidão?

Agradecemos a Michel Vianney: o seu filme é grave mas não é sério. O autor deixou no vestígio as grandes palavras. Por mais grave que seja a odisséia de Leopoldo Bloom é sempre pitoresca e divertida. No princípio da crise, Leopoldo sente-se «na fossa». Porquê? É difícil de dizer. Leopoldo é rico, casado com uma mulher encantadora, tem bons amigos. Apesar disso afasta-se. Despoja-se, por assim dizer, de si próprio. Devagarinho, em bicos de pés. Não vai longe. Basta-lhe o carro. Desse lugar privilegiado onde encontra (explica-lhe um psicanalista), a quietude do ventre materno, faz ele

a sua casa. Come no carro, recebe lá os seus colaboradores, toca violino, dorme. Mais tarde Leopoldo tentará romper este último reduto da sua escravatura, mandando o automóvel para a máquina compressora. Mais tarde talvez também pense morrer — e morrerá, de certo modo, por interposta pessoa. Depois do que recomendará provisória ou definitivamente a amar e a viver.

É difícil imaginar «anti-heróis» mais exemplar do que esse Leopoldo, maravilhosamente interpretado pelo desenhador Jean-Michel Folon.

E tal como essa figura que se decompõe diante de nós, o filme recusa-se a tomar corpo e mantém-se num estado de nebulosa da primeira à última imagem. Não há intriga, a sua construção é anárquica, completamente invertida, e, a «acção» é uma simples sucessão de cenas breves, de «Aketchs», de anotações fugidias, de pedaços de diálogo, cuja justaposição faz por vezes pensar na técnica de Tati. Há momentos muito belos, como

por exemplo, o que nos mostra Leopoldo tocando violino num parque de automóveis, Leopoldo e a rapariga que faz «auto-stop» «gags» cheios de graça como o do polícia que lê Maïakovski. É um filme cheio de poesia, de sensibilidade, de patético. O primeiro filme de Michel Vianney seria um êxito se não mostrasse uma certa monotonia.

C) Le Monde

TAUROMAQUIA

Triunfo de Zenkl e Coelho no Campo Pequeno

Numa organização de Leopoldo Nunes como vem acontecendo anualmente, realizou-se na passada quinta-feira, no Campo Pequeno, grandioso festival tauromáquico a favor do Hospital de S. João de Deus de Montemor-o-Novo.

Lidaram-se novilhos do ferro Ortigão Costa e Cabral Ascensão que cumpriram, embo-

ra a sua falta de força fosse notória, à excepção do lidado em 5.º lugar.

Gustav Zenkl apresentou-se no Campo Pequeno em substituição de David Telles colhido com certa gravidade no seu «tentadero», como noticiou o nosso jornal oportunamente, para abrir a função com uma «lide» impregnada de arte e sabedoria toureira.

Cremos que a exibição rubricada por Zenkl terá sido do que melhor se viu esta temporada no redondel lisboeta. Tudo lhe saiu perfeito. A brega lenta e impecável as entradas descaradas ao «piton contrário», os ares de alta escola da sua montada, criaram valores estético-emocionais que jamais se esquecerão.

Zoio, cuja carreira nesta temporada o colocou em lugar cimeiro, mais uma vez mostrou toda a sua raça, todo o seu querer, além dos promotores artísticos sobejamente conhecidos.

Emídio Pinto abusou da velocidade, pescou alguns ferros e a mão não estava certa. Exibição regular a que não estamos habituados ver em Pinto.

José Varela Cruje apresentou-se bastante nervoso, deixando os ferros compridos sempre dispersos e mal colocados, para depois mudar de montada e melhorar o seu labor.

A «lide» apeada abriu com o matador António dos Santos,

um veterano remojado, cheio de ganas e com pormenores técnicos de rara eficiência. É elegante, corre a mão dando extensão aos «passes».

Mário Coelho dotado de faculdades físicas excepcionais, é um toureiro completo. O seu capote movimentou o novilho com uma lentidão de belo efeito. Bandarilhou como ele sabe. Com a flanela realizou faena plena de quietude e cujo repertório foi completo.

A Chibanga coube-lhe o pior novilho da noite. Apesar disso o moçambicano esteve elegante com o capote, bandarilhou acertadamente e a faena de muleta foi agradável, com «dechazos» longos e por vezes a fechar o círculo. Com a esquerda, embora o novilho mostrasse dificuldades para esse lado, sacou-lhe naturais de valor.

Por fim vimos Fernando Pessoa, um novato metido nestas andanças. Tem coração, dobra a cintura, corre mão, mas falta-lhe um pouco de entusiasmo para não adormecer na cara dos touros. É preciso treinar que a viagem é espinhosa.

Os Forcados Amadores de Montemor e Alcochete mostraram falta de homogeneidade no conjunto.

O nosso aplauso para os dois campinos que no recolher touros são mestres.

M. da C.

Teatro ao ar livre para crianças de Lisboa

No anfiteatro ao ar livre do parque da Fundação Calouste Gulbenkian realiza-se amanhã, domingo, às 18 horas, mais um espectáculo de teatro ao ar livre dedicado às crianças de Lisboa, apresentado pelo Grupo de Teatro Cornucópia sob a orientação de Glicínia Quartim. Será exibida a peça «As Músicas Mágicas», de Catherine Dasté, em tradução de Márcia Breia, montagem de

Fernando Correia; director de cena Orlando Costa; além da colaboração de Wanda Ribeiro da Silva (coreografia); Paulo Brandão (expressão musical) e Carlos Guerreiro (construção de instrumentos). O guarda-roupa (execução) é de Emília Lima; a sonoplastia, de Maurício Cunha e o operador de som, José Caldeira. As músicas são de Orlando Costa.

FUNDAÇÃO C. GULBENKIAN

Anfiteatro do Parque (à Praça de Espanha), Domingo, 12 de Setembro, às 18 h

As Músicas Mágicas

de CATHERINE DASTÉ

pelo

TEATRO DA CORNUCÓPIA

TEATRO para CRIANÇAS

Entrada livre e gratuita

JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

II FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO SOL

Sexta-feira, 10 de Setembro de 1976, às 21.30 h.

CINE - TEATRO S. JOSÉ — CASCAIS

GYULA NEMETH ● Maestro

PIÑEIRO NAGY ● Guitarra

OLGA PRATS ● Piano

ORQUESTRA GULBENKIAN

Programa: PROKOFIEFF — Sinfonia Clássica

OHANA — Concerto para Guitarra (*)

LOPES-GRAÇA — Fantasia para piano

(*) 1.ª Audição em Portugal — Preços: 20 e 30 Esc.

Canal da Crítica

BULGÁRIA AMIGA

Fez na quinta-feira 32 anos que te libertaste do opressor externo, tropa hitleriana, e da opressão interna fascista que tu sofreste como poucos, na tua carne.

Eras então um pequeno país onde reinava a miséria, a doença, o obscurantismo. O teu nome aparecia invariavelmente na cauda das estatísticas, juntamente com os de Portugal, Espanha, Grécia e Turquia. Hoje és um grande país que, na liberdade e no trabalho, constrói um socialismo avançado.

Novas conquistas estão em marcha. Até 1980, prevê-se um aumento da renda nacional da ordem dos 52 por cento! Os salários aumentarão, em cada ano, de quatro por cento, mantendo-se os preços inalteráveis. Serão construídas 420 mil habitações.

Actualmente, o consumo anual de carne, por pessoa, é da ordem dos 70 quilos; cada pessoa consome, em média 200 litros de leite e 200 ovos por ano, bem como 190 quilos de fruta. Até 1980 as condições de vida do povo búlgaro conhecerão novas melhorias, em todos os aspectos. Assim é o socialismo.

O socialismo diz Todor Jivkov — permitiu ao nosso país tornar-se um parceiro respeitado e activo nas relações internacionais. A sua política consequente de paz, o apoio decisivo que ela dá aos povos em luta pela liberdade e a justiça social, o espírito de continuidade com que se opõe a

todos os planos e provocações do imperialismo contribuíram muito para o prestígio internacional da Bulgária socialista e valeram-lhe a simpatia das pessoas progressistas.

Esta é a tua própria voz, Bulgária. Bulgária das rosas, dos grandes vales povoados de trigo e de flores, do trabalho pacífico, das crianças educadas para os grandes horizontes, da amizade que abre os braços aos povos de todo o mundo.

Assim és, Bulgária amiga. Nós portugueses, temos prova disso: trabalham nos campos de Portugal máquinas, no valor de milhares de contos que tu ofereciste aos nossos camponeses. Um tractor é a amizade em acção.

Bulgária: quando se festejam os teus 32 anos de libertação, aqui vai um abraço que se pode multiplicar por milhões de abraços. Que se poderiam multiplicar, se a Televisão Portuguesa se tivesse lembrado de um grande coração que bate livre há 32 anos, feitos agora...

O teu coração, Bulgária amiga.

FALAR POR FALAR

O José Galvão é lançador de peso. José Galvão é operador de televisão. Não contente com isso, José Galvão quis ser comentador desportivo. E foi. E é. Que se há-de fazer? É, acabou-se.

Ele gosta muito. Vê-se que é um homem feliz. Aquilo que

se chama um homem realizado. Ai é tão bom, tão bom, tão bom termos o brinquedo com que sempre sonhamos... Ocupa talvez demasiado espaço no vídeo, bate ai o recorde da largura como bate o do lançamento do peso. Por outro lado, a sua calva nem sempre é suficientemente maquilhada para evitar os incómodos reflexos. Sendo certo que, nisto de calvas e óculos, têm ainda muito que fazer os luminotécnicos. Sem óculos, o Helder de Sousa ficou com uma expressão menos tenebrosa, mas com um ar perfeitamente esgaseado; com óculos, além da dicção de óleo de ricino, fica uma inflorescência de fluorescências que nos massacra de fulgurâncias.

E já que estamos com a mão na massa, importa referir a imagem de um novo locutor: António Luís Rafael. Aqui não há uma calva, mas duas. Iluminam-lhe o olho direito e deixam-lhe o esquerdo na semiobscuridade. Será bom que cuidem da telegenia deste locutor, pois em dicção e em dar a perceber o que lê não se encontra no Lumiar muitos que se lhe comparem.

Bom. Mas nós falávamos do José Galvão e não vimos aqui falar das suas ousanças olímpicas. O que lá vai lá vai. Queremos vincar outra característica sua: a de humorista. Ouçamo-lo: *Se não sabe, aprenda a fazer vela. Porque é educativa, pouco poluente, e ao preço a que está a gasolina, talvez venha a precisar de andar à vela...*

Quase humor negro, no levianíssimo falar por falar...

KISSINGER: UMA OBSESSÃO

O *Telejornal* anda positivamente apaixonado pelo Henry Kissinger. O sr. Kissinger não pode dar um... digamos, um suspiro (daqueles suspiros intestinais, percebem?) que o *Telejornal* não esteja lá, de microfones em punho e redactor a postos.

Kissinger foi. Kissinger veio. Kissinger visitou, andou, parou, conferenciou, falou, decidiu discutir, voou. Kissinger partiu de. Kissinger chegou a. Kissinger acha que. Embora Kissinger pense que. Problemas da África Austral: Kissinger tem a solução na manga. Os negros da África? Falem com Kissinger que vai resolver os seus problemas. Os negros dos Estados Unidos? Não fa-

Por MARIO CASTRIM

lem com Kissinger. Ele não sabe como resolver os seus problemas.

Telejornal insiste. Noite após noite, emissão atrás de emissão. Kissinger. Sempre Kissinger. Melhor do que um detergente. Para lavagem ao cérebro não há melhor. Kissinger lava mais ianque. Kissinger, the voice of América. Kissinger, the voice of. Kissinger, the voice. Kissinger. Kissinger uma vez, Kissinger Kissinger duas vezes Kissinger Kissinger Kissinger três vezes KISSINGER pelo amor de Deus, parem com isso dentro da minha cabeça, isto é uma televisão portuguesa ou é o décimo quinto canal da TV de Nova Iorque, isto é uma televisão lusitana ou é uma televisão das bananas?

Esperem. Tenho de interromper. O *Telejornal* está a dizer qualquer coisa de importante. *Chiul*, deixem ouvir. Ah, é sobre o Kissinger, Kissinger, que se encontra em, declarou que, mas no caso de, Kissinger mostrou-se disposto a, antes de Kissinger seguir para.

Kissinger: o nome mais popular da nossa televisão. Em obediência a lei dos efeitos, das mensagens das mensagens e das mensagens das mensagens, qualquer dia começam a aparecer meninos com esse nome. Vai ser bonito. Francisco Kissinger de Sá. Kissinger Sototmayor, José Kissinger da Silva, Kissinger Ferreira e assim por diante.

Kissinger: uma obsessão. Diante de Kissinger, uma televisão piedosa. De cócoras. Num semicírculo ideológico.

Hoje



Cerâmica

I PROGRAMA

- 14.00 Abertura e *Telejornal* — 1.ª edição
- 14.15 Hoje pode ver
- 14.25 Retrospectiva
- 14.40 Corrida de Toiros
- 15.35 Jovens rebeldes
- 16.30 Fungagá da Bicharada
- 17.00 Cinema de Animação
- 17.40 Da saúde e da vida
- 18.05 Sonatas para violino e piano
- 19.00 Stop
- 19.10 Campismo
- 19.30 Gente do amanhã
- 20.15 Cartaz TV
- 20.30 *Telejornal* — 2.ª edição
- 21.05 Filme «La Spirale» no dia em que passa o aniversário do golpe Pinochet
- 23.15 *Telejornal*
- 23.30 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura
- 20.25 Cerâmica Portuguesa
- 20.50 A Quimera do Riso
- 22.00 *Telejornal*
- 23.00 Fecho

ITÁLIA MARAVILHOSA

9.320\$

8 DIAS TUDO INCLUIDO

Roma, Nápoles, Capri, Florença e Pisa.
Partidas a 27 de Setembro
4 e 18 de Outubro.

agência de viagens da companhia nacional de navegação

Rua do Comércio, 85 - Lisboa - Telef. 32 30 21 - 36 63 15 - 36 52 15

Em colaboração com a **Alitalia**

TRÁS-OS-MONTES

14.ª E ÚLTIMA SEMANA

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

Em exibição no Cinema Satélite de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19.00 h.

50% de desconto para estudantes.

Apoiado pela Direcção Gera! de Acção Cultural.

NEALROBERTO

grupo 4 apresenta

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

bertolt brecht

JOÃO LOMBA

(4.ª MES em cena)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA
AS 21 e 15 H.

SÁBADO AS 15.30 e 21.15
DOMINGO só às 16 h.

Esta revista contém cenas eventualmente hilariantes

AGRADE CEGADA

UMA SENSACIONAL REVISTA PLURAL E SINGULAR!

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos — Matinéas às 16 h.

4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

ADOQUE

3.0

MÊS

EXITO!

DESTAQUES

I PROGRAMA

Filme «La Spirale»
21.05

II PROGRAMA

Cerâmica Portuguesa
(20.25)

Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura e missa de domingo; 12.40: Da vida e do povo; 13.10: No Jardim Zoológico; 13.40: Desenhos animados; 14.00: *Telejornal* — 1.ª EDIÇÃO; 14.15: Hoje pode ver; 14.30: Grande Prémio Automóvel — Fórmula 1; 15.15: Documentário — Transmissão dos Estúdios do Porto; 15.45: Grande metragem; 17.30: Presença do Brasil; 18.00: Hoje há palhaços; 19.00: Heidi; 19.30: TV Rural; 20.00: Goodies; 20.30: *Telejornal* — 2.ª edição; 21.05: *Telefutebol*; 21.45: Vidas Perdidas; 22.40: Música e Silêncio; 23.00: *Telejornal* — 3.ª EDIÇÃO; 23.10: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Kung Fu; 21.00: Jogos sem Fronteiras; 22.30: *Telejornal*; 23.00: Cinema de Animação; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João do Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Desporto

VIAGENS ATRAVÉS DA "EUROPEIA"

O "DL" com os clubes portugueses na alta roda do futebol europeu

O nosso jornal vai estar presente nas duas «mãos» dos torneios europeus de futebol que envolvem clubes portugueses. Viajando através da «Europeia», o «D.L.», relatará, para os seus leitores, os confrontos entre o Benfica e o Dinamo de Dresden (República Democrática Alemã), a contar para a Taça dos Campeões Europeus: Belenenses-Barcelona (Espanha) e F. C. do Porto-Shalke 04 (Alemanha Ocidental), ambos para a Taça U. E. F. A.

Assim, redactores do «D.L.» seguirão cada par em desquite: Neves de Sousa comentará os jogos do Benfica, Luis Miranda Rocha seguirá as actuações do Boavista, Júlio Rodrigues estará nos duelos do Belenenses, com o Barça enquanto Daniel Reis acompanhará o Porto à Alemanha Ocidental, depois de ter comentado a partida da Luz referente à 1.ª «mão» dos cotejos.

BENFICA

O Benfica cumprirá esta noite o compromisso com o Sporting de Braga, continuando em estágio no Hotel Altis, até à hora do embarque para a R. D. A. Na con-

centração encontram-se: Bento, Álvaro, Artur Barros, Eurico, Bastos Lopes, Pietra, Romeu, Toni, José Domingos, Nenê, Moinhos, Diamantino, Sheu, Chalana e Vitor Martins. Nelinho e José Henrique continuam lesionados e, portanto, afastados do «onze» da Luz.

Em relação ao jogo de Dresden, duplo problema: Toni e Pietra (castigados pela U. E. F. A. com um jogo de paragem obrigatória) não fazem a viagem: de um quarteto (Malta da Silva, Messias, José Luis e José António) serão escolhidos amanhã os substitutos.

Entretanto, o técnico inglês Mortimore foi à R. D. A. «espionar» o Dresden, ao Karl-Marx Stadt, que fica a 60 quilómetros do local onde a comitiva benfiquista ficará concentrada antes do desquite da próxima 4.ª-feira. Hoje, segue para Inglaterra (numa visita à família) para, na 2.ª-feira, aguardar o bloco «encarnado» em Praga (Checoslováquia) uma das escalas de voo dos homens da Luz.

BOAVISTA

O Boavista vai a Galatz

(Roménia) defrontar o Galatz. A partida está prevista excepcionalmente para amanhã, Fernando Cabrita, entretanto, antecipou-se dois dias à comitiva: desde ontem na Roménia, o adjunto de Wilson foi ver o Galatz jogar, e tratar do alojamento para a equipa.

A viagem para Galatz faz-se via aérea até Bucareste, escala em Frankfurt e Viena. Há, depois, autocarro de Bucareste a Galatz (260 quilómetros), onde se prevê a chegada para o princípio da noite de amanhã.

Anunciados os nomes que integrarão a comitiva do Boavista: o técnico Wilson, o médico Acácio Lelo, o massagista Carvalho e 16 jogadores (Botelho, Serafim, Trindade, Mário João, Artur, Amaral, Carolino, Francisco Mário, Branco, Barbosa, Albertaino, Mané, Salvador, Celso, Nogueira e Alberto).

O adversário dos «axadrezados» não é equipa muito credenciada. Ocupou o 5.º lugar na 2.ª divisão do campeonato romeno na época passada: o Galatz está na Taça das Taças porque conseguiu ir à final (on-

de perdeu em favor do campeão romeno).

Galatz é um centro urbano de reduzidas proporções (cerca de cem mil habitantes). Fica junto da fronteira com a Moldávia (U. R. S. S.) e é conhecido pelo complexo petroquímico que aí está instalado. A equipa do Galatz é fundamentalmente amadora e formada, principalmente, por estudantes da Politécnica local. Na presente temporada, e ao fim de duas jornadas, na 2.ª divisão (onde milita), o Galatz ainda não conseguiu um ponto. Pode pensar-se que o sorteio foi feliz para o Boavista: o obstáculo de Galatz pode passar-se com relativa facilidade. Mas, tratando-se da equipa que o Galatz é, não se deve excluir a hipótese de uma grande surpresa. Muito jovem e estruturada na base de um certo voluntarismo, a turma romena até pode sair vitoriosa deste confronto com os profissionais portugueses, aparentemente mais apetrechados e favoritos para o sucesso na eliminatória. Depois, admita-se, o Boavista deste ano pode não estar como foi o Boavista do ano passado...



Braga em Lisboa: à espera do Benfica, aguarda-se o almoço. Marinho, Chico, Chico Gordo e Manaca são as figuras salientes

NACIONAIS DE FUTEBOL

Segundo teste

A ronda 2 do calendário de jogos correspondente aos principais escalões futebolísticos divide-se por hoje e amanhã. Neste sábado, há três duelos da divisão maior: Belenenses-Estrela, às 16 e 30; Boavista-Académico de Coimbra, às 17; Benfica-Sporting de Braga, às 21 e 30. Na 2.ª Divisão: S. Joãoense-Estrela de Portalegre, às 16. Na 3.ª: Vianense-Mondinense, Lusitano de Vilademoinhos-Sp. Lamego, Paços de Brandão-Penalva do Castelo, Cartaxo-Ginásio de Alcobaca e Lisboa e Olivais-Casa Pia, às 16.

Para amanhã, o calendário indica, no respeitante à 1.ª Divisão, os seguintes embates: V. Setúbal-Varzim, V. Guimarães-Sporting, Portimonense-Atlético, Leixões-F. C. Porto e Beira Mar-Montijo, todos às 16.

Na 2.ª Divisão: Paços Ferreira-Lourousa; Espinho-Vila Real; Salgueiros-Fafe, Penafiel-Riopele, Famalicão-Paredes (em Braga); Gil Vicente-Tirsense, U. Lamas-Chaves, Régua-Vilavovense, Caldas-Torres Novas, Torriense-Académico de Viseu, Portalegrense-Feirense, Marinhense-Sp. da Covilhã, Alba-U. Leiria, U. Tomar-U. Santarém, U. Coimbra-Peniche, Alcochense-Esperança de Lagos (no Montijo), Sesimbra-U. Montemor, Lusitano de Évora-Farense, Barreirense-Oriental (na Tapadinha), Odivelas-Cuf, Olhanense-Juventude, Sintren-

se-Vasco da Gama e Almadamarítimo, nos campos dos indicados em primeiro lugar, com as excepções assinaladas, às 16 horas.

Quanto à 3.ª Divisão, eis o «plano»: Desp. Aves-Mogadouroense, Desp. Bragança-Cabeceirense, Tadm-Monção, Joane-Esposende, Maria Fonte-Forjães, Mirandela-Limianos, Bairro Latino-Rio Ave, Desp. Trancoso-Arriafanense, Leça-Cucujães, Infesta-Aliados Lordeiro, Levereense-Freamunde, Oliveirense-Avintes, Viseu e Benfca-Valecambrense, Tazém-Agueda, Mangualde-Esperança, Marialvas-Anadia, Ala Arriba-Tabuense, Covilhã e Benfca-Febrs, Oliveira do Bairro-Ançã, Tondela-Naval, Desp. Gouveia-Desp. Guarda, Bombarralense-Matrena, Almeirim-Lousanense, Batalha-Ponte Sôr, Marrazes-Sp. Pombal, Alferrade-Nisa e Benfca, Alcanenense-Vieirense, Benfca e Castelo Branco-Campomaiorense, Nacional-Elvas, Alhandra-Cova da Piedade (na Cova da Piedade), Trafaria-Desp. Olivais, Benavente-Loures, Bucelenses-Vilafranquense, Elvense-Alverca, Estrela V. N. Sacavenense, Desportivo Beja-Amora, U. Santiago-Quarteirense, A. Reguengos-Paio Pires, Rosairense-Silves, Moura-Luso, Lusitano V. R. Costa Caparica, Seixal-Odemirense, Torralta-Aljustrelense, todos pelas 16 horas.

Dinis deixou o Porto

Como se esperava, Dinis não cumprirá o contrato rubricado com o Porto, no respeitante a nova época de trabalho: o jogador angolano, confirmando o que declarara na altura da sua assinatura no documento, considerava-se à disposição do desporto do seu país e, aceitando um cargo na nova orgânica do sector, tinha as malas feitas para, em qualquer eventualidade, regressar a Luanda.

O retorno vai acontecer na próxima segunda-feira: contas saldadas com os «azuis-brancos», despedida feita e aí temos Dinis a largar para o leme do desporto da sua pátria. Um mundo de sonhos pode (agora) ser concretizado.

ESPIONAGEM

Rodriguez, treinador-adjunto do Barcelona, assistirá esta tarde no Estádio do Restelo, como observador, ao encontro Belenenses-Estrela. A presença do técnico espanhol em Lisboa, visa o encontro da próxima quarta-feira à noite, entre o Belenenses e o Barcelona, a contar para a primeira eliminatória da «Taça U.E.F.A.».

Aquele técnico já esteve em Lisboa, na passada terça-feira regressando no dia seguinte

ao seu país, depois de ter observado algumas unidades hoteleiras, para a instalação da sua equipa, manifestando interesse pela zona de Sintra.

BARREIRENSE

Comunicado público do Barreirense:

«A Direcção do F.C. Barreirense reunida após ter tomado conhecimento da suspensão preventiva do seu campo de jogos, sem que para tal lhe tenha sido dado o direito de ser ouvido acerca dos factos passados no último encontro realizado pela sua equipa de futebol, baseando-se apenas no relatório do árbitro.

«1.º Deliberou dar conhecimento aos seus associados, bem como aos desportistas em geral, do castigo federativo que lhe foi imposto, e, baseado numa obsoleta portaria que necessita ser imperiosamente revogada o mais urgente possível, para que outros clubes não possam ser atingidos por injustiças desta natureza.

«2.º A Direcção do F.C. Barreirense repudia atitudes como aquelas que se verificaram no último encontro C.U.F.-Barreirense, declinando toda a sua responsabilidade, e, chamando a atenção das autoridades policiais para a segurança antes, durante e após os encontros na defesa da integridade dos seus participantes.

«3.º Cientes das responsabilidades que tal castigo poderá vir a afectar, o F.C. Barrei-

rense acatará a deliberação dos órgãos federativos, crente que a justiça não será uma palavra vã, para bem do desporto nacional.»

ACERTO

Para acertar contas (veremos se será o rescaldo do famigerado «caso dos dólares») Portugal vai confrontar-se com a Itália, em dois jogos particulares, aprazados para 22 de Dezembro (seniores, em Lisboa) e 23 («esperanças», no Funchal).



Cá temos o sr. Caio «Cambalhot», que veio do Flamengo para Braga. Hoje, na Luz, vai «torcer» pelos novos colegas

LA FORA

MONZA

O piloto Hans Stuck, da Alemanha Federal, conseguiu ontem o melhor tempo na primeira sessão de treinos para o Grande Prémio de Monza, em Fórmula 1. Esta sessão de treinos, que foi muito prejudicada

pela chuva, contou com a presença de Niki Lauda, que deu poucas voltas ao circuito, conseguindo o 20.º tempo, e partindo logo a seguir para Milão, a fim de ser submetido a exames médicos.

O tempo de Stuck (tripulando um «March») foi de 2.02,79,

"VOLTA A CATALUNHA"

Agostinho perde terreno

O belga Roger de Vlaeminck conservou o 1.º lugar na «Volta à Catalunha em Bicicleta», ao vencer a 2.ª etapa, disputada entre Almacellas e Sort, numa distância de 191 quilómetros. Classificação da etapa: 1.º, De Vlaeminck, 5 horas, 33 minutos e 53 segundos; 2.º, Domingo Perurena (Espanha), mesmo tempo; 3.º, Pedro Torres (Espanha), m.t.; 4.º, Enrique Cima (Espanha), m.t.; 5.º, António Lualdi (Itália), 5.33,54; 6.º, Javier Elorriaga (Espanha), 5.34,12; 7.º, António Martos (Espanha), m.t.; 8.º, Marcello Bergamo (Itália), m.t.; 9.º, Andrés Oliva (Espanha), m.t.

10.º, Allan (Aústria), m.t. Classificação geral individual: 1.º, De Vlaeminck, 11.16,16; 2.º, Cima, 11.16,27; 3.º, Torres, 11.16,30; 4.º, Perurena, 11.16,35; 5.º, Lualdi, 11.16,37; 6.º, Elorriaga, 11.16,38; 7.º, José Pesarrodona (Espanha), 11.17,43; 8.º, Marcussen (Dinamarca), 11.16,48; 9.º, Martinez Heredia (Espanha), 11.16,15; e 10.º, Agustín Tamames (Espanha), 11.16,53. Joaquim Agostinho classificou-se em 33.º lugar na etapa com o tempo de 5.38,49 e ocupa o 29.º lugar na classificação geral, com o tempo de 11.21,24.

à média de 170,046 quilómetros por hora. Com a pista seca os tempos dos Fórmula 1 na pista de Monza são de cerca de 1 minuto e 33 segundos por volta.

IMBRÓGLIO

Numa entrevista concedida ao «Komsomolskaia Pravda», o jovem soviético Sergei Nemtsanov, que participou nas Olimpíadas de Montreal em salto para a água, declarou ter sido enganado por um atleta canadiano e aparentemente drogado, a fim de ser levado a pedir asilo no Canadá.

Nemtsanov (que tem 17 anos) regressou à União Soviética em 19 de Agosto, depois de uma curta estadia no Canadá.

A entrevista efectuou-se em Alma-Ata (Ásia Central) onde o jovem vive com a avó. Nemtsanov, que está de novo a treinar, declarou que «pela primeira vez lidei com pessoas que são capazes de tudo por dinheiro».

Contou que entrou enganado num centro de imigração da Alemanha Olímpica por um colega

canadiano (Skip Phoenix) que fingia simpatizar com ele depois de uma prova infeliz. Dois homens com pastas de documentos interrogaram-no acerca dos seus planos, na presença de um intérprete. Disse que, antes do seu encontro com funcionários do consulado soviético, sentiu «comichões no corpo, dores de cabeça e não conseguia dominar os movimentos dos pés e das mãos: o som das vozes parecia vir de muito longe, e não compreendia o sentido do que me diziam» — acrescentou.

As autoridades de imigração canadianas declararam-se convencidas de que Nemtsanov tinha decidido ficar e depois regressar ao seu país, de sua própria vontade.

Segundo a versão do atleta, depois do encontro com os funcionários consulares foi levado para o hotel Holiday Inn (de Montreal) onde, na presença de três canadianos (entre os quais Phoenix e dois advogados) disse que queria regressar à União Soviética. «Prometeram levar-me ao consulado, mas enganaram-me de novo e levaram-me para fora de Montreal», afirmou.

EDITAL

Roberto de Salvo Coimbra, Cônsul-Adjunto do Brasil em Lisboa, faz saber que a cidadã brasileira MARIA CECÍLIA PEREIRA SANTOS pretende casar. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-o na forma da lei na Chancelaria do Consulado Geral do Brasil em Lisboa, à Praça Luís de Camões n.º 22, 1.º eq.º

Lisboa, em 9 de Setembro de 1976

Andebol mundial faz ponto de encontro em Portugal

Vai decorrer em Portugal, (de 26 de Novembro a 2 de Dezembro) a fase «C» do Campeonato do Mundo de Andebol — revelou António Rolo, vice-presidente da Federação Portuguesa de Andebol.

Além de Portugal, estarão presentes as selecções da Holanda, Bélgica, Grã-Bretanha, Suíça, Luxemburgo, Finlândia e, provavelmente, as Ilhas Faroé (Dinamarca).

Aquele dirigente afirmou que, devido ao número de países nesta fase, foram divididos em duas séries, (A e B). Os jogos serão centralizados em Lisboa e Porto, mas poderão realizar-se encontros em diversos locais onde existam pavilhões.

Portugal esteve representado recentemente pelo presidente e vice-presidente da Federação, respectivamente José Gomes Machado e António Rolo, na reunião preparatória do bloco ocidental, que teve lugar em Frankfurt. Essa reunião teve por finalidade discutir vários assuntos a propor ao Congresso Internacional, que terá lugar em Portugal, num dos hotéis do Estoril, de 1 a 6 de Outubro. A representação portuguesa deu a conhecer aos 15 países participantes (numa totalidade de 50 delegados) como estava a decorrer a organização daquele congresso.

Procedeu-se ao sorteio do Campeonato do Mundo, grupo «C», que forneceu os seguintes resultados na série «A»: primeira jornada — Holanda-

Bélgica; e Portugal-Grã-Bretanha; segunda jornada: Holanda-Grã-Bretanha; e Portugal-Bélgica; terceira jornada: Holanda-Portugal; e Bélgica-Grã-Bretanha.

Série «B»: primeira jornada: Suíça-Luxemburgo e Finlândia-Ilhas Faroé; segunda jornada: Finlândia-Luxemburgo e Suíça-Ilhas Faroé; terceira jornada: Suíça-Finlândia e Luxemburgo-Ilhas Faroé.

Os três primeiros classificados da fase final, serão integrados no grupo «B» do Mundial, que se realiza na Austria, em Fevereiro de 1977.

António Rolo acrescentou que Portugal tem hipóteses de apurar-se para o grupo «B». Sobre os restantes países, observou que as Ilhas Faroé, são a grande incógnita. Disse, (ainda) que a Holanda é a representação mais credenciada, seguida da Suíça, Finlândia e até a Bélgica, mas não se podem esquecer as turmas da Grã-Bretanha e Luxemburgo. Sobre o Congresso Internacional, António Rolo disse: «Este Congresso não é só importante para o andebol, é também importante para o País. A Portugal devem deslocar-se cerca de 200 congressistas, em representação dos 42 países já inscritos dos 66 que fazem parte da Federação Internacional. A presença de delegados de quase todos os países da Europa, do Leste e América, será um facto.»

Acrescentou que Portugal apadrinhará com todo o gosto os novos países de língua por-

tuguesa (Angola e S. Tomé) que se deslocarão ao Estoril, como observadores, competindo ao Congresso decidir o seu ingresso no andebol mundial, o que tem a maior viabilidade. Portugal não fará nenhuma despesa com este congresso, que fará entrar no País divisas na ordem dos 2000 contos.

A selecção nacional, que iniciou a sua preparação há cerca de dois meses vai entrar em estágio, por um período de 15 dias. A representação portuguesa é constituída pelo prof. Machado Costa (coordenador e director técnico da Federação); prof. Ângelo Pintado (treinador); Adelino Moura (treinador) e pelos seguintes (19) jogadores: Carrasco, Espadinha, Montenegro, Sousa, Ferreira, Hernâni e Jorge (Belenenses); Tavares da Rocha e José Leandro (F. C. do Porto); Diamantino, João Gonçalves, Vasco Vasconcelos, Carlos Costa, Franco e José Manuel (Benfica); Carlos Silva e Adão (Sporting); Mesquita (Técnico) e Morais (Vitória de Setúbal).

Quatro duplas de arbitragem estrangeiras e duas duplas portuguesas (uma fixa e outra de reserva) serão os responsáveis pela arbitragem dos jogos deste Mundial.

Os C. T. T. vão emitir um carimbo especial do Congresso Internacional de Andebol e a Federação Portuguesa de Andebol mandou executar um medalhão comemorativo do Congresso Internacional e outro celebrando o Campeonato do Mundo.

Pequim e as Olimpíadas

BERLIM, Setembro (Serviço especial da APN para o «DL»).

Com o objectivo de criar um sistema eficaz de segurança aos participantes e aos hóspedes à Olimpíada-76, os seus organizadores tomaram algumas medidas sem precedentes na história dos jogos: Concentraram em Montreal e nos seus arredores pequenas unidades móveis do exército, constituídas por numerosos milhares de homens armados e, afim de neutralizar eventuais terroristas «potenciais», foram mobilizadas brigadas de «Comandos» especialmente treinados.

Não obstante os Jogos terem sido favorecidos pelo bom tempo (o sol brilhou quase diariamente), nos últimos dias das competições verificou-se um «volta-face» inesperado na temperatura política e uma ameaçadora nuvem negra pairou sobre a Olimpíada, anunciando maus ventos provenientes de Pequim.

Entre as diversas notícias oriundas do mundo inteiro, destacou-se em especial um desmentido formulado pelo representante da República Popular da China, negando categoricamente a veracidade de algumas informações segundo as quais a RPC tencionaria, dentro de quatro anos, realizar «jogos paralelos».

UM ESTÁDIO GIGANTESCO EM XANGAI

«Custa a crer no desmentido», comentou um jornalista

asiático, «porque demasiados factos precedentes demonstram o contrário».

Entretanto, com o intuito de obter mais informações, um repórter do jornal de Montreal «La Press», que contactou a Embaixada da RPC em Otava, nada conseguiu apurar de concreto, limitando-se a observar: «não há fumo sem fogo»!

Também Charles Lynch, observador da agência «Southam News», que por mais de uma vez teve ocasião de visitar a China, afirmou: «Compreendo agora o motivo porque eles estão a construir um gigantesco estádio em Xangai. Quando lá estive, há cerca de um ano, nunca consegui informações precisas sobre esse estádio».

«Penso, contudo, que a eventual realização de «jogos paralelos» na RPC só poderá ter como único objectivo o de dividir o movimento olímpico e, consequentemente, de criar uma situação delicada para os países em vias de desenvolvimento», conclui Lynch.

TRABALHO DE SAPA

Nos corredores do Comité Olímpico Internacional discutiu-se quase a alta voz o facto dos maoístas terem pretendido empolar a situação de crise surgida em Montreal após a tomada de posição de certos países do Terceiro Mundo. «Com efeito, Pequim nunca demonstrou um verdadeiro desejo de participar nos Jogos de 76», sublinhou o jornalista ca-

nadiano. «Bem ao contrário, os seus dirigentes evidenciaram nitida satisfação por Taiwan permanecer membro da COI. Tal permanência permite-lhes manter a sua política dissidente e justificar plenamente a sua própria ma vontade de integrar-se na grande família internacional dos desportistas olímpicos».

Dag Gilbert, principal observador desportivo do Canadá e colaborador do jornal «La Gazette» escreveu na altura: «Os chineses sabiam antecipadamente que os seus atletas pouca chance tinham de obter um êxito razoável em Montreal. Hoje sabem que essa chance ainda será mais reduzida na próxima olimpíada. Eis, evidentemente, a principal razão de estranha conduta de Pequim».

«Agora uma pergunta se põe: que beneficiarão os Estados do Terceiro Mundo se aceitarem o convite da RPC a participarem nos «jogos paralelos»? É mais que duvidoso que dessa atitude resulte algum proveito positivo», considera Lynch.

Não deixa, porém, de ser curioso que, em face das estrondosas vitórias dos países socialistas, os dirigentes maoístas e os meios internacionais especificamente afectos à extrema direita assumam posições tão idênticas, no que concerne à tentativa constante e persistente de desarticular o movimento internacional olímpico, com o claro objectivo de criar um estado de tensão nas relações entre os povos de todo o mundo. Curioso e sintomático...

PASSAPORTES
abreu

Av. da Liberdade 160 - LISBOA

MINI ou MAXI
SEMANA EM
LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS:

Domingos e 488 feiras

Agosto 14,8,11,15,18,22,25,29

Setembro 15,8,12,15,19,22,26,29

Preços

especiais

desde*

*a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com

satisfação: fui a Londres numa

das viagens baratas da «abreu»

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA

PORTO

COIMBRA

PARIS

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES

CÂMARA MUNICIPAL

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 12 (Domingo) das 8 às 14 horas nas seguintes localidades:

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 8 DE SETEMBRO DE 1976.

O Engenheiro Director-Delegado

Casimiro Martins Neves Cabaço

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECANICA DO DISTRITO DE LISBOA MOÇÃO

Considerando que:

Para a defesa de uma política salarial e da Contratação Colectiva que é o garante das nossas condições de vida;

— Para a luta contra os despedimentos e o desemprego que o patronato ameaça;

— Contra a recuperação capitalista;

— Pela defesa das nacionalizações, controlo operário e reforma agrária;

— Pela concretização na prática da Constituição e a participação activa dos trabalhadores na elaboração das leis fundamentais do País.

Só unidos e organizados os trabalhadores poderão lutar pelos seus interesses comuns e contra os seus inimigos de classe.

Assim:

A realização do Congresso de todos os Sindicatos Portugueses para o reforço da unidade dos trabalhadores e para a reestruturação da Central Única Intersindical Nacional, será o garante para a defesa das conquistas alcançadas para a consolidação da democracia e a transição para o socialismo.

Os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos do Distrito de Lisboa, reunidos em plenário em 9.9.76, decidem:

- 1.º. Conforme decisão da Reunião Geral de Sindicatos no dia 4, que a Comissão Nacional Organizadora Provisória eleita por 170 Sindicatos comece a elaborar os trabalhos preparativos do Congresso e a dinamizá-lo junto dos trabalhadores.
- 2.º. Responsabilizar todos os que, não aceitando a democracia, põem em perigo a unidade dos trabalhadores, que é o resultado das duras lutas dos trabalhadores forjadas durante o fascismo.
- 3.º. Que as Direcções Sindicais e todos os trabalhadores se mantenham firmes e vigilantes contra todas as tentativas de cisão do Movimento Sindical, denunciando e combatendo os divisionistas.
- 4.º. Repudiam os ataques das forças reaccionárias à Intersindical Nacional — Central Única, que mais não visa que a tentativa de divisão dos trabalhadores portugueses.
- 5.º. Repudiam a forma como alguns órgãos de informação têm dirigido os assuntos dos trabalhadores, através da calúnia e da deturpação da verdade.
- 6.º. Tendo tido conhecimento de que, em várias empresas, circulam abaixo-assinados, repudiam todas as tentativas de ingerência partidárias que, entre as várias formas com que se aparecem com abaixo-assinados, fugindo assim à directiva com os trabalhadores, através das estruturas deles criadas.
- 7.º. Apela à participação de todos os trabalhadores nos plenários, assembleias, discussões e outras formas de preparação do Congresso de todos os Sindicatos portugueses pelo reforço da unidade dos trabalhadores e pela reestruturação da Central Única dos Trabalhadores Portugueses — Intersindical Nacional.

Aprovada por maioria com uma abstenção

Geral

Inaugurado um novo hotel no Porto

PORTO, 11 — O secretário de Estado do Turismo, dr. Luis Filipe Madeira, esteve no Porto durante a sessão inaugural de uma nova unidade hoteleira, o «Porto Atlântico hotel» situado na Boavista e integrado no respectivo parque residencial. O novo hotel de cinco estrelas, tem 51 quartos e sete suites.

O secretário de Estado referiu, a dada altura, que no programa do governo se inclui a conclusão dos empreendimentos turísticos em curso, suspensos por razões conjunturais, e ainda a construção de complementos hoteleiros indispensáveis ao seu funcionamento e a criação de novos hotéis.

Ultima homenagem ao operário da Setenave

BARREIRO, 11 — O funeral de Eurico Ismael das Neves Cardoso, falecido no desastre que na passada terça-feira enlutou a Setenave, constituiu uma significativa manifestação de pesar. O corpo do falecido

esteve toda a noite em câmara ardente na capela mostuária da igreja, seguindo-se cortejo fúnebre em que participaram milhares de trabalhadores da Setenave, da Lisnave, da Siderurgia e de outras empresas da região.

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34-1.º — LISBOA-1
Telefones: 770274 - 763276 - 770066

TÁXIS CONCURSO

Atribuição de alvarás para o concelho de Azambuja

O Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa, comunica a todos os seus associados que o concurso para atribuição de ALVARÁS - TAXI, no concelho de AZAMBUJA, estará aberto no período de 15-9-76 a 15-10-76.

NOTA: — Para outras informações dirige-te ao Sindicato.

Lisboa, 10 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO
Sequeira

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALO-MECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

— Considerando que a Rádio Televisão Portuguesa é um órgão de comunicação social pago por todos os portugueses;

— Considerando que a R. T. P. não compareceu na conferência de Imprensa promovida pela Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso de Todos os Sindicatos, no dia 7-9-76, e convocada por decisão da última Reunião Geral dos Sindicatos, onde estiveram presentes 170 Sindicatos, representando cerca de 1 400 000 trabalhadores;

— Considerando ainda que tal actuação é mais uma prova de desprezo da RTP pelas decisões das estruturas representativas dos trabalhadores e não contribui em nada para uma política de verdade, que os órgãos de comunicação social devam seguir;

Os Delegados Sindicais metalúrgicos, reunidos em Plenário Geral, no dia 9-9-76, decidem:

a) Denunciar a todos os trabalhadores o comportamento sectário da R. T. P. que, através da cobertura que faz às forças divisionistas ao serviço da recuperação capitalista, tudo faz para nos dividir;

b) Protestar contra a sua ausência na Conferência de Imprensa promovida pela Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso de todos os Sindicatos Portugueses e convocada por decisão de 170 Sindicatos representando 1 400 000 trabalhadores;

c) Reclamar dos Órgãos do Poder que ponham a R. T. P. ao serviço efectivo dos trabalhadores portugueses e não ao serviço daqueles que pretendem continuar a explorá-los;

d) Apoiar todos os camaradas trabalhadores dos órgãos de comunicação social que continuam a lutar por uma informação honesta que sirva os interesses reais das classes trabalhadoras.

APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO



BARES - BOTES RESTAURANTES TÍPICOS DANCINGS

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. T. 264621/264946.

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197

HISTÓRIAS DE FIDALGOTES E ALCOVITEIRAS, PASTORES E JUDEUS, MAREANTES E OUTROS TRATANTES SEM ESQUECER SUAS MULHERES E AMANTES...



A BARRACA

Um espectáculo Popular, divertido que faz rir e pensar...

Textos: Gil Vicente e Ruzante

Hoje, às 21.30 horas na

INCRÍVEL ALMADENSE

M/13 anos

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado no extremo leste e muito nublado na parte restante. O vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima..... 29,5°

RÉGUA

Mínima..... 7,5°

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de noroeste. Possibilidade de aguaceiros, especialmente nas regiões a norte do Rio Tejo. Pequena descida de temperatura.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO..... 17°
COIMBRA..... 15°
PORTALEGRE..... 14°
LISBOA..... 19°
FARO..... 20°

MARÉS DE HOJE

PREA-MAR BAIXA-MAR

5.33 4,0 m 11.02 1,0 m
17.48 4,1 m 23.19 1,0 m
Dia 12

6.04 3,9 m 11.34 1,1 m
18.20 3,9 m 23.51 1,2 m
Dia 13

6.35 3,8 m
18.51 3,7 m 12.09 1,3 m

ANANHA

NAScer AS 7.16
OCASO AS 19.49



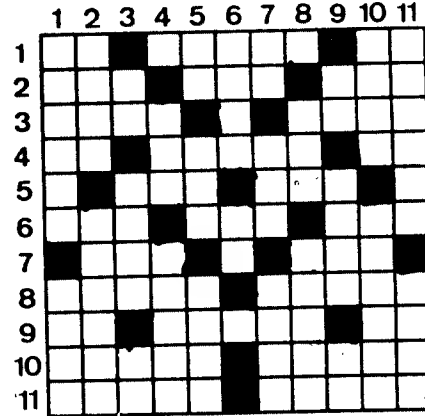
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11468

HORIZONTAIS:

- 1 Basta. Em excesso. Deus dos pastores.
- 2 Grito (Bras). Pedra de altar. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- 3 Casta. Toca.
- 4 Caminhar. Canção de barqueiros. Alteza Real.
- 5 Freguesia do concelho de Penafiel. Zombas.
- 6 Composição poética. Antepassado. Patrão.
- 7 Seguias. Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca.
- 8 Combinar. Pequeno.
- 9 Prefixo que designa afastamento. Falsos. Brisa.
- 10 Unam. Terreno vedado por muro sebo ou valado.
- 11 Guarnecera de asas. Enfadados.



VERTICAIS:

- 1 Relativo a incenso. Corta-papel.
- 2 Içar. Demónios.
- 3 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Verdadeiro. Nota musical.
- 4 Falda. Perceber.
- 5 O mesmo que uma (ant. e pop). Membro de ave. Move os ramos.
- 6 Indignar. Lê.
- 7 Basta. Nome de jogo. Mamífero roedor que habita o Brasil, as Antilhas e o México.
- 8 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Costuram.
- 9 Mulo. Danado ou perdido por efeito malfico (Bras). Estrepitodestesmoron ameno.
- 10 Um dos estados do Brasil. Maquinismo para levantar grandes pesos.
- 11 Acarreto. Rezas.

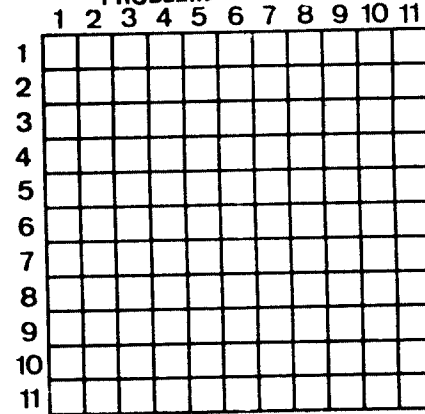
Resolvi completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 762R

HORIZONTAIS:

- 1 Matança de gado. Erram.
- 2 Figura que simboliza o povo americano. Estime. Curso de água natural e abundante.
- 3 Homem de baixa estatura. Crie.
- 4 Oferecer. Magnete natural. Igual.
- 5 Picantes. Adeja.
- 6 Gorgulho tropical. Pronome demonstrativo.
- 7 Pátria.
- 8 Campeão. Designação de uma variedade de galinhas de Java. Amónio (s.q.).
- 9 Marcar. Guarnecera de asas.
- 10 Tombar. Fechar as asas para descer mais depressa.
- 11 Lavras. Tecido indígena, da Guiné Portuguesa.



VERTICAIS:

- 1 Vasilha com asas. Ilha do arquipélago de Sunda. Ecoar.
- 2 Antigo escrivão da capitania-geral de Ceilão. Ecoar.
- 3 Acorrentou. Irmão da mãe.
- 4 Erbio (s.q.). Cidade de Itália.
- 5 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Separar de.
- 6 Pronome pessoal. Prefixo de privação.
- 7 Nome de letra. Estreita.
- 8 Artigo definido. Tosta.
- 9 Faz crepitações. Rio de França.
- 10 Encozerizara. Cidade da Roménia.
- 11 Trituram. Poisa no mar (o avião).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11467

HORIZONTAIS:

- 1 Barreiros.
- 2 As. Barca. Ga.
- 3 Rio. Ter.
- 4 Rosne. Corta.
- 5 Ou. Uil.
- 6 Im. Abala. Ar.
- 7 Ras. Ana. Ave.
- 8 Olear. Sagan.
- 9 Sala. Lila.
- 10 Iara. Bati.
- 11 Posou. Arões.

VERTICAIS:

- 1 Barreiros.
- 2 Sio. Malaio.
- 3 Oso. Selas.
- 4 Ab. Nua. Aaro.
- 5 Mare. Bar. Au.
- 6 Pr. Pan.
- 7 Ecoa. Lás. Ba.
- 8 La. Tua. Alar.
- 9 Tri. Agito.
- 10 Geo. Avalie.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7627

HORIZONTAIS:

- 1 Despistar.
- 2 Um. Ruam. Ina.
- 3 Eial. Arpara.
- 4 Mare. CARO.
- 5 Descora. Me.
- 6 Vós. Pia.
- 7 Ir. Arassem.
- 8 Crer. Açor.
- 9 COMPRA. Aso.
- 10 Cás. Aero. Ag.
- 11 Alais. Ero.

VERTICAIS:

- 1 QUEM. Vim. Ca.
- 2 Miador. Cal.
- 3 Ares. Cosa.
- 4 Er. Es. Arm.
- 5 Sua. Carepas.
- 6 Parco. Arre!
- 7 Imparas. Are.
- 8 Ara. Sa. Or.
- 9 Tiro. Peca.
- 10 Ana. Mimosa.
- 11 Rã. Rea. ROGA.

PROVERBIO: CARO COMPRA QUEM ROGA.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO H-1

(Até às 22 horas)

(Encerram para almoço das 13 às 15 horas)

AJUDA

Lidia Almeida, C.* Ajuda, 170 (Telef. 637318)

ALVAREZ

Bisália, Av. Rio de Janeiro 66-66-A (Telef. 722368)

AREIRO

Central do Areiro, Av. Paris, 2-2-A (Telef. 720820)

AVENIDAS NOVAS

Cardote, Ld.* Av. Visconde Carmo, 28-A-C (à Av. República) (Telef. 772291)

BENFICA

Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Telef. 704828)

CAMÕES

Durão, Rua Garrett, 90-92 (Telef. 324166)

CAMPO OURIQUE

Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Telef. 681726)

CASTELO

Santa Luzia, Rua Saudade, 2-B (Telef. 869831)

CHILE

Zional, Rua Moraes Soares, 56-C (Telef. 847708)

GRACA

Martins, Ld.* Rua Fernão de Magalhães, 33 (Telef. 849448)

ESTEFANIA

Romano Baptista, Rua Passos Manuel, 6-10 (Telef. 570593)

OLIVAIS

Higiene, Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B, 41), lote 43 (Olivaes Sul)-Zona Poente (Telef. 310026)

PICOAS

Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro) (Telef. 553468)

TURNO H-2

(Serviço permanente)

ALCANTARA

Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (Telef. 686176)

ALTO DE S. AMARO

Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29-A-B (Telef. 637070)

ALVALADE

S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (Telef. 771469)

AREIRO

Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (Telef. 712803)

AVENIDA DE ROMA

Roma, Av. Roma, 85-B (Telef. 772466)

AVENIDAS NOVAS

Berna, Av. Berna, 44-A (Telef. 773568)

BAIXA

Centro Farmacêutico, Rua Portas de Santo Antão, 88 (Telef. 321211)

CAMPOLIDE

Pinto, Rua Campolide, 11-A (Telef. 682610)

CARNIDE

Canto, Est. Laranjeiras, 202-P. (Telef. 780841)

ESTEFANIA

Mundial, Ld.* Largo D. Estefânia, 10 (Telef. 45578)

GRACA

Monte (do), R. Senhora do Monte, 30-A-B (Telef. 867842)

LUMIAR

Patuleira, H.*s, Alameda das Torres, 262-B (Telef. 790332)

MADRAGOA

Liz, Rua da Esperança, 17-19 (Telef. 660913)

MARQUES POMBAL

Ribeiro e Castro, Ld.* R. Braamcamp, 52-C (Telef. 43409)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Telef. 720703-728395)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)

DAMAIA

Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)

QUELUZ

Correia, Lg.* do Mercado, 3 (Telef. 950906)

CACÉM

Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos Lote 1-B (Telef. 2940781)

MEM MARTINS

Mem Martins, Miranda Garcia-Est. de Mem Martins, 173-B (Telef. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA

Simões, Estefânia (Telef. 2930832)

COLARES

Abreia, (Telef. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 2112081)

CAXIAS

Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

OEIRAS

Alcântara Guerreiro, Parque Residencial Dr. Augusto de Castro, Central, R. Conde Ferreira, 29 (Telef. 2430058)

NOVA OEIRA

L'al, Lote 10 (Telef. 2430691)

PAREDE

Grincho, Av. da República, 87 (Telef. 2471204)

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Domingos de Rana, Godinho da Silveira Av. Saboia, 29-B (Telef. 260085)

S. JOÃO DO ESTORIL

Amoreira, Amoreira, (Telef. 262313 - 267314)

ESTORIL

Marques dos Santos, R. Ferreira, J.A. 15 (Telef. 260116)

CASCAIS

Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); Nova, Estrada de Alvide, Fontainhas (Telef. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS

Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)

ALMADA

Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.* Piso E (Telef. 2768030)

BAIXA DA BANHEIRA

Aliança, Estrada Nacional, 178-B (Telef. 2040302)

BARREIRO

Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2072141); Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Telef. 2073035)

COVA DA PIEDADE

Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356)

MOITA

U.ião Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTUO

Montijo, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 2310035)

SESIMBRA

Leão, Av. da Liberdade, 13 (Telef. 2233471)

SETÚBAL

Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (Telef. 22248); Saia, Av. Portela (Telef. 22709)

SEIXAL

Romenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

TURNO 21

ATE AS 22 HORAS

Campos, R. Padre Luis Cabral, 943. Foz. Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. Clerigos, R. dos Clerigos, 36. Cruz, R. de Costa Cabral, 1082. Monte dos Burgos, R. do Monte dos Burgos, 802. Aliança, R. da Conceição, 2. Guarani, R. Pedro Hispano, 367. Menezes de Lima, P. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227

TODA A NOITE

Lidador, R. do Lidador, 171. Estácio, R. Sa da Bandeira, 120. Botelho, R. da Alegria, 863. Maia, R. do Campo Alegre, 192

COIMBRA

Montes Claros, Rua Dr. António José Almeida, 69. Tel. 25904; Viegas e Coelho, Rua da Sofia, 19. Tel. 22089.

cinemas

CASTIL

Tel. 63019415. 17.00, 19.00, 21.15

Se gostou da Helga não perca

MICHAEL E HELGA

c/ Ruth Gassmann, Felix Franchi

Não acons. menores 13 anos

2.* semana

IMPÉRIO

Tel. 555134/5. 15.15, 18.30, 21.15

O filme imortal que lançou

Barbra Streisand!

FUNNY GIRL

(Uma rapariga enfiada)

2.* Semana

com Omar Sharif

Um filme de William Wyler

Oscar melhor atriz 70 mm

écran gigante

Grupo C 14 anos

POLITEAMA

Tel. 32380514.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores 18 anos

5.* semana - Lotações esgotadas

EXTASE SEXUAL DE MACUMBA

ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA

Tel. 727778. 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. menores 18 anos

HITOIRE D'O

3.* Semana

com Corine Clery, Udo Kier

MUNDIAL

Tel. 538743. 14., 16.30, 19., e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

SALÓ OU OS 120 DIAS

DE SODOMA

Contém cenas eventualmente chocantes

D. JOÃO V

Tel. 971794. As 21.15

Não acons. men. 13 anos

A 7.* ALVORADA

As 24.00 int. men. 16 anos

O TIGRE DE OURO

Programa

16.00: Música variada; 17.00: Conjuntos; 18.00: Música portuguesa; 19.00: Cantorias; 20.00: Música variada; 21.00: Jornal da noite; 22.00: Orquestras; 23.00: Contraponto; 24.00: Rádio revista; por Luis Pereira de Sousa; 24.00: Fecho

2.* Programa

16.35: Transmissão integral das

«Suites Ingresas», de Bach; 17.17: Duas versões da mesma obra; 18.47: Música de câmara de Mozart; 18.05: Pequenas obras de grandes compositores; 18.30: Concerto sinfónico; 20.28: Conjuntos instrumentais; 21.00: Uma obra de Alexandre Rey Colaço; 21.05: «Colección de Tonadillas», de Granados; 21.20: Obras de Daniel Friedrich Kuhlau; 22.00: Recital de violoncelo e piano, por Michel Marchésini e Maria José Moraes; 22.18: Trio op. 2, em lá maior, de Stamitz; 22.30: Um solista, uma orquestra; 23.00: Orques trasde câmara; 23.25: Intercâmbio musical; 23.40: Música sinfónica de Mozart; 00.36: Ciclo de canções, op. 24, de Schumann; 01.00: Fecho

3.* Programa

Nacional e Regional (294 m)

16.00: Variante; 16.15: Casas ao acaso, por Orlando Dias Agudo; 16.40: Disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; 17.15: Vamo ao médico, pelo dr. José Matildes; 17.30: Cinema em variante, por Carlos Pina; 18.00: Contacto; 21.15: Hora literária; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Campeonato do Mundo de Hoquei em Patins - Portugal-Alemanha; 01.00: Emissão nacional; 02.00: Fecho

4.* Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.05: Trechos seleccionados; 18.15: Igreja em notícia - palavra do dia; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 21.05: Pentagrama; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.05: Trifónico; 23.30: Campeonato do Mundo de Hoquei em Patins - transmissão do jogo Portugal-Alemanha no final Trifónico; 02.00: Encerramento da estação

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093. 15.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

Uma história imortal! Um filme eterno!

E TUDO O VENTO LEVOU

com Clark Gable, Vivien Leigh, Leslie Howard

14.* semana

EDEN

Tel. 320768. 14.00, 16.30, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O primeiro grande filme de artes marciais e terror!

KUNG FU CONTRA OS 7 AMPIROS DE OURO

um filme de Roy Ward Baker

2.* Semana

ODEON

Tel. 326283. 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos

5.* SEMANA DE ENCHENTES

Um filme que revive o drama das mães solteiras

O DIREITO DE NASCER

com Aurora Bautista e Julio Aleman

5.* SEMANA DE ENCHENTES

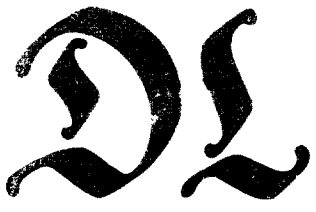
APOLO 70

Tel. 76331114.00. 16.30. 19.00. 21.15

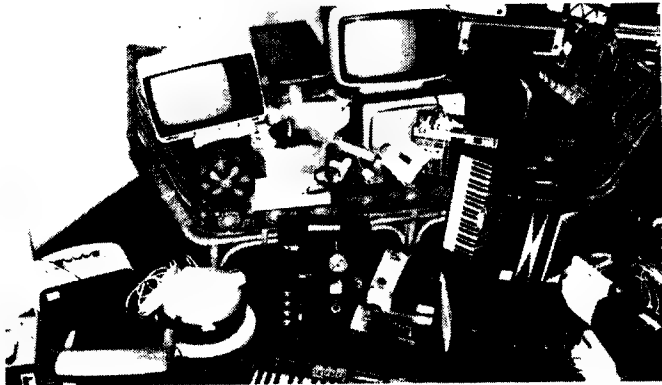
Não acons. menores 18 anos

YAKUZA

4.* semana



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A. L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOIA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL



Parte da «mercadoria» apreendida aos dois rapazes

Dois rapazes de 14 anos empurrados para o crime

Dois rapazes de 14 anos acabam de ser detidos pela Secção de Justiça da P. S. P.: eles são acusados de inúmeros furtos, nomeadamente do roubo de automóveis de grande potência, que conduziam, a despeito das suas idades. Nas aventuras, participava um outro jovem, mais velho (19 anos), mas que não conduzia, «tinha medo».

O furto mais «sensacional» da dupla de 14 anos, foi o de 700 pares de sapatos guardados na furgoneta de um vendedor, em Salvaterra de Magos. Chegaram a Salvaterra num carro «sport» (sempre «prego a fundo») os dois jovens «toparam» a mercadoria, e um deles passou-se para a furgoneta. Regressaram à Fonte da Telha, um no «Datsun 160 SSS», o outro na «sapataria» ambulante.

A maior parte dos furtos verificou-se em Évora, Setúbal, Seixal, Costa de Caparica. A última operação, no dia 8 deste mês, deu-se em Évora, com um assalto a um estabelecimento de electrodomésticos, de onde levaram muitos instrumentos

musicais.

Apurou a Polícia que os dois rapazes teriam participado nalguns assaltos organizados por adultos, que se serviram da sua pequena estatura: tratando-se de jovens magros, tornava-se-lhes possível esgueirarem-se por espaços inacessíveis aos adultos.

Entretanto, foram presos os receptores dos instrumentos musicais e da «encomenda» dos sapatos. Pormenor: pelos 700 pares, os rapazes receberam apenas nove contos.

A actividade dos dois amigos vinha já de Dezembro. O montante dos últimos cinco furtos atinge 247 contos.

Por último, importa recordar que ambos os rapazes são filhos de famílias extremamente pobres, e muito numerosas, do Laranjeiro, onde não existem condições mínimas de protecção à juventude. Trata-se de mais um caso flagrante de falta de assistência social, a empurrar os mais novos para uma vida marginal da qual dificilmente recuperarão.

A repressão substitui-se à prevenção.

Reaccionários de Moçambique ligados à rede bombista

Enquanto «prosseguem as investigações» e como sinal que apesar das aparências algo mais se tem avançado, são imputadas aos bombistas detidos mais alguns rebentamentos cuja autoria criminosa ainda não havia sido tornada pública. Assim terão sido perpetrados pelos actuais detidos mais os seguintes atentados: casa (ainda por reconstruir) do dr. Teixeira de Sousa, ex-presidente da Câmara Municipal de Gondomar; série de rebentamentos em Santo Tirso, bomba em Delães (Guimarães); e outros dois em Rio Tinto, Gondomar.

A bomba que rebentou na sede do P. S. em Lisboa, quando do frente a frente televisivo entre Mário Soares e Álvaro Cunhal é por sua vez imputada ao José Luís e Panasqueira Gago, assaltantes da Standard Eléctric, o que manifesta uma vez mais que tais indivíduos seriam também uma célula da rede terrorista.

Por outro lado soubemos que os elementos daquela quadrilha que participaram no 7 de Setembro em Moçambique, formaram, juntamente com muitos outros contra-revolucionários vindos das ex-colónias, uma organização denominada CODECO (Comandos Operacionais de Defesa da Civilização Ocidental). Uma vez que só três ou quatro membros de tal organização estão detidos será de concluir que muitos indivíduos daqueles comandos continuem a monte.

Presume-se também que Gonçalo Gonçalves Martins, que pretendia assumir a chefia da Câmara Municipal de Ponte

de Lima, por proposta do C. D. S. era um destacado membro do E. L. P. / M. D. L. P. justificar tais suspeitas está o facto de existirem indícios de que tentara formar um «exército» para avançar sobre o sul.

Presume-se ainda que o responsável no Norte do E. L. P. / M. D. L. P. era o industrial Joaquim Torres (preso em Caxias) e que outro elemento destacado da organização, era o industrial Manuel Macedo, de Santo Tirso, que fugiu do País.

Apurou-se entretanto a existência de uma denominada «Frente Secreta de Salvação Nacional», composta de três células com cinco elementos cada, e que actuavam no Porto em «vigilância» à Polícia Judiciária e a figuras de esquerda, desde que foram iniciadas as

de Lima, por proposta do C. D. S. era um destacado membro do E. L. P. / M. D. L. P. justificar tais suspeitas está o facto de existirem indícios de que tentara formar um «exército» para avançar sobre o sul.

Presume-se ainda que o responsável no Norte do E. L. P. / M. D. L. P. era o industrial Joaquim Torres (preso em Caxias) e que outro elemento destacado da organização, era o industrial Manuel Macedo, de Santo Tirso, que fugiu do País.

Apurou-se entretanto a existência de uma denominada «Frente Secreta de Salvação Nacional», composta de três células com cinco elementos cada, e que actuavam no Porto em «vigilância» à Polícia Judiciária e a figuras de esquerda, desde que foram iniciadas as

JORNALISTAS

Negociações do C.C.T. sem qualquer avanço

Os representantes da Secretaria de Estado da Comunicação Social presentes, ontem, na reunião efectuada nas instalações do Palácio Foz, com vista à negociação do novo Contrato Colectivo de Trabalho dos jornalistas, afirmaram a sua determinação de não negociar qualquer tipo de acordo que implique um aumento de encargos. Assim, os jornalistas portugueses têm poucas perspectivas de verem revisto o actual C. C. T., que data de antes do 25 de Abril.

A delegação sindical presente às negociações afirmou que não entende «que a solução do problema da Imprensa esteja em manter congelados os ordenados dos jornalistas». A sua argumentação assentou no facto de este sector profissional ganhar, hoje, menos do que ganhava há dois anos, uma vez que aumentaram os impostos. Por outro lado, importa fazer a defesa daqueles profissionais que auferem apenas o vencimento fixo, hoje de 11000\$00 para a categoria máxima (redactor).

Na proposta apresentada, eram abolidas as categorias profissionais e os ordenados fixados em 15 mil escudos. Por outro lado, a delegação sindical afirmou não pretender situações de privilégio e ser contra as horas extraordinárias e o duplo emprego.

Por outro lado, o dr. António Pedro Ruella Ramos, em representação da Associação da Imprensa Diária, fez a leitura de um documento em que defende a reestruturação da Imprensa com a colaboração dos sindicatos, do Conselho de Imprensa e representantes governamentais, sem a qual não vê possibilidade de quaisquer aumentos salariais. Além disso, no documento lido, considerava-se indispensável levar o Governo a definir regras de apoio à Imprensa.

Ainda o representante da Associação de Imprensa Diária interogou-se se o princípio enunciado pelo Primeiro-Ministro («que os contratos colectivos para as empresas públicas devem ser autónomos em relação aos do sector privado») não viria a ter influência no futuro das negociações.

Os representantes da Secretaria de Estado da Comunicação Social apresentaram, pela sua parte, um estudo económico sobre o aumento de encargos que este novo contrato provocaria: 2359 contos. Mas o estudo não considerava a redução de gastos com o fim do duplo emprego e outros.

MANUEL ALEGRE RECEBE «FLAMA»

Os trabalhadores da «Flama», inesperadamente suspensa há duas semanas por ordem da administração do Crédito Predial Português, seu proprie-

tário, vão ser recebidos pelo secretário de Estado da Comunicação Social, Manuel Alegre.

Entretanto, este membro do Governo, em declarações à ANOP, afirmou que a questão da «Flama» ultrapassa o seu departamento, porque a publicação não tinha intervenção do Estado, nem era um órgão estatizado.

«De qualquer maneira» disse «a nossa política já foi definida: não haverá mais nacionalizações; não haverá senão em casos extremos, uma política de intervenção do Estado.»

AÇORES

P.S. protesta contra declarações de Mota Amaral

O Partido Socialista apresentou ontem na Assembleia Regional dos Açores um voto de protesto contra as declarações do chefe do Governo Regional deste arquipélago, Mota Amaral, feitas durante a tomada de posse do Governo na passada quarta-feira. O voto de protesto foi lido pela deputada Conceição Bettencourt na sessão de ontem da Assembleia, invocada para deliberar sobre o projecto de decreto regional relativo ao estatuto do deputado. Este foi aprovado na generalidade. Outra sorte teve o voto de protesto do P. S., que seria derrotado pelos 18 votos do P. P. D. As notícias que nos chegam não referem a votação do C.D.S.

O voto do P. S. contra as declarações de Mota Amaral considerava «o teor altamente desconfiança e da violência, emocional, carregado de suspeição e, consequentemente, insultuoso em relação ao Governo Central do discurso proferido»: «tais insinuações, suspeições e indisfarçada ameaça — dizia o P. S. — põem em causa a unidade nacional e estimulam a extrema-direita quer regional quer nacional, fazendo perigar a própria liberdade e democracia.»

«Num tal clima, exacerbado consciente ou inconsciente-

mente, mas em qualquer dos casos, imaturamente, só florescem as sementes do ódio, da desconfiança e da violência, pondo em sério risco a paz, a concórdia e o empenhamento comum no trabalho da reconstrução democrática deste País e desta região, fazendo perigar a própria autonomia e a sua dinamização progressiva e pacífica» — considerava o P. S.

Mota Amaral tinha-se referido em tom pouco amistoso ao Governo Central, a propósito da eventual criação, em Lisboa, de um departamento para articular as relações entre o Governo Central e a administração nas regiões autónomas nos Açores e na Madeira, declarando abertamente que não concordava e invocando, para isso, vários argumentos, designadamente a votação registada nas eleições regionais.

Durante a sessão, e na sequência da leitura do protesto feito pela deputada do P.S. Conceição Bettencourt, um deputado do P. P. D., Carlos Teixeira, usou da palavra para se insurgir, por sua vez, contra o texto da moção, no seu dizer «injuriou» para Mota Amaral. E lembrou que o chefe do Governo Regional tinha sido eleito pelo voto maioritário do electorado dos Açores.

3 tomes

«O DIA» DE ONTEM

Em «O Dia» de ontem, o sr. José Sampaio chamava-nos «hienas», lamentava estes «2 anos de verdadeiro regabofe» e dizia que lhe saltámos «às canelas de forma que só não é grave por tão ridícula».

Não nos custa ouvir no acerto deste último ditame. Com efeito, não é grave nada que diga respeito ao sr. José Sampaio, já que cada jornalista tem o seu dia e cada «Dia» tem os jornalistas que merece.

«O DIA» DE HOJE

N'«O Dia» de hoje, o sr. Pina avisa que dificilmente terá lugar em Portugal quem não entenda a linguagem do sr. Primeiro-Ministro.

Sombrio, este «Dia». Mas já houve um Inverno pior e nem por isso a Primavera deixou de chegar, a seu tempo.

A propósito, no mesmo jornal, em título, noticia-se que «Salvador Allende morreu há três anos». Morreu! Morreu de quê? Terá sido gripe?

RATOS VÃO ENCHER O PAPINHO

Os actuais responsáveis do sector da Juventude do M.E.I.C. são homens de grande formação cultural e capazes de grandes decisões.

Assim, acaba de chegar ao nosso conhecimento que 60 mil volumes e muitos milhares de cadernos culturais editados pela F.A.O.J. vão ser fechados num armazém cheio de ratos e onde entre água da chuva.

Haverá alguém que se lembre do amor que os nazis alemães devotaram aos livros. Era tanto, tanto, que mandavam encadernar alguns em pele humana. Pinochet fez igual quando sibi ao poder. Acendeu fogueiras para «aquecer» os livros...

A recordação é completamente desproporcionada. Aqui em Portugal, agora, o amor pela cultura é tanto e tal que se oferecem livros aos ratos. Trata-se de uma medida altamente «patriótica»: ratos mais cultos a glória dos ratos possuídos da Europa. Bravo!

D. Etelvina Santos

Realiza-se amanhã, às 10 e 30, da igreja de S. João de Brito para o cemitério do Alto de S. João em Lisboa o funeral da sr.ª D. Etelvina Santos, natural de Lisboa e mãe de Feliciano Manuel dos Santos Maciel Fernandes, nosso antigo colega de Imprensa.

Senhora muito estimada pelos que a conheceram, prestou durante vários anos, generosamente, relevantes serviços de enfermagem em várias instituições de beneficência.

A família enlutada apresenta a expressão do nosso pesar.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

ANTUNES DA SILVA

TERRAS VELHAS SEMEADAS DE NOVO

UM DOCUMENTO IMPRESSIONANTEMENTE VIVO E VERDADEIRO SOBRE UMA REFORMA AGRÁRIA FEITA COM NOVA E LAZIMAS.

A EPOPEIA DOS TRABALHADORES DAS COOPERATIVAS AGRÍCOLAS NARRADA POR UM GRANDE ESCRITOR ALENTEJANO.

LIVRARIA BERTRAND
APARTAMENTO 100 - MADURA

Discos voadores:
Vénus paga as favas

11 DE SETEMBRO DE 1976

sete
PONTO
sete

AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

Diário de Lisboa



cinema

jorge leitão ramos

5



discos

j. p. santos reis

5



teatro

carlos porto

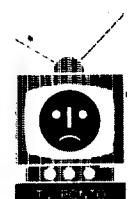
8



livros

luís de miranda rocha

9



televisão

11



Música:

mário vieira de carvalho

12

Lisboa, de 11 a 17 de Setembro de 1976
Coordenação de Mário Lindolfo
Orientação gráfica de Rodil Garcia

O que vai por aqui

Embora o leitor não acredite em discos voadores, sempre lhe contamos, nas páginas seguintes, algumas histórias envolvendo os misteriosos «ovnis»: não temos o direito de duvidar da sanidade mental de muito boa gente que jura, a pés juntos, ter visto aquelas «coisas» pousarem no seu quintal.

Depois, na página cinco, dizemos-lhe como vai o cinema pelo burgo, desde «A Garganta Funda» ao «E Tudo o Vento Levou». A certo passo recordamos-lhe que a lógica subiu: a batata está agora a 7\$50 o quilo.

Dois maduros, um da Madeira o outro do Estoril, mandam-nos dois «registos» para as «Memórias do meu tempo».

Nas centrais, uma manta de retalhos: o Relógio Biológico que prevê o futuro (é o fim da bruxa!); as palavras cruzadas; aquele abraço do general Moraes da Silva, e o regresso da série do «Vingador». Ainda nas centrais, a Volta à Ilha (da Madeira) a pé, pelo velho França, o Caramujo. Com uma passada estupenda, este octogenário fez o circuito em apenas seis dias. Terminada a maratona, o Caramujo meteu-se num autocarro e foi para casa.

Na página sete dizemos-lhe que na Jugoslávia «o Teatro está na rua». Estivemos lá, vimos, ouvimos e não calamos.

Prosseguindo, temos os Livros (na oito) e logo a seguir garantimos-lhe que Lisboa está cheinha de falsos mendigos e, vamos lá, de agiotas que dão aos pobres na mira de emprestar a Deus. Um mau investimento, porque muitas vezes não se trata de mendigos de verdade.

A página onze vai toda para a Televisão, uma ternura a preto e branco que, como o leitor sabe, é das melhores da Europa: programas estupendos, realizadores dinâmicos, sempre em cima do acontecimento (os bons costumes aconselham a pôr a mãozinha à frente quando bocejar).

A fechar em beleza, a doze, com a palavra de Paul Tortelier: depoimentos inéditos do famoso violoncelista francês que se encontra em Lisboa.

É claro que o aconselhamos a começar pelo princípio, aqui mesmo por baixo, onde lhe dizemos que na China as coisas vão de Mao a Piao.

De Mao a Piao

Em vez de estarem presentes num comício de crítica a Lian Piao, dois jovens operários de uma fábrica de aparelhos eléctricos de Shensi preferiram ocupar o tempo a fazer amor. As leis de Mao (ainda vivo, obviamente) não tiveram contemplações, e os amantes, acusados de «conduta burguesa» têm pela frente penas de vinte anos de prisão (ele) e três anos de «reforma através do trabalho» (ela). É o jornal «Le Monde» que nos conta a história.

Um caso de costumes transformou-se num caso político de primeiro plano na província do Shensi. Uma viva controvérsia agita a população e há uma enorme campanha de cartazes, que opõe as «massas populares» às autoridades provinciais acusadas de injustiça. Em Sian, capital da província do centro do país, os

trabalhadores de uma fábrica de aparelhagem eléctrica defendem um jovem operário injustamente condenado, segundo eles, por violação. Eles expõem todo o caso nos «dazibaos» colados nas paredes do centro da cidade, e, em especial nos da Torre do Tambor, monumento da época Ming. No Outono de 73, segundo os cartazes, Wang, jovem operário da fábrica, e uma rapariga, Mao x (x a fim de evitar a sua identificação) foram surpreendidos a fazer amor, quando deviam estar presentes num «meeting» de crítica a Lin Piao e Confúcio. Segundo os «dazibaos», eles tinham uma ligação havia já algum tempo e o caso deveria ter sido solucionado na fábrica, através de uma crítica à sua «conduta burguesa». Mas o irmão de Mao x bateu no «culpado». Ainda segundo os «dazibaos», o pai da jovem levou esta a acusar o amante de estupro. Depois teria utilizado com êxito as relações que tinha entre os dirigentes do Comité revolucionário provincial e o secretariado de segurança (polícia) a fim de fazer com que o rapaz fosse preso. O processo teve lugar dezoito meses depois. A sentença foi lida perante os operários da

fábrica. Após «consulta feita às massas populares», declarava o veredicto Wang foi condenado a vinte anos de prisão. Embora «violada», a jovem Mao também foi condenada a três anos de «reforma através de trabalho». Nos cartazes redigidos pelos operários, estes acusam a polícia de nunca ter consultado as massas populares, isto é, não os ter consultado a eles, camaradas de trabalho de Wang. Segundo os «dazibaos», o Comité revolucionário da província telefonou depois aos dirigentes da fábrica a fim de exigir aos operários que estes deixassem de colar cartazes nas paredes da cidade, porque os estrangeiros que «frequentam Sian» poderiam tomar conhecimento do caso. Resposta dos operários, ainda nas paredes: essa existência é politicamente errada. Os estrangeiros devem saber que a luta de classes prossegue na China e que continua a haver «contradições no seio do povo». Os operários conseguiram a abertura de um inquérito. Ganharam, ao que parece, a opinião pública para a sua causa. Assim, os empregados do correio municipal ofereceram o seu grande «hall» para os «meeting» de apoio a Wang.

Se um disco voador atterrar no meu quintal...



Desde 1947 que se fala muito amiúde de «discos voadores» — OVNIS (objectos voadores não identificados) como os catalogaram os americanos que nisto de mistérios levam a palma a qualquer um. Na realidade e segundo as crônicas mais sagradas, foi nessa data que teve lugar a primeira observação «ao vivo» de um disco voador, isto é, feita, segundo os testemunhos de dois pilotos, do interior da carlinga de um avião a grande altitude. A partir daí, nunca mais tivemos descanso. Eles, os extraterrestres, decidiram não nos deixar em paz. Gloriosa e impunemente, os OVNIS vão e vêm, passeiam-se por cima das cidades e aldeias, aterram aqui e acolá, põem à rasca os radaristas militares dos USA e chatelam todo o mundo com as suas acrobacias. Mas há mais: há quem tenha, por exemplo, recebido a visita, deferencial, de seres que tripulavam OVNIS. Há mesmo quem tenha falado com eles, quem os tenha recebido em sua casa como quem recebe a visita de uma prima emigrante e com eles abancado à mesa, jogado às cartas e tagarelado sobre o futuro do mundo. Neste aspecto de anedotas os americanos conseguem, também, ser os melhores. Mas agora foram ultrapassados. Uma figura muito

conhecida em Espanha pelas suas várias aventuras com extraterrestres, é um célebre «dr. Ledesma», asturiano de quatro costados, que já publicou milhares de páginas acerca dos OVNIS e dos estranhos seres que os tripulam. Um dia, o dr. Ledesma, inquirindo a um venusiano ou lá que era, das razões das preferências dos OVNIS pelos céus de Espanha será, assim, como uma enorme base de — A sua pátria foi por nós escolhida como ponto vital para a aterragem das nossas naves, quando viermos ocupar o globo terrestre. Espanha será, assim, coo uma enorme base de operações. Esta é das tais que não esquece. E como lição de puro «chauvinismo», não há melhor.

O HOMEM E O MITO

Ao princípio era o caos. Depois surgiu o Puro Espírito e os homens nunca mais deixaram de especular e... de acreditar. Apsu, para os sumérios, Rá para os egípcios, Ahura para os persas, Taora para os taitianos, Wakonda para os índios Omaha, Zeus para os gregos, Elohim para os hebreus, não foram senão os elos

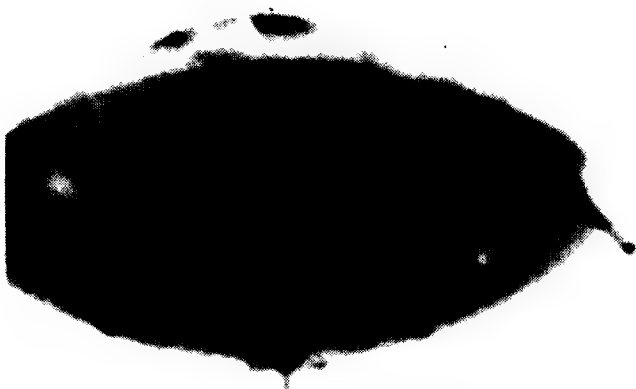
de uma cadeia, graças à qual o homem ora se ergueu ao mais alto e puro de si mesmo, ora tombou na lama de onde viera, como muito poucas oportunidades de ver a sua verdadeira dimensão de homem.

Mas os deuses estão mortos. Dizem, embora haja gente que sempre desconfia destas falácias. Pela primeira vez sozinho ante o seu destino, o homem é livre para pesar a sua grandeza. Sob os seus pés geme a terra domada, acima de si, homem, nada existe que o supere. Mas é esta grandeza e esta universalidade, o que muitas vezes o assusta. Daí que, não raro, ele tente um último esforço para voltar ao convívio do Espírito Puro, à sombra protectora dos deuses. Mas nem o Espírito o assiste, nem os deuses lhe respondem. É que tem isso? Olhando bem à sua volta, sempre encontrará algo para erguer como mito. É uma substituição em segunda mão, uma peça de bricabaque, uma passagem ao supérfluo. E não foi ele, em tantos milénios, habituado a acreditar no supérfluo e na simples quimera? Pois agora também lhe pode servir um jogador de futebol, ou um caco da Feira da Ladra, ou um reflexo da luz solar. Não estamos a negar coisa nenhuma. Se os discos voadores existem, que no-lo provem. Até lá,

somos o cepticismo em ponto grande. Que há fenómenos inexplicáveis, ai disso não temos dúvidas. Mas até este encanto se quebrou, quando Tales descobriu que não eram os deuses que faziam chover e sim que era vapor que se transformava em água. Mais ou menos.

FENÓMENOS NATURAIS OU QUÊ?

Contudo, e quer queiramos ou não, a verdade é que os discos voadores têm dado que pensar a muito boa gente. E têm sido altamente aproveitados para desviar as atenções. Claro: enquanto o mortal se põe de nariz no ar a olhar o objecto, não se apercebe do que de mau vai acontecendo à sua roda. Mas está bem: aceitámos a incumbência de falar de discos voadores e não a recusamos. Entretanto, lançámos o aviso... Nestes últimos anos, segundo o que se escreve em documentos que consultamos com certas reservas (já se vê), parece que isso dos OVNIS nas suas aparições, tem acontecido com



OVNI: mistério ou alienação?

bastante frequência. Em 1966 — continuamos a citar os referidos documentos — os OVNI surgiram tão ameadas vezes nos céus dos Estados Unidos (508 no primeiro semestre daquele ano), que o Governo norte-americano decidiu criar uma comissão especial para estudar este alarmante fenómeno. As investigações seriam financiadas pela Força Aérea, que abriu para esse fim um crédito inicial de 300 mil dólares. Claro que aqui há gato. Os americanos não dão um dólar que seja, sem receber algo em troca...

À frente da dita comissão, foi posto um famoso físico da Universidade do Colorado, o prof. Edward Condon. (Se calhar, como não tinham onde o colocar, o desemprego nos Estados Unidos alastra, deram-lhe, coitado, aquela maçada dos discos voadores). Mas Edward Condon, não está só. Acompanham-no outros 12 sábios, que durante um certo tempo estudaram mais de 700 aparições de OVNI, das mais características. O relatório final desta primeira (houve muitas, que é que pensam?) Comissão, foi um terrível golpe para os crentes dos OVNI. A melhor conclusão a que chegaram foi de que se tratava, afinal, «de um conjunto de fenómenos eléctricos e magnéticos que se produzem na atmosfera». Porém, talvez os americanos tivessem necessidade de manter o «negócio». E logo, J. Allen Hynek, membro doutra Comissão, a UFO (Unidentified Flying Objects), declararia aos jornais: «Há dezoito anos que analiso informações sobre os discos voadores. Certas descrições podem, realmente, confundir-se com fenómenos espaciais. Mas em algumas delas, a existência do fenómeno natural fica posta de parte, visto que as condições atmosféricas não permitiriam, no momento da visão, a formação de tais fenómenos».

UM OVNI NA SUA QUINTA

Caía por terra, portanto, a célebre teoria dos plasmas ionizados. Foi, pelo menos, o que pensaram os adeptos dos OVNI. E a partir daqui tudo se complicou. Aparecem as descrições mais estrambólicas. Outra organização, esta mais avançada, integrada no estudo dos discos voadores (NICAP), apresenta relatórios «completíssimos» sobre as milhares de aparições observadas. O fluxo nunca mais pára. Oíçamos alguns relatos que procuraremos pôr no papel sem comentários. O leitor avaliará consoante a sua tendência pró ou contra OVNI.

No mês de Julho de 1965, um lavrador dos Baixos Alpes, em França, Maurice M., declarou à Polícia que tinha visto aterrar nos seus campos uma espécie de enorme globo de cor vermelha, o qual lançava ofuscantes reflexos metálicos. Ao lado da estranha máquina havia «uma pequena personagem», vestida com um fato alaranjado (!), que ao ver o lavrador em observação, correu para o aparelho e desapareceu. Desejando que não o tomassem

por «pirulas», «monsieur» Maurice levou os polícias ao cenário da sua aventura: os exames técnicos demonstraram que na terra havia rastros e marcas de uma máquina e constataram que no espaço de alguns metros a erva se achava como que queimada. Mas já no longo historial dos discos voadores, há relatos que vêm de muito mais longe. Não contando com as aparições descritas por certos cronistas da Idade Média, chamemos a atenção para aquilo que os «especialistas» de OVNI consideram um «clássico» caso de entre as melhores observações: o caso Kenneth Arnold. Dizem então as crónicas, que no dia 4 de Junho de 1947, Kenneth Arnold, um veterano da Guerra de 39, quando sobrevoava o monte Rainier numa pequena avioneta de sua propriedade, teria avistado nove discos voadores sobre a ladeira norte do dito monte, em perfeita formação. Esta formação ovniística acabaria por ser observada, nesse mesmo dia, a milhares de quilómetros de distância, algures sobre a Inglaterra. Contudo, o Verão de 1947 traria uma longa vaga de aparições de tipo idêntico e em vários pontos do globo.

O ABSURDO CASO DO CAPITÃO MANTELL

Outro clássico destas aventuras, é o «assunto Mantell», como foi registado por uma outra organização norte-americana interessada, a ATIC.

Em 7 de Janeiro de 1948, um objecto algo esquisito foi detectado (e visto, dizem centenas de testemunhas) a manobrar nos céus do Estado de Kentucky. «Era um objecto imenso, de um tamanho que se calculou em mais de noventa metros de diâmetro e que despidia uma luz que variava entre o branco e o vermelho. Andou de cá para lá durante quase uma hora, até que, de súbito, se apresentou pouco menos que imóvel e a uma altitude preocupante (quer dizer, muito mais baixo que qualquer outro objecto até então), sobre a base aérea de Godman, muito cerca do Forte Knox, que é, como se sabe, o local onde se guardam as reservas de ouro dos Estados Unidos. O capitão Mantell, que se encontrava no ar em exercício com dois dos seus companheiros daquela base, recebeu ordem de se aproximar e, se possível, interceptar o objecto. Abandonando a formação de três, Mantell iniciou a perseguição ao «ameaçador» OVNI. Aproximando-se tanto quanto o permitiu o texto do seu jacto, Mantell informou a torre de controlo de Godman, de que naquele momento se achava a quase dez mil metros de altitude, **mesmo debaixo do gigantesco aparelho**, descrevendo-o como um objecto redondo de aparência metálica e de um tamanho espantoso. Mal acabou a descrição, a comunicação por rádio à torre de controlo, interrompeu-se. Seguiu-se um silêncio inquietante de Mantell às insistências das chamadas feitas pela torre. Mais tarde, soube-se parte do que acontecera por testemunhas oculares que, com o auxílio de

binóculos de longo alcance, seguiam as evoluções do OVNI e do pequeno avião do veterano. Segundo estas testemunhas, em determinada altura, o caça de Mantell como que «estalou» no ar. O corpo do piloto jamais foi encontrado. Os restos do aparelho seriam recolhidos, dois dias depois, a cerca de 140 quilómetros de distância do local do «acidente». Este caso levantou uma celeuma tremenda. As autoridades americanas calaram-se, ou tentaram calar-se sobre o assunto. A opinião pública exigiu explicações claras. O barulho foi enorme. As autoridades tiveram que abrir a boca. Mas, se a história do «caso Mantell» é, realmente, absurda, mais absurda ainda é a explicação das autoridades americanas sobre o facto. Num comunicado muito sucinto (oficial claro) procurou satisfazer-se a gritante opinião pública com esta **maravilha** de imaginação: «O capitão Mantell morreu a perseguir o planeta Vénus». Sic. Sic e não só. Há aqui estupidez às carradas. Veja-se bem, o que seria **dar na cabeça** do planeta Vénus, um dia vir pôr-se a passear de cá para lá, sobre Fornos de Algodres ou Alhos Vedros... Que grande bronca!

O GRANDE «APAGÃO»

Em Julho de 1952 Washington esteve durante horas sob pânico absoluto. Durante toda uma noite, um enxame de OVNI fez as mais fantásticas evoluções no céu da capital americana que, por sinal, e coincidindo com a aparição dos ditos, ficou completamente às escuras. O que não deixou de ter a sua piada, porque, segundo os técnicos que acorreram a tentar detectar a avaria nas centrais térmicas, não houve a mínima razão para que a cidade ficasse sem luz. As centrais funcionavam normalmente. Mas os OVNI desapareceram, diz-se, a luz voltou como por encanto. Mais: os técnicos de radar da Força Aérea, ficaram pouco menos que doidos, porque «parecia que os discos só se deixavam apanhar pelas pantufas electrónicas quando queriam, desaparecendo logo em seguida, para voltar a aparecer inopinadamente». Os aviões enviados para os interceptar, avistavam-nos, muito perto, à direita e à esquerda, por cima e por baixo e por fim eram arrastados por eles para «o vazio da noite», onde logo os abandonavam para, em seguida, volverem rapidamente a Washington onde continuavam as suas tropelias. Este caso, largamente noticiado pela imprensa de todo o mundo, ficou, igualmente, sem qualquer explicação das autoridades americanas. De resto, era chato inventarem-se umas dezenas de planetas Vénus. As pessoas não acreditariam... Mas já agora, quais foram os resultados positivos de todas as investigações levadas a cabo pelas várias comissões e subcomissões, que gastaram (e continuam a gastar) rios de dinheiro? Os relatórios mais recentes da NICAP (Comité Nacional de Investigação para os Fenómenos Aéreos), naquilo que foi dado a público (e afirma-se que foi muito pouco), confirmavam que em relação aos milhares de casos observados, 46 por cento podiam classificar-se como «fenómenos naturais», 15 por cento «deixavam muitas dúvidas» e os restantes 29 por cento «confirmavam, de facto, a existência de objectos estranhos e impossíveis de descrever dentro dos conhecimentos da moderna técnica dos meios aéreos mundiais». Ficamos quase na mesma, mas depois de tanto dinheiro gasto, era uma chatice se se desanimasse os contingentes de crentes dos OVNI. Assim sempre restam

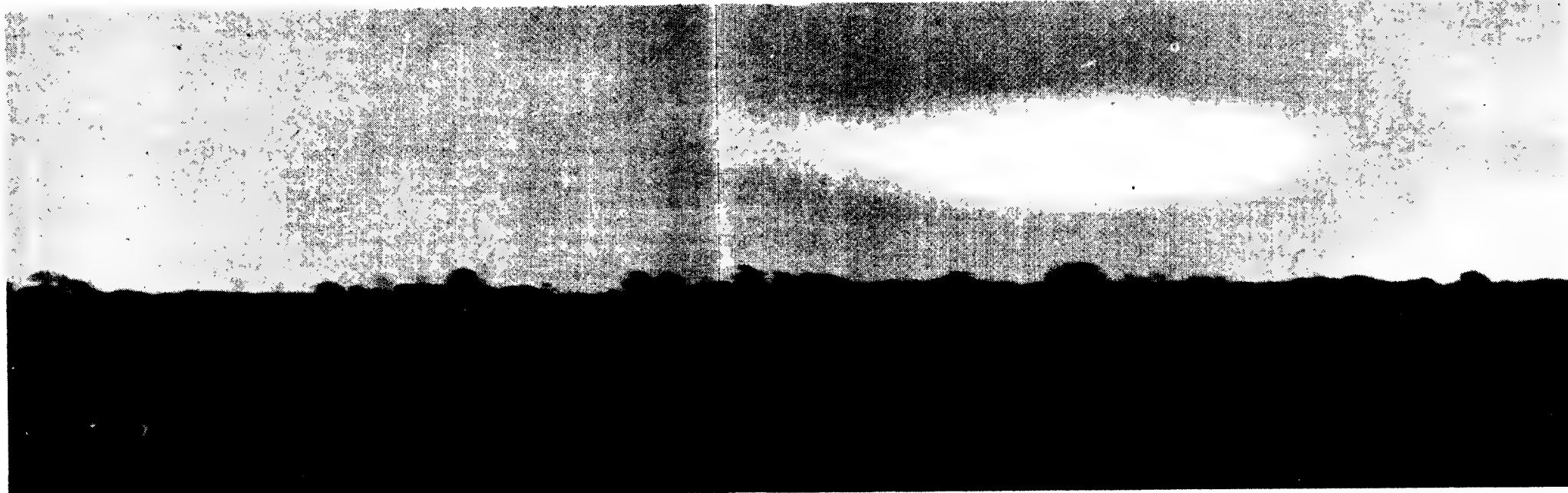
aqueles 29 por cento bastante optimistas. O professor Ledesma está de parabéns.

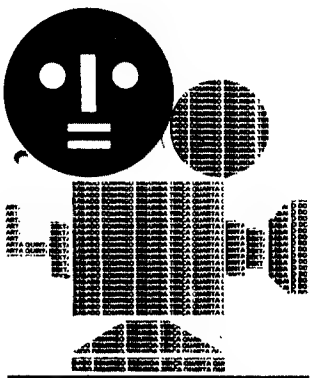
A NOSSA CONTRIBUIÇÃO

Mas nós também temos uma história de discos voadores para relatar. Depois do que dissemos, claro que é um risco. No entanto, e porque se trata de uma experiência pessoal, gostaríamos de a dar ao leitor, embora dentro do estilo prometido: sem negar, nem confirmar. No dia 5 de Setembro, encontrávamo-nos na piscina do hotel Imperador, doze andares acima da Gran Via madrilenha, quando, juntamente com outras pessoas, descortinámos um objecto brilhante, a grande altura, parado no fundo opalino do inconfundível céu espanhol. Não havia nuvens e, após nos termos servido de um binóculo emprestado, ficámos com a certeza de que não se tratava (ai isso, que não), nem de um «fenómeno natural», nem de um planeta «desviado» por algum pirata interplanetário. Era mesmo um objecto e **nada mais**. Não tardou que toda a Madrid se achasse de nariz no ar, assim a modos de «ó patego, olha o balão». Deu-se um engarrafamento monstro em Madrid, a base de Torrejón de Ardoz ordenou a um jacto da Força Aérea que levantasse voo e fosse ver o que se passava. Leríamos depois nos jornais (e ouviríamos na rádio e na televisão) que o piloto, indo até aos 11 mil metros, descrevera o objecto como um «estranho artefacto redondo e com três pés».

Nesse mesmo dia, os comunicados oficiais, tentavam, através da rádio e da televisão, tranquilizar Madrid. O objecto mantivera-se imóvel naquela posição até cerca das 20 horas e, logo, diante dos narizes dos embasbacados madrilenos, desapareceu a grande velocidade, em menos de trinta segundos, sem dizer «por aqui me sirvo». O primeiro comunicado oficial dizia que se tratava de um balão sonda. Como esta não pegasse (que se saiba, os balões sonda não só não têm pés, como ainda por cima, não desaparecem assim sem mais nem menos), no dia seguinte, de manhã, a linguagem oficial, mudara de alvo: o estranho objecto era apenas um satélite de comunicações. Comentário de um físico espanhol, inserto num dos jornais desse dia: «Ser sensato é muito bonito. Aquela estranha coisa que revolucionou Madrid ontem à tarde, foi, para as autoridades espanholas, primeiro, um balão sonda. Depois, um satélite. Da minha simples ignorância, digo eu: para balão sonda, estava demasiado alto (não esqueçamos que o avião de Torrejón de Ardoz, subiu a 11 mil metros); para satélite, estava demasiado baixo, posto que se avistava a olho nu. Então em que ficamos? Ficamos que as autoridades, querendo passar por sábias, algumas vezes parecem outra coisa».

Com os cuidados inerentes à nossa condição de cépticos, não nos metemos no assunto. Mas a verdade é que o raio da **coisa** nos intrigou. Até hoje. Sem que isso nos obrigue a entrar no jogo dos Ledesmas de todo o mundo. Por si, responderá o leitor. A verdade, no entanto, é que há gente, melhor que os Ledesmas, metida no assunto. E que pensam, como Von Braun: «Provavelmente estamos a contar com forças que nos são muito superiores». Cá por mim, afaço-me à ideia: no dia em que um OVNI aterre no meu quintal, vou a correr pedir uma «boleiazinha». Só para me tirar de dúvidas. Claro que levarei comigo um bom frango assado. É pouco científico, «digamos pouco ledesmico», mas homem prevenido sempre dá ao dente.





CINE/PONTO

GARGANTA FUNDA

de Jerry Gerard
Entre a monotonia e o bocejo, o mais anti-erótico filme do mundo. Um número de circo do gênero faquirico e o subdesenvolvimento de mãos dadas para fazer empochar dinheiro fácil. Ou de como o cinema pode ser transformado numa prostituta babilônica que «recebe» nos jardins suspensos do Parque Mayer.
CINEMA CAPITÓLIO
(interdito a men. 18 a.)

SALO OU 120 DIAS DE SODOMA

de Pier Paolo Pasolini
Entre o olhar do carrasco e o da sua vítima assumida, escolher não é questão. Porque o fascismo, estágio supremo da perversão, é uma questão socialmente, dos domínios do medo mútuo (o poder dos submetidos e vice-versa), a sua imagem metafórica tem de ser a do rigor, a da indissociabilidade, que não da decadência. Por isso este filme que odeia e que é odiado é tão belo, tão eterno, tão trágico, tão mortífero. Tão vivo, hoje, aqui.
CINEMA MUNDIAL
(interdito a men 18 a.)

Á LODO NO CAIS

de Elia Kazan
Seria bom e útil, politicamente frutuoso, que este filme pudesse levantar um projecto de discussão sobre de que formas se reveste a criação das implicações ideológicas no cinema. Neste filme, em particular, expoente privilegiado (em 1954) de um extraordinário cinema de direita e que hoje é passível de uma leitura diversa, quicá progressista.
CINEMA QUARTETO — SALA 1
(não acons. men. 13 a.)

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?

de Mike Nichols
Uma peça notável, pequena noite de walgurgis da civilização americana, levada ao cinema por uma câmara concentracionária, implacável. Quatro actores geniais para um espaço onde se morre, gloriosamente.
CINEMA QUARTETO — SALA 2
(não acons. men. 18 a.)

CHOVE EM SANTIAGO

de Helvio Soto
Há duas opiniões sobre este filme: 1) a de que este filme é degradado e tal deve ser denunciado; 2) a de que este filme é degradado e tal deve ser escamoteado em nome da possível intervenção política, ao nível emocional, junto dos espectadores. Como não acreditamos que dando, no cinema, gato por lebre, o público acabe por escolher, no real quotidiano, a lebre e rejeitar o gato, ficamos pela primeira opinião.
CINEMA NIMAS
(não acons. men. 18 a.)

O AMANTE
de Ingmar Bergman
Enquanto se aguarda A flauta mágica, a distribuição oferece um Bergman menor, mas um Bergman quand même. Apanhado, por uma vez, nas malhas da grande produção americana, transigindo na língua, nos actores e no tema, resta o embrulho, quase impecável
CINEMA LONDRES
(não acons. men. 18 a.)

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES

de Robert Aldrich
O filme de violência por definição, levado à cena com o rigor total. Onde se prova que há na violência um pendor de festa, quando ela liberta, explode, rasga, anarquiza. Uma questão no ar, face às contraditórias reacções que o filme provoca: está-se em presença de uma apologia do militarismo?
CINEMA BERNA
(não acons. men. 13 a.)

AMADA PARA A MORTE

de Alfred Hitchcock
Há autores que marcam, cerce, um interesse indiscutível. Hitchcock é um deles. Não vimos, ainda, este filme, mas isso não é motivo para não chamar desde já a atenção do leitor. De notar que interesse não é um juízo de valor.
CINEMA ESTÚDIO 444
(não acons. men. 13 a.)

MASH

de Robert Aldrich
Uma das coisas que é preciso fique explícito é que os grandes filmes («de qualidade») não são fatalmente progressistas. A reacção também tem a sua arte e ela não é fatalmente medíocre. Outra das coisas que é preciso fique claro é que este filme reaccionário não é sequer um grande filme. Ponto final.
CINEMA QUARTETO — SALA 3
(não acons. men. 13 a.)

YAKUZA

de Sydney Pollack
Quando o nome do realizador soa bem no universo cinéfilo, aí estão logo os escribas a metro a descobrirem o décimo quarto nível de leitura. Quando é evidente que esta película não passa de um «kung-fu» arte e ensaio, não deixa de ser divertido assistir ao espectáculo de justificação.
CINEMA APOLO 70
(não acons. men. 18 a.)

TRÁS-OS-MONTES

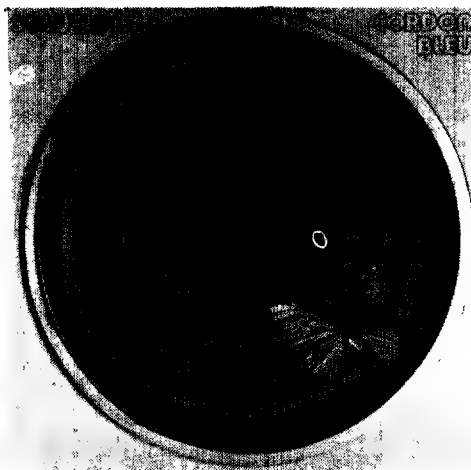
de António Reis e Margarida Martins Cordeiro
Anunciado, vai para um mês, como estando para sair a breve trecho, o certo é que o público vai aguentando no cartaz este filme, português de seu estatuto e de seu combate. Um acto de amor por um povo feito imagem/som, um Trás-os-Montes mítico no céu do nosso imaginário. E do nosso concreto.
Político.
CINEMA SATELITE (19 h)
(para todos)

E TUDO O VENTO LEVOU

de Victor Fleming
Soma e segue, Clark Gable e Vivien Leigh e as paixões sulistas em tempo de mudança, quarenta anos depois da sua produção. Presente no universo do cinema e pelos vistos, no quotidiano do público que dele está a fazer um monumental êxito de bilheteira
CINEMA CALEIDOSCÓPIO
(não acons. men. 13 a.)



GIRA-DISCO



SOLUTION «CORDON BLUE»

Depois do trabalho, editado em 1971, sob o título «Divergence» e que foi uma revelação desse mesmo ano, é gravado em 1975 o segundo LP deste grupo oriundo do continente europeu. «Cordon Blue» apresenta-se mais homogêneo que o primeiro algum, mas nenhuma das faixas deste novo disco atinge a força da música «concentration» (do album Divergence). Apesar disto existem temas bastante interessantes — «chappaqua» e «whirligig». Em «chappaqua» (primeiro texto do lado um) é notável o trabalho conjunto de Guus Willemsse (baixo) e de Hans Waterman (bateria), que embora não sejam grandes peritos nos seus instrumentos, apresentam boas sequências demonstrando uma grande compreensão mútua. Na primeira faixa do lado dois (whirligig) o sax-alto de Tom Barlage é ajudado pelo sax-tenor do convidado Michiel Pos, o que dá um maior apoio nos sopros enriquecendo a melodia. Willen Ennes (piano, órgão) apresenta-se mais seguro nos acompanhamentos do que nos «solos»; no entanto, nesta faixa, apresenta, na parte final, uma boa sequência de acordes. Em «Black Pearl» (a última do algum) as voais, exploradas por Guus Willemsse e apoiadas por Tom Barlage e por Frankie Fish (outro convidado), encontram o seu melhor. E em «A song for you», música que por vezes lembra Elton John, o grupo apresenta o seu pior. Esperemos que não sejam precisos mais quatro anos para o próximo album dos Solution
Elton John — «Here and there»

Reginald Kenneth Dwight (Elton John) é um vocalista/pianista que actuou em Portugal, quando do início da sua carreira. Actualmente os seus discos são muito bem vendidos em todo o mundo. As músicas tentam agradar o

mais possível, o que lhes dá uma tonalidade por vezes simplista e comercial, desprezando a qualidade. Elton John tem mais um álbum, que promete grande venda em Portugal. «Here and there» é o nome escolhido para esta gravação ao vivo. (Lado primeiro gravado em Londres, lado segundo em Nova Iorque). Temas como «Funeral for a Friend», «Rocket Man», «Honky Cat», aparecem no LP, que se inicia com um solo de piano («Skyline Pigeon»). O célebre «Border song» também tem lugar neste disco. «Take me to the Pilot» é a última deste trabalho. Elton John apresenta-se acompanhado por Nigel Olsson (bateria) Dee Murray (baixo) Davey Johnstone (guitarra) e Ray Cooper (percussão).

DISCOS ROXOS

A partir deste número de «Sete-ponto-Sete», tentaremos, todas as semanas, chamar a atenção do leitor para discos muito importantes, que, ou não se vendem em Portugal, ou são importados em pequenas quantidades. Hoje falaremos de 3 importações dignas de referência.

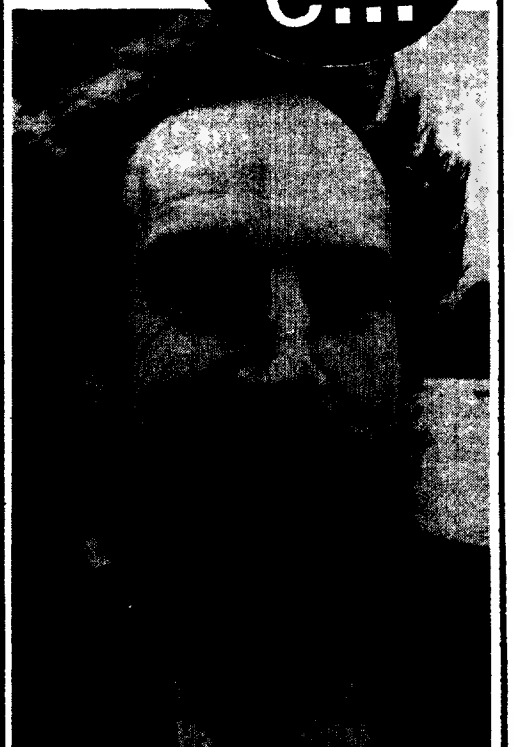
NICO «The End»

Este LP é muito importante, mas ao mesmo tempo muito raro. A excelente voz de Nico tem um notável suporte musical em John Cale (ex. Velvet Underground); músico muito completo, e influenciado por Stockhausen. Tocou com John Cage e com Terry Riley dois grandes nomes da actual música contemporânea. Para além de John Cale tocam ainda Eno (ex Roxy Music) e o guitarrista Phil Manzanera. Nico, que foi companheiro de Lou Reed nos Velvet Underground, tem excelentes intervenções vocais e à sua responsabilidade toda a composição do album, excepto a faixa «the end» que é da autoria de Jim Morrison.

Patti Smith «Horses»

Excelente trabalho este «Horses» da guitarrista/vocalista Patti Smith. Viveu algum tempo com o célebre Jim Morrison, o que lhe deu uma grande sensibilidade tanto musical como poética. Neste album ela está rodeada de bons músicos, embora desconhecidos. Richard Sohl tem excelentes partes de piano, assim como o guitarrista-baixo Ivan Kral. Este disco encontra-se com mais facilidade que o «The End»... do Nico. Aliás «Horses» está sendo, segundo cremos, divulgado na Rádio. Wallenstein «Stories, songs and symphonies» Wallenstein é um grupo alemão, que não é, de maneira nenhuma, dos «grandes» da música cósmica. No entanto conseguiram fazer esgotar o seu trabalho «Cosmic Center» que é uma obra importante para todos aqueles que apreciam este tipo de música. Para além deste album têm ainda gravado os LPs «Blitzkrieg» e «Mother Universe». «Stories, songs and symphonies» é a primeira obra do grupo que aparece em Portugal, merecendo por isso as nossas referências.

Macho Ibérico é...



Ficar com os cinco contos, e dar-lhe os títulos do tesouro para as despesas da casa...



A lógica aumentou

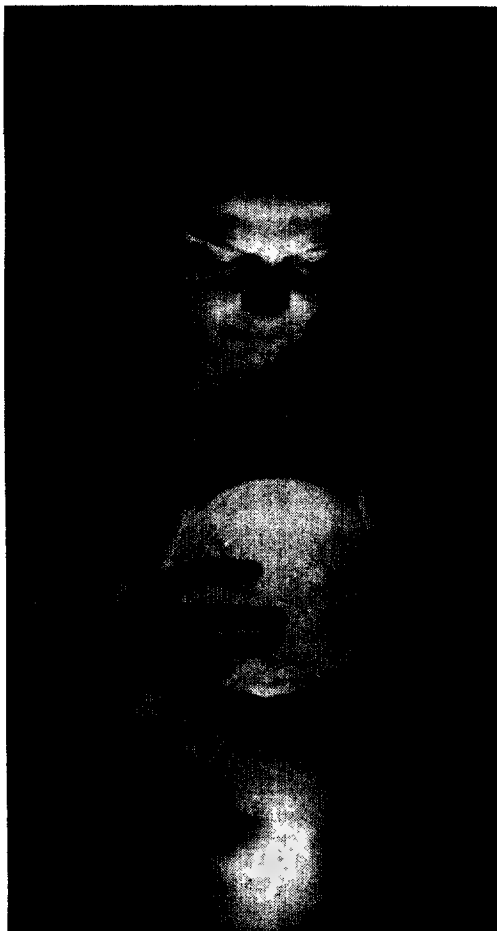
Se a lógica é uma batata, como muita gente neste País se esforça por demonstrar, temos a obrigação de lhe dizer que a lógica aumentou nos últimos tempos para 7\$50 o quilo, não devendo ficar por aqui. Entretanto, e para além da lógica, é possível que outros produtos — as couves, os rabanetes e os tomates — sejam aumentados (no preço) dentro em breve, ao ritmo de um processo lógico. A partir ainda do exemplo da lógica, contra a qual não há argumentos (embora o arroz o esparguete e a massa de estrelinhas tenham uma palavra a dizer) vamos indubitavelmente avançar para outros aumentos, que o povo exige, e o Governo terá de atender. Nesta ordem de ideias, é muito provável um aumento da «bica» para 18 escudos (atenção que em Paris ela custa cerca de três francos) sendo perfeitamente exigível, do Governo, a fixação dos bilhetes de cinema em 50 escudos. Outra reivindicação popular: que a gasolina suba para 20 escudos, o que facilitaria muito a vida dos vendedores, às voltas com o problema dos trocos.

Outro facto arreliador, é sem dúvida o baixo preço das chamadas telefónicas: poderia arranjar-se um processo de substituir as moedas (pesadas, barulhentas, chatas) por uma nota, sempre mais fácil de transportar. Trata-se, aliás, de uma velha asporação dos utentes. Em matéria de impostos, sabe-se que os aumentos calaram fundo nos contribuintes, embora estes se continuem a bater pela necessidade de uma licença para uso e porte de fósforos, protegendo-se desta forma o isqueiro a gás, certamente mais popular entre nós. As rendas de casa, queixam-se os inquilinos limitam-se a somas irrisórias, tornando-se indispensável moralizar o sector. Aos senhorios deverá ser imposta a obrigação de aumentar as rendas, mesmo contra sua vontade. Finalmente, e a julgar pelas fortes reacções ao programa governamental, os trabalhadores mantêm a sua advertência: não consentirão qualquer aumento nos seus salários, mantendo-se vigilantes quanto às manobras que visam a redução do seu horário de trabalho.

O computador no lugar da bruxa

Como conhecer o futuro? O leitor sabe tão bem como nós (ou ainda melhor) que são muitos e variados os processos: desde o deitar cartas à consulta do astrólogo da Rua da Palma. Há ainda a receita da minha avó que Deus tem: deixar um balde com água, ao relento, durante três dias. O meu avô tinha uma melhor: cheirar uma peúga suada e adormecer com o efeito. Os sonhos seriam profundamente reveladores. Reconheça-se que estes processos andam pelas ruas da amargura. Cartas, baldes, peúgas, são agora substituídos pelo relógio biológico saído do computador. Os astrólogos protestam: é o boicote total!

Quando se quer conhecer o futuro, já não se consulta o horóscopo mas o relógio biológico... Há dias ofereciam-me o meu relógio. Numa longa folha acabada de sair do computador, pude estudar dia após dia e durante um ano, precisões sobre a minha saúde, a minha afectividade e o meu intelecto. Com efeito, parece que o nosso corpo e a nossa inteligência estão, cada um deles, submetidos a um ritmo próprio que começou no momento em que nascemos. Pode-se fazer electronicamente o ponto sobre esses três ciclos, e ver se eles estão em concordância ou em fase de oposição. Contemplar o próprio relógio é bastante desesperante. Antes de mais aprendo nele que já vivi 13.223 dias. E, sobretudo, que nos próximos 365 vou ter 70 dias críticos. O mais inquietante é a valsa dos ritmos. Quando o ritmo tende para o lado direito, encaminho-me para dias bons, quando se inclina para a esquerda, anuncia-me um período negativo. E a verdade é que ele volta sempre para a esquerda porque um ritmo é, por definição, tão infatigável no seu vaivém, como um relógio. Por mais que pense que tudo isto não é mais do que sabedoria popular revista por computador,



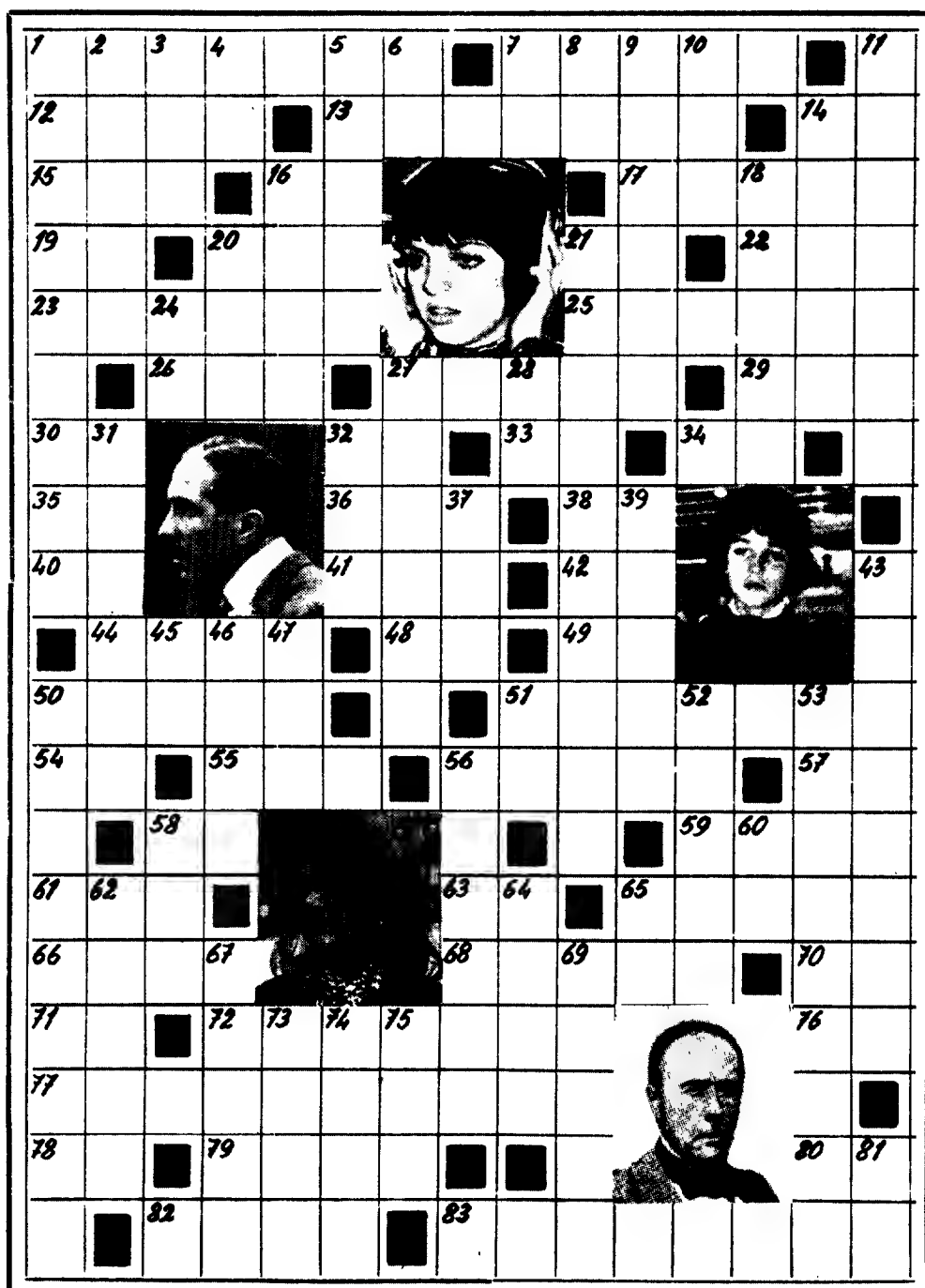
«todos temos altos e baixos», «depois da chuva vem o bom tempo», etc., acho que o esquema dessa alternância tem algo de sinistro. No fundo preferia o horóscopo. Quando Saturno passava no meu Lião, tinham a gentileza de não se demorar. Mas uma publicidade do Village Voice (a Voz de Village), jornal do bairro de Greenwich, em Nova Iorque, acaba de me levantar o moral. O título: «Como descobrir o seu ciclo de êxito e triunfar». O produto em questão: uma pequena calculadora de algebrilha que permite determinar diariamente o estado dos nossos ritmos. Tranquilizam-nos acerca da origem científica desta moda. Quem descobriu a existência dos ritmos foram, ao mesmo tempo, o dr. Hermann Svoboda em Viena, e o professor Wilhelm Spitz, em Berlim. Há também provas históricas, asseguram-nos: Mark Spitz ganhou sete medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos no dia em que os seus três ritmos atingiam ao mesmo tempo o apogeu. Quanto a Marilyn e a Judy Garland, suicidaram-se num momento em que os seus ritmos estavam na mó de baixo. Se elas tivessem olhado para o seu relógio biológico «essa acção irreparável poderia ter sido evitada.»

Vende-se portanto bioritmo, e até pro grosso. Há empresas interessadas em conhecer os ritmos biológicos dos empregados, a fim de tirar deles o melhor partido. Parece que se pode aumentar a produtividade utilizando os empregados ao máximo durante as suas fases melhores. Por outro lado, tomando precauções nos dias críticos, podem evitar-se acidentes de trabalho. O relógio biológico está a dar bons resultados no Japão. Em suma, os vendedores de bioritmos estão a substituir os vendedores de horóscopos, e em breve as empresas exigirão que os relógios façam parte dos curriculum vitae do pessoal. É certo que o capitalismo está a reciclar-se...

O «avôzinho» Caramujo pôs o seu cinto de rabo de leão, calçou os seus sapatos de pele de tigre, e pelas sete da manhã, mal vinha o apito dos navios na barra e o rumorejar da cidade trabalhadora, partiu deabalada da Sé Catedral do Funchal para uma viagem a pé à volta da ilha da Madeira. Era a manhã do dia 28 de Agosto, e há vinte anos que o velho Caramujo tinha projectado aquela marcha. Nesses vinte anos — desde a primeira emigração para o Brasil, passando depois para a Venezuela —, o Caramujo (o seu nome real é Manuel Jacinto de França, emigrado madeirense na Venezuela) sonhou muitas vezes com aquela passeata, uma espécie de romagem à volta da sua terra natal. Ele nasceu, há 81 anos, no sítio de Terra Chã, Ponta Delgada, concelho de S. Vicente, e tornou-se popularíssimo na ilha (de há vinte anos) pelos seus negócios na compra e venda de vinhos e vimes. Sapateiro de ofício, uma vez emigrado na Venezuela dedicou-se — conta ele — à caça de bichos e a negócios diversos. Com um sonho na mente: regressar à terra natal e dar ao pé em redor de toda a ilha.

A Madeira, como se sabe (aliás, como não sabem muitos continentais) caracteriza-se pelas suas estradas difíceis, subidas de montanha, descidas abruptas, curvas e precipícios. A marcha é dificultada a cada centenas de metros de percurso. Pois o velho Caramujo não hesitou: anunciou a toda a gente que ia realizar o grande sonho da sua vida e lá foi, de mala na mão, a «butes». No primeiro dia, percorreu a distância entre o Funchal e Machico. No seguinte, foi de Machico a S. Roque do Faial. No terceiro, até Santana. No quarto, a Ponta Delgada. No dia seguinte, até ao Porto do Moniz, depois a Ponta do Sol, e regressou ao Funchal ao sexto dia. Por estrada, o Caramujo tinha percorrido 200 quilómetros acidentados. Sem um acidente. Chegou fresco e risonho, nos seus 81 anos.

Palavras Cruzadas



HORIZONTAIS:

1/7 Grande actor cómico teatral e cinematográfico, português, já falecido; 12 Trágédia de Shakespeare; 13 Carcomia; 14 Nome de Letra; 15 Repetição de som; 16 Basta; 17 Cidade da Roménia; 19 O imperador da Pérsia; 20 Igual; 21 Jota; 22 Rio de França; 23 Esquivo; 25 Incite; 26 Antiga medida de capacidade; 27 Ardil (fig.); 29 Medicina (abrev); 30 Quinto filho de Jacob; 32 Nota musical; 33 Quanto baste (inv); 34 centiare; 35 Antiga unidade monetária da Alemanha; 36 Artigo indefinido; 38 Artigo indefinido; 40 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal; 41 Lírio; 42 Duas vogais desiguais; 44/51 Vedeta do filme «Cabaret»; 48 Quinhentos e um em romano; 49 Vi; 50 Cânticos em honra das divindades; 54 Colónia romana da Líbia de cuja união com Sabrata e Létis Magna derivou mais tarde o nome da cidade principal — Tripolis; 55 Fluido aeriforme; 56 Durmas (infant.); 57 Antes de Cristo; 58 Ouro(s.q.); 59 Apaga por meio de borracha; 61 Oxico de cálcio; 63 Cobalto (s.q.); 65 Condado da Irlanda (Prov. de Ulster); 66 Rio da Suécia, que desagua no golfo de Bótnia; 68 Despachas; 70 Primeira sílaba do nome de uma universidade americana fundada em 1701 em New Haven; 71 Nota musical; 72/83 É filho do cantor francês Jacques Charrier e da famosa Brigitte Bardot; 76 Pertences; 77 Guardara em lugar seguro; 78 Laço; 79 Limpe com água; 80 Pronome pessoal; 82 Um dos Estados do Brasil.

VERTICAIS:

1°50 Notável historiador e romancista português autor de «Monge de Cister»; 2 Rio da Alemanha; 3 Tanto; 4 Sufixo que designa estado; 5 Aquele que foi vítima da sua própria ambição; 6 O sono das crianças; 7 Senhor; 8 Flauta chinesa de três buracos; 9 Coleção de poesias líricas; 10 Fútil; 14 Adeje; 16 O mesmo que pancada (Bras); 18 Chapa lista, de ferro, com que se arredonda o vidro nas fábricas; 20 Letra grega; 21/11 ex-primeira dama dos EUA e ex-senhora Onassis; 24 Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo; 27 Acanhado; 28 Prefixo que designa afastamento; 31 Uma das grandes fadistas portuguesas; 32 Ponto cardeal; 37 Agarrei; 39 Antiga província de França que foi domínio durante muito tempo dos Plantagenetas; 43 Mulher do povo, nova, em Coimbra e Aveiro (pl.); 45 Prefixo de negação; 46 Rei da Albânia, destronado pelos italianos em 1939; 47 Rei de Judá, de 944 a 904 (a.C.); 51 Ruim; 52 Pronome demonstrativo; 53 Escritora brasileira autora de «Exaltação»; 56 Circ. do distrito de Moçambique; 58 Ice; 60 Vossa Alteza; 62 Amargo; 64 Vila e concelho do distrito de Aveiro; 65 Príncipe ou comandante mongol ou persa; 67 Deseja ardentemente; 69 Rio de França; 73 Levantar; 74 adega subterrânea; 75 Composição poética; 81 Cidade da antiga Caldeia.



Da Indonésia, com timor

O general Moraes da Silva não podia ficar indiferente (foto de «A Capital», com a devia vénia)

A Volta à Ilha em seis dias

Dia a Dia, os jornais madeirenses noticiaram cada etapa do velho Caramujo. No dia 29, o «Diário de Notícias» dizia aos seus leitores: «Manuel Jacinto de França, o madeirense de 81 anos de idade que ontem iniciou a volta à Madeira a pé, encontrava-se às 20 horas no seu primeiro dia de prova, ao quilómetro 45, na freguesia do Faial.

Contactado telefonicamente, o caminheiro veterano informou-nos que suportara bem a dura caminhada, tendo tido apenas dificuldades com o calçado».

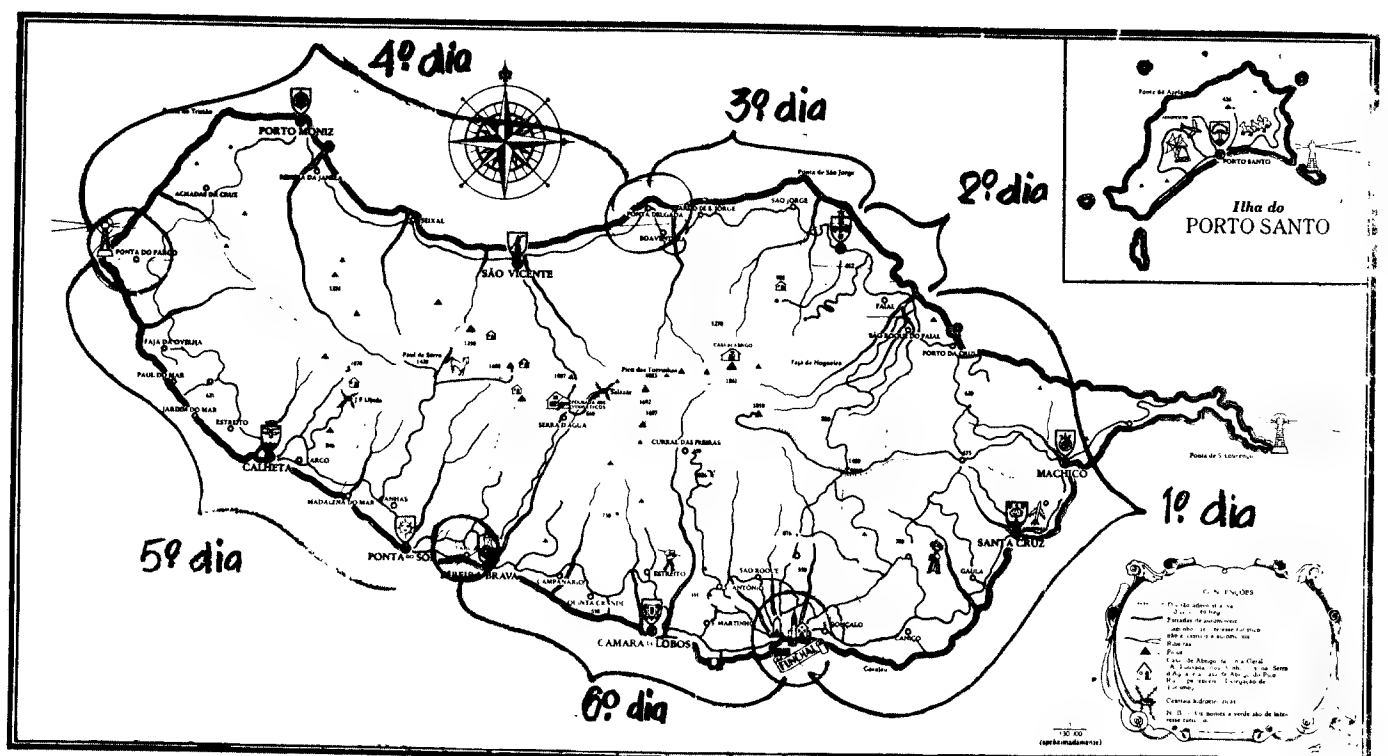
No dia 31, o Caramujo já se encontra em Ponta Delgada. O mesmo jornal deu a seguinte notícia: «Prosseguindo com sucesso na sua longa caminhada, o madeirense Manuel Jacinto de França, que saíra de Santana às 6.30 de ontem, alcançou a Ponta Delgada às 19 horas, depois de um percurso efectuado sob chuva e nevoeiro. Hoje, aquele madeirense radicado na Venezuela deixará Ponta Delgada às oito horas, pensando atingir nesta etapa o Porto do Moniz».

Finalmente, no dia 3, o jornal faz uma alusão à «Volta à ilha da Madeira em Automóvel», comparando-a com a

odisseia do Caramujo. E afirma: «Manuel de França emagreceu alguns quilos durante a longa maratona, teve ele próprio de fabricar umas sandálias para andar com mais leveza, teve de enfrentar chuva e nevoeiro, mas nem por isso desanimou.» E ainda: «houve quem o convidasse para refeições, para pernoitar, houve moças que lhe ofereceram lenços com nós».

Ao regressar ao ponto de partida, seis dias depois, o Caramujo estava contente com a sua façanha. Mas aí cedeu: apanhou o autocarro de volta a casa.

A maratona do Caramujo



Manuel Jacinto de França, o Caramujo

O Vingador vem aí

Memórias do meu tempo

Vive aqui na Madeira um sujeito amigo de um amigo. De boas contas. Se não paga uma outra factura é porque não pode. Há dias, apareceu-lhe um cobrador. Trazia uma factura de 20 contos, respeitante a um fornecimento qualquer, que não vem ao caso. Na circunstância, ele recomendou: «Vai lá dizer ao teu patrão para abater aí cinco contos...». O cobrador foi, e voltou. Com o desconto. A factura fora reduzida para 15 contos. Perante isto, o sujeito disse: «Agora, vai lembrar o teu patrão que eu já lhe tinha dito que não pagava essa factura! Se pedi o desconto, foi para ele não perder vinte, quando podia perder apenas 15. Foi por amizade...»

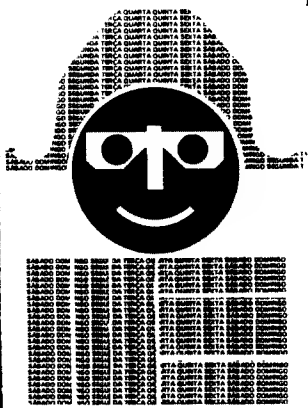
Costa Moreira
(Funchal)

Não se passou comigo, mas fica para «as memórias do meu tempo». Um engenheiro nosso conhecido estava sempre a dizer, antes de expor o seu ponto de vista: «bem, no meu fraco entender...». A conversa prosseguia, e lá estava o engenheiro: «no meu fraco entender, acho que...». A certa altura, o Aníbal disse uma coisa qualquer e pediu o parecer do engenheiro. Assim, nestes termos: «O que é que o senhor engenheiro pensa, no seu fraco entender?...»

Jorge Lopes
(Estoril)

No papel de John Steed, o actor Patrick MacNee prepara-se para as filmagens de novas séries de «Os Vingadores». Para manter-se em forma (ele tem 53 anos), Patrick MacNee desta vez vai contracenar com duas jovens actrizes: Joanna Lumley e Gareth Hunt.

«Os Vingadores» tornaram-se popularíssimos entre nós, através da RTP. Como de costume, serão os britânicos os primeiros a rever John Steed numa das suas habitais perseguições a alta velocidade.



caixa do PONTO

O seminário sobre crítica de teatro efectuado na cidade da Jugoslávia de Novi Sad no qual participámos, juntamente com Luiz Francisco Rebello, conforme referimos na nossa última crónica, coincidiu com a realização do Festival de Teatro da Jugoslávia que reúne as melhores companhias dos vários Estados. Vimos dois desses espectáculos do Festival e se um deles nos pareceu pouco convincente no tom stanislavskiano que o marcava, já o outro levantava problemas... de carácter temático e de criação de linguagem — não só altamente polémicos como até assaz surpreendentes. A peça de Dusan Jovanovic, encenada por Ljubisa Ristic, intitulava-se «Acto Sobre um Tumor na Cabeça ou a Poluição do Ar». A nossa ignorância da língua não nos permitiu, como é bom de ver, apreender mais do que as linhas visíveis e gerais de um espectáculo complexo, rico em incidências de toda a ordem, sob vários aspectos apaixonantes. Tentaremos fazer uma descrição tão aproximada tanto quanto possível daquilo que vimos servindo-nos das notas que tirámos e de um curto texto em inglês assinado pelo autor. Esperamos, assim, que o leitor possa fazer uma ideia aproximativa do seu significado e do seu poder inovador. Quando chegámos junto do Teatro para onde aquele estava marcado, um quarto de hora antes, verificámos que o edifício estava às escuras e que a porta principal estava fortemente trancada com duas ripas cruzadas e pregadas. Na escadaria, um grupo compacto de pessoas discutia acaloradamente enquanto uma câmara filmava e um locutor gravava entrevistas. Durante uns minutos a situação manteve-se sem que chegasse até nós qualquer explicação. As pessoas que passavam na rua mostravam-se surpreendidas, e carros paravam.

O VELHO DA LUGAR AO NOVO

Às 8 horas, a parte superior do teatro é iluminada e num terraço sobranceiro à rua surgem um jovem com um magnetofone e uma jovem com um maço de papéis que começa a lançar sobre os presentes. Trata-se, segundo me é explicado, de um panfleto assinado por um autoproclamado Comité Revolucionário de Actores. O jovem lê ao magnetofone o manifesto que provoca murmúrios entre a assistência. Trata-se, supomos, da defesa de um teatro revolucionário. Da assistência destaca-se um casal de pessoas idosas (que nada distinguia dos restantes espectadores). Os dois dirigem-se à porta do teatro que tentam abrir em vão. Começam a bater na porta e a protestar com veemência, e o senhor de idade trava um diálogo violento com o jovem que ainda permanece no terraço. Aquele diz que é actor há 50 anos mas que estes jovens vanguardistas querem tirar-lhe o lugar. Trata-se, diz, de um grupo de «maníacos irresponsáveis que se barricaram no teatro como se fossem um grupo revolucionário». Um jovem grava o discurso enquanto a televisão filma.

O casal de velhos actores convida o público a segui-los e dirigimo-nos todos para as traseiras do edifício no qual penetramos pela chamada porta de serviço. Uma sala vasta que serve certamente de ginásio. Há bancos e cadeiras que rodeiam um espaço iluminado onde há algumas secretárias com jovens a trabalhar velozmente. Trata-se da redacção de um jornal e quem já tivesse entrado num local desse género não poderia deixar de ficar impressionado pela perfeita equivalência conseguida pelo encenador, pelo cenógrafo e pelos intérpretes.

MAIS REAL DO QUE A REALIDADE

O casal dirige-se aos jornalistas protestando contra a atitude do jornal que apoia os actores revolucionários (devemos esclarecer que normalmente é o homem que fala limitando-se a senhora a apoiar as suas palavras). Esta longa cena decorre, em parte, entre o público cuja visão do que se passa é dificultada pelo facto de estar colocado no mesmo plano do espaço cénico. Parece-nos de sublinhar ainda uma vez a verosimilhança da «atmosfera» com as máquinas a metraquear, a luz crua dos candeeiros, a estridência constante dos telefones, as discussões entre os jornalistas, a empregada do bar que traz uma bandeja com bebidas, gente que sai e gente que entra.

JUGOSLÁVIA

O teatro está na rua

O público formado por gente de todas as idades segue muito interessado o que se passa. Ao tirar o chapéu, o velho actor mostra um adesivo na cabeça o que se observa também num jornalista. Chama-nos a atenção a figura do que parece ser o chefe da redacção: em constante movimento, em mangas de camisa mostra os sovacos muito suados. A mulher da limpeza começa a sua tarefa. Fala-se nervosamente. Alguém bebe um café que arrefecia há muito sobre uma secretária. Um dos redactores contacta os actores rebeldes e tem conhecimento que um inspector da

polícia vai dirigir-se ao teatro e deverá ser acompanhado por um repórter. Ao mesmo tempo que observamos esta cena, vemos que alguns espectadores abandonam os lugares e saem, subrepticamente por uma porta lateral. Esvazia-se a redacção quando o velho actor — que saíra — regressa com uma espingarda. Dirige-se ao público. E dispara dois tiros de uma potência sonora tal que as paredes parecem vibrar. Entende-se que pretende que o público vá para outro lado. Seguimo-lo.

palco onde o ensaio prossegue. Os actores envolvem-se no longo pano branco pintalgado de sangue, ao mesmo tempo que cantam. O encenador dirige-se a um espectador com quem conversa. Surge então o ponto nuclear do espectáculo: o problema da poluição. «A atmosfera está poluída, afirma-se. Sugere-se, por isso, que os homens deixem a Terra e procurem contactar com outras civilizações. Mas a poluição é também um problema do teatro».

Há um ensaio de vozes; o porteiro do teatro traz um homem amarrado, é o inspector que



polícia vai dirigir-se ao teatro e deverá ser acompanhado por um repórter.

Ao mesmo tempo que observamos esta cena, vemos que alguns espectadores abandonam os lugares e saem, subrepticamente por uma porta lateral. Esvazia-se a redacção quando o velho actor — que saíra — regressa com uma espingarda. Dirige-se ao público. E dispara dois tiros de uma potência sonora tal que as paredes parecem vibrar. Entende-se que pretende que o público vá para outro lado. Seguimo-lo.

MAIS TEATRAL DO QUE O TEATRO

Estamos agora no átrio do teatro cuja porta principal, como vimos, estava e está trancada. Trata-se de um teatro clássico com mármore e lustres como «compete» a um «teatro sério». Deparamos com as «personagens» do costume: a menina que vende os programas; a banca de livros e revistas de teatro; o bengaleiro. Estamos aparentemente no intervalo de um espectáculo que ainda não começou, embora já tenha começado (pormenor curioso: parte da assistência, pela forma cerimoniosa como está vestida, parece participar do próprio espectáculo). Entramos numa sala ampla com um palco à italiana e cadeiras estofadas. É o teatro ocupado pelos jovens. No palco, há um grupo de jovens actores provavelmente a ensaiar. Estes actores estavam entre o público na cena da redacção, como referimos. Entretanto, a televisão filma tudo. É, na verdade, impressionante: filma literalmente tudo (tinha, aliás, um estúdio montado no teatro).

Trata-se do ensaio (leia-se: de uma cena do espectáculo que estamos a tentar descrever) de qualquer coisa semelhante a uma função ritualista. Música gravada. Um coro de música litúrgica. No meio do palco, sem cenário claro, há um balde no qual os actores mergulham sucessivamente um braço que vem tingido de sangue. Limpam as mãos a um pano branco, deitam-se e cantam. Há apenas dois projectores no chão. O encenador faz outra marcação: os actores batem com os pés no chão e respiram com força.

O repórter, colocado no balcão, resolve começar a fazer entrevistas. Ouve o dramaturgo, o encenador e o médico. Por um momento, o espectáculo decorre em sítios diferentes: no balcão, com o repórter, e no

andava a rondar a sala. O repórter tenta ajudar o polícia. Os actores opõem-se e o porteiro esgana o inspector. Escuro no palco. Gritos histéricos, terríveis. Projectores que se acendem e apagam. Ouve-se um *blue* que funciona como a paródia da sociedade de consumo. O inspector, que devia estar morto, levanta-se. O repórter continua a gravar. Perplexo, pergunta o que é a vida real e o que é apenas um ensaio. Quem é de facto autêntico e quem está a representar personagens que não existem.

Uma actriz grávida chora e agarra-se a um actor. Tem um ataque de histeria. Ouve-se uma voz no altifalante. Está mesmo grávida? Surgem vozes estranhas. O repórter verifica que não pode ouvir as entrevistas que gravou embora o gravador esteja em ordem. «Haverá algures uma conspiração?» O velho actor anda perto e atira sobre dois actores que caem. «Quem morreu de facto? O velho actor insinua

que continuará a matar gente e que uma peça está a ser ensaiada na qual os papéis serão agitados».

Com efeito, surge no palco o que parece ser o ensaio de outro espectáculo, com um novo encenador. Actores com um ovo na mão. Assobiam. Aparecem trabalhadores. Enquanto decorre este ensaio, o 1.º encenador dá uma entrevista. Os actores assobiam para os ovos como se fossem pássaros. O encenador aparentemente não gosta. Repetição da cena. Os actores passam os ovos uns aos outros, e os «assobios» também. O 1.º encenador diverte-se; o 2.º expulsa-o do palco. Dir-se-ia que estes dois ensaios parodiavam o teatro de vanguarda.

Ouve-se outra voz no altifalante. Os actores colocam os braços ao alto e imitam pássaros que voam. O ensaio é interrompido por um actor que empunha uma pistola e é seguido por outro com uma grande chave inglesa. O 2.º encenador sai em cólera. Ouve-se um tiro. Um actor cai. Os restantes ficam em pânico. O assassino sai. O morto levanta-se.

É PRECISO SALVAR O MUNDO

No palco surge uma caixa transparente e hermética na qual estão fechadas algumas crianças vestidas de branco. Trata-se de uma das chaves da problemática do espectáculo. É preciso salvar alguém, estas crianças representam o Mundo que é preciso salvar

da poluição, podendo-se entender a caixa como uma espécie de paraíso perdido. (Graças aos efeitos de luzes trata-se de uma cena extremamente bela.)

Vozes off. Os actores gritam e caem. Choram. Outras personagens que não faziam parte do ensaio choram afluivamente. O 1.º encenador regressa e ensaia a actriz grávida a dar um grito. Não gosta do ensaio. Quando termina o grito muito prolongado, ouve-se um tiro. A actriz cai. É o velho actor a disparar. Os actores avançam sem medo. O velho continua a disparar. Escuro; ouve-se um ruído agudo. Um actor conversa com o repórter. Outro bebe leite (está-se numa pausa). O velho está no palco com a espingarda como se estivesse a guardar a cena. Um outro actor subitamente parece enlouquecer e quer matar os outros com um varapau. Vai atrás do repórter que tem medo. Este tenta sair da sala mas a porta está fechada à chave. Sempre com a espingarda na mão, o velho fala com o repórter. «O inspector tenta convencer o repórter que estão numa situação crítica, chafurdando na lama». O velho protesta contra o teatro de vanguarda e sai a rir.

A parede de fundo surge como se fosse a rede de um campo de concentração iluminada por holofotes. A actriz que parecia grávida tem uma cena de amor com o repórter, tentando-o convencer a segui-la para «lugares maravilhosos». Aquele recusa-se a acompanhá-la.

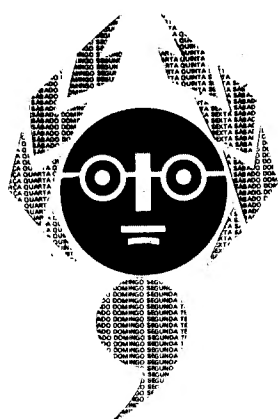
O porteiro e o bombeiro do teatro começam a lavar o palco. Ouve-se uma ária de ópera. O inspector, que entretanto matara o velho depois de ter sido baleado, tenta interromper o espectáculo. Em vão. Desce uma cortina branca que tapa o palco. É levantada depois de breves instantes e (golpe de teatro!) surge então o palco completamente transformado (trata-se de uma mudança de cena técnica prodigiosa). No fundo do palco, que é bastante profundo, há camarotes de um teatro de ópera tradicional, ocupados por espectadores em trajes de cerimónia. No palco, uma «diva» canta uma ária. Passam personagens de carnaval tocando quizes. Alguém parte um ovo que cai sobre o palco. Aparece num camarote um galo autêntico. A cabeça da cantora transforma-se numa caveira. *Confettis* são lançados do alto. O vento varre o palco. Um dos camarotes está tapado por uma gigantesca teia de aranha. Surgem personagens estranhas e inquietantes que envergam amplos aventais conzontos e têm os rostos cobertos com véus. São os assassinos, parece-nos. Uma tempestade de neve cobre a cena (efeito lindíssimo). O repórter reúne algumas crianças que se divertiam com a neve quando aparece a mulher da limpeza que começa a varrer o palco.

O TEATRO NO TEATRO NO TEATRO NO...

Temos visto espectáculos bizarros, as coisas mais insólitas, mais originais que imaginar se possa. Até já vimos um espectáculo em que um encenador fazia passar à nossa frente um cortejo com camas e mesinhas de cabeceira com os respectivos candeeiros, e pessoas a dormir nas camas como se se tratasse da visão nocturna de uma cidade fantasma, e mais adiante aviões autênticos que rolavam ao longo do espaço cénico. Isto só como exemplo. Nunca vimos, contudo, um espectáculo que nos parecesse tão rico em achados cénicos, tão surpreendentes nas suas estruturas, fazendo lembrar aquelas populares bonecas russas que escondem outra mais pequena e assim sucessivamente. Espectáculo talvez demasiado complicado e complicado, difícil de seguir (para além do problema da língua, claro), incoerente sob o ponto de vista estético, pouco convincente como análise da sociedade, passando ao lado dos verdadeiros problemas políticos, talvez excessivamente ambicioso. Mas um estímulo constante à atenção do espectador. Dir-se-ia que as três horas que o espectáculo durou valeram por dias, e essa *durée* seria provavelmente uma das suas grandes forças.

Parece-nos de salientar os seguintes aspectos: a forma como é dada a presença constante das *mass media* — o real é desde logo ele e a sua imagem visual e sonora — é pois uma outra realidade; a forma como o espectáculo é levado à cidade, como é introduzido seriamente no quotidiano da cidade (cena inicial); os vários registos dramáticos que percorre; as proezas ao nível da montagem, da encenação, da interpretação; a ambiguidade amplamente conseguida entre o real e o imaginário, entre o teatro e a vida. O espectáculo jugoslavo levava até às suas últimas consequências e lição pirandelliana do teatro no teatro.

Outro facto importante: a liberdade de criação, além do apoio económico, que um espectáculo como este pressupõe. Na Jugoslávia, país socialista.



aPONTO e virgula

Os jornais disseram, nas suas edições de quarta-feira: o Grande Prémio Internacional de Poesia de 1976 das Bienais Internacionais de Poesia de Knokke-Heist foi atribuído ao poeta português Miguel Torga. A decisão do júri passou ao domínio público ao fim de segunda-feira, mas foi preciso o secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira, regressar a Lisboa com a notícia para ela circular. Mourão Ferreira, precisamente, fazia parte do júri que distinguiu Torga. Do júri eram mais dezoito poetas e críticos de catorze países: o francês Alain Bosquet, o espanhol Jose Luis Cano, de nossos conhecidos; havia ainda o italiano Piero Bigongiari, o indiano Lokenath Bhahacharya, o romeno Constantin Crisan, os belgas Guy de Bosscherre e Eugene Van Itherbeek, a alemã Hilde Domin, o polaco Artur Miedzyrecki, o israelita Claude Vigée, o tunisino Abdelaziz Kacem. Estes, além de David Mourão Ferreira. Dizia, no dia 7, um telex da secretaria de Estado da Cultura: «Trata-se do maior prémio de poesia existente no mundo». E citavam-se os nomes de galardoados antes de Torga: o italiano Giuseppe Ungaretti, o francês Saint John Perse, o espanhol Jorge Guillen, o mexicano Octavio Paz, o senegalês Leopold Sedar Senghor. Na sessão onde o nome de Torga foi anunciado, Mourão Ferreira usou da palavra e traçou o perfil do poeta: «Trata-se — disse — de uma das mais poderosas personalidades humanas e poéticas da literatura portuguesa de todos os tempos, e, ainda, de um dos símbolos mais admiráveis e mais respeitados, tanto no interior do nosso país como no estrangeiro, da permanência do espírito português através dum sombrio período da sua história contemporânea» — disse Mourão Ferreira. Falou ainda, a propósito da poesia de Torga, do seu (desta) «humanismo essencial e muito consequente» — motivo por que — diria — o poeta «conheceu a prisão sob o regime de Salazar» e «viu muitos dos seus livros proibidos pela censura ou apreendidos pela polícia política, e se encontra hoje ao lado de todos quantos se esforçam em edificar um Portugal renovado, sem cair nas armadilhas da demagogia ou totalitarismo, respeitando o sentido da liberdade e sabedoria do nosso povo».



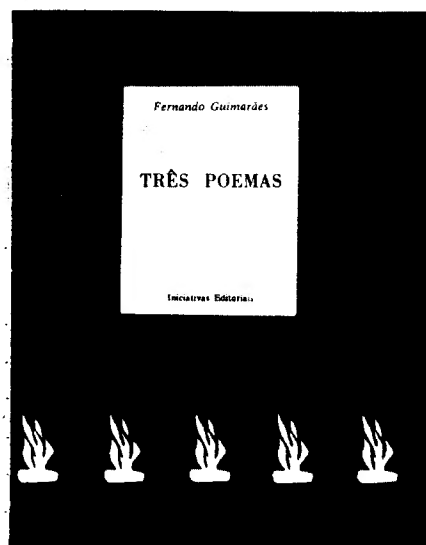
A sessão prosseguiu com a leitura de três poemas de Torga traduzidos em francês e holandeses. Mais de quatrocentos poetas estavam ali e salvaram a decisão do júri com prolongadas palmas. Só mais um pormenor, um pouco à margem disto: com Mourão Ferreira foram à Bienal ainda Matilde Rosa Araújo e Vasco Graça Moura, que tiveram intervenções e mereceram elogios.

Voltando a Torga: se ele merece o Grande Prémio Internacional de Poesia ou o Grande Prémio Internacional de Poesia o merece a ele, não diremos nem que sim nem que não. Estas crises são sempre tanto discutíveis como estão sempre fora de questão. E têm sempre tanta importância como podem não ter importância nenhuma. Vamos dizer apenas que o caso não tem importância de maior. Só mais isto: este galardão vai certamente levar o estrangeiro a interessar-se pela obra poética de Torga e esta

vai ser certamente divulgada em traduções no estrangeiro: só desejariamos que a ideia que no estrangeiro se vai fazer da poesia portuguesa de hoje não só não se limitasse a Torga mas também, e principalmente, não se orientasse por qualquer critério que fizesse da poesia de Torga o ponto de referência principal. É que, digamo-lo — e sem que isto signifique menos apreço pela poesia de Torga — o que há de melhor da poesia portuguesa de hoje (entendamos por isto, por exemplo, a poesia de que são responsáveis os poetas vivos) na generalidade dos casos já não há muito perdeu de vista essa referência que a poesia de Torga é.

TORGA: O ÚLTIMO LIVRO

Já que falámos de Torga: chega-nos a notícia do Grande Prémio Internacional quando ainda não lemos o último livro que está nas livrarias há poucas semanas: «Fogo Preso». É mais uma vez edição do autor, vem distribuindo de Coimbra e não está a ter publicidade nenhuma, que, tanto quanto sabemos, bem avesso a isso é o autor. Ainda não lemos. A título informativo, custa 80\$00. Entretanto, por estes dias, é bem provável que o leitor procure e não encontre: talvez o autor ou o distribuidor decidam recolhê-lo para o porem depois a circular com uma cinta alusiva ao Grande Prémio Internacional de Poesia, em vez daquela com que o livro foi posto no mercado e onde se diz que são «18 intervenções e um prefácio».



FERNANDO GUIMARÃES: OUTRO PRÉMIO

Outro prémio em notícia é o Casimiro Dantas, da Academia de Ciências de Lisboa, há poucos dias atribuído a Fernando Guimarães pelos seus «Três Poemas» (edição dos três primeiros livros do autor, nas Iniciativas Editoriais, e a que Sete Pontos Sete fez, ainda recentemente, uma referência). Curiosamente, soubemos isso por uma entrevista que o poeta premiado concedeu a José Viale Moutinho para o «suplemento cultural» do «Diário de Notícias». Não nos lembra ter lido a notícia em qualquer jornal. O que não abona nada em favor dos jornais e dos jornalistas, uma vez que, julgamos saber, a notícia foi enviada pela própria Academia aos principais órgãos de informação (e, o que já não garantia, mas é mais do que provável que tenha acontecido) foi também difundida via telex pela Direcção-Geral de Informação. Isto não abona nada em favor dos jornais e dos jornalistas: só demonstra como jornais e jornalistas estão desinteressados daquilo que se passa no meio cultural. Certo que a vida cultural (ou aquilo a que se dá este nome) no nosso país não é o que se pode dizer muito animada. Mas, talvez, precisamente por isso, todo o acontecimento menos de rotina deveria, querer-nos parecer, merecer pelo menos uma breve notícia. Quanto ao prémio, nada diremos. Mas não ficará sem reparo um pormenor que à primeira vista não o justificaria. Referimo-nos à designação que o prémio tem: «Casimiro Dantas». Quem foi Casimiro Dantas? Procuramos na Enciclopédia da Verbo e não está lá; no dicionário das Literaturas Portuguesas, Galega e Brasileira, o mesmo. Vem, enfim, na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, da Editorial Enciclopédia. Aí se diz que Dantas (Casimiro Augusto Vanez) foi oficial do Exército, jornalista e escritor, n. a 19-VII-1850 e m. em 14-II-1904. Assentou praça na arma de infantaria em 1-VIII-1869 e faleceu no posto de general de brigada. Foi defensor no 1.º conselho de guerra da 1.ª Divisão Militar. Isto, o currículo de Casimiro Dantas como militar. E como escritor? «Como escritor — diz a ficha — tornou-se muito conhecido, traduzindo alguns romances como: «Cenas da Vida de Boémia», de Henry Muger, «A Sonata de Kreutzer», de Tolstoi, e «O Chefe de Gare», de Wast-Ricoward. Colaborou no opúsculo histórico «A Restauração de Portugal» com o artigo «A Batalha de Ameixial» e também na folha literária «No Tejo», publicação feita por ocasião do naufrágio do «Ville Victoria». Escreveu uma obra com o título «A Covardia» («A Covardia», em actualização) e em resposta à célebre carta de Gomes Leal «A Traição» e em várias revistas há artigos e versos seus.

Jornalista político, militou sempre no partido regenerador, tendo trabalhado em primeiro lugar no «Diário da Manhã» sob a direcção de Pinheiro Chagas. Dirigiu por vezes o «Diário Ilustrado» na ausência de Pedro Correia e foi colaborador do «Correio da Europa» e da «Ilustração Portuguesa». Era oficial da ordem de S. Bento de Aviz, cavaleiro de Santiago e tinha a medalha de comportamento exemplar e a cruz de segunda classe da Ordem de Mérito Militar». É tudo?

Falta dizer que era pai desse famoso Júlio Dantas. Escapa-nos a importância que Casimiro Dantas teve no seu tempo. Não nos apercebemos de que seja um nome que as pessoas comuns, até mesmo «literatos» medianamente informados, saibam quem foi. Parece-nos que a lacuna não é de grande monta. Por aqui se vê como deve estranhar-se a Academia de Ciências tenha dado o nome que deu ao prémio de poesia. Homenagem ao proeminente académico que o general também foi? Argumento assim não nos convenceria. Entretanto é evidente que tanto o poeta premiado como a obra que justificou o prémio que lhe atribuíram são estranhos a isto.

OSWALDO OSÓRIO: «CABOVERDEADA MENTE»

Oswaldo Osório, é preciso apresentá-lo ao leitor português menos familiarizado com a poesia africana de expressão portuguesa (se esta expressão é correcta), nomeadamente com a poesia de Cabo Verde. Servimo-nos da ficha que Manuel Ferreira deixa na sua antologia «No Reino de Caliban». Oswaldo (Alcântara Medina) Osório é natural do Mindelo, onde nasceu em 37. Frequentou o Liceu Gil Eanes, matriculou-se no Seminário Nazareno, fez depois serviço militar em Lisboa, de onde regressou ao arquipélago em 61. Funcionário da Rádio Barlavento, onde dirigiu durante três anos o programa «Revista Sonora». Reside actualmente (residia pelo menos em 1974) na cidade da Praia. Empregado do comércio, um dos fundadores de «Selô-página dos novíssimos» do «Notícias de Cabo Verde», ali se revelou como poeta e ficcionista. Tem, em Portugal, colaboração publicada na «Vértice», e figura na antologia «Poesia 71». Manuel Ferreira anunciava, dele, um livro de poemas intitulado «O Cântico do Habitante», para publicar; e, em preparação, «Desde as Portas de Rotterdam» (ficção; uma novela e contos). De Oswaldo Osório, há alguns meses nas livrarias portuguesas (pelo menos de Lisboa, Porto e Coimbra) um livro de poemas: «Cabo Verdeadamente Construção Meu Amor», «poemas de luta», como o autor lhes chama, em subtítulo. A edição (Publicação Nova Aurora) nada nos diz acerca do autor, omitindo assim se o presente livro é o que Manuel Ferreira anuncia. Questão não por certo de somenos importância, porque pode muito acontecer Oswaldo Osório seja nome que nada diga ao comum português consumidor de textos de poesia em livro. Um prefácio de Sukre D'Sal não adianta grande coisa. Retem-se, no entanto, uma passagem: «Esta poesia, como poesia de combate, reflecte uma forma de tomada de consciência da situação do Africano



actual de Cabo Verde, expropriado na sua própria terra, ferido no seu íntimo por toda a sorte de humilhações, num ambiente que se torna cada vez mais estranho e hostil, situação bem aproveitada por sábios observadores oportunistas que criam as condições favoráveis à saída como mão d'obra barata exportada» — diz Sukre D'Sal. Fala da poesia (da voz) de Oswaldo Osório. E, noutro passo: «Não obstante a sua clara preocupação em impor um critério acentuadamente político aos seus poemas, nota-se neles aquela simplicidade e beleza plásticas características dos trabalhos saídos da experiência popular, no decorrer do processo histórico, e destinados a orientá-los no seu trabalho informativo e cultural». Oswaldo Osório divide os seus poemas por

duas secções: na primeira, «Cabo Verdeadamente», inclui «poemas clandestinos»; na segunda, «Cabo Verdeadamente», aquilo a que chama «poemas para depois da luta». Um poema «clandestino», «tempo de tal incerteza pnebrante»: — «às vezes passeio com vinte e cinco anos às costas / e digo-me é a liberdade que futuras / frutificas esporas de conquista do tempo tal / onde os anos se não contam pelo calendário profano // às vezes também me sinto frágil / só o tempo tal me fortalece de o sonhar // como o zimbro armado para os açoitados do vento / todas as primaveras que tenho são de vidro e equinócios // mas eis que qualquer em tempo tal / colherá da lançada semente / o bago candente da razão // e assim pensando em tempo tal / oiço-lhe em certeza inebriante». E um dos «poemas para depois da luta», o último do livro, precisamente, «cantalutar»: «cantalutando caboverdeamamos / caboverdeadamente construímos a nossa terra // cantalutando caboverdeamos os nossos sonhos descem às mãos / a esse acto caboverdeamor // cantalutando cantaluta cantaluta / caboverdeadamente».

TERESA VERGANI: «RIGOR E ÁGUA»

Não é comum deparar-se-nos uma estreia como esta — «Rigor e Água», de Teresa Vergani, 316 páginas (bem contadas), e para aí (não contamos) centena e meia de textos (poemas). Textos (poemas), além de muitos (e abrangendo no entanto um período de produção restrito aos anos de 73,74 e 75), variados: os mais deles resultantes dum exercício de escrita (em carácter tipográfico), mas outras reproduções fac-símile de manuscritos, ou colagens de letras formando palavras e estas articuladas pela lógica ou pelo sentido dum discurso. Há ainda os desenhos que o volume inclui, dispersos pelo espaço da página. A autora: «Estas páginas não se apresentam como uma escolha homogênea de textos: são uma simples emergência de momentos, à maneira de itinerário inverso, onde o princípio de ordenação se fixou no tempo e não na forma. Assim se oferece este primeiro livro, primitiva revelação de divergência. O livro traz recomendações na badana e na contracapa. Vale a pena registar, menos por aquilo que aí se diz (pouca coisa ou nada) acerca do trabalho de linguagem que a autora faz, e mais por aquilo que o que se diz representa de alegremente (?) alheio a qualquer problemática poética viva nos dias que correm. Na badana, Fernando Grade: «Sensível até à medula, ao ranger dos ossos, o trajecto de Teresa Vergani organiza-se ao redor dos valores mais puros e essenciais da natureza, a inutilidade dos gestos, a intimidade perante os objectos, o regresso às origens saudáveis (um beijo de neve...), em suma, uma imagética sensível levada às últimas consequências, ao onírico». (...) «O universo poético da novel poetisa, mesclado de um ingenuismo assumido para baixo e para cima, isto é, das raízes aos voos das águas, módulo englobante de estar e de sentir, afigura-se-nos — embora sem grandes alaridos... — como portador de suficiente carga sensorial e irrecusável autenticidade». (Só uma pergunta: o que é que, com isto, Fernando Grade quer dizer?). Na contracapa, Matilde Rosa Araújo vai mais longe, e ao mesmo tempo fica mais perto. Assim: «Estruturalmente vivida a poesia de Teresa Vergani toca um veio subterrâneo em cada palavra — cada palavra sua pesa, toca, veicula. E, estranhamente, se manifesta imponderável. São caminhos estelares e, ao mesmo tempo, comprometidos no humano as suas palavras. Há nelas translúcidas linhas de um mundo distante e sangue de uma carne secretamente rasgada, sofrida pela força de um viver fundamentalmente comprometido. A sua voz oferece ressonâncias de linhas de força que nos aparecerão estranhas, linhas de força bem pouco comuns na lírica portuguesa. Mas, se bem a escutamos, não lhe saberemos tanta estranheza. É uma voz feminina que pode ser um símbolo (com outras pares suas irmãs, aparentemente diversas): concha amarga, fechada, docemente amando uma ânsia cunivente de amor e alegria — ânsia de esquemas usados e envelhecidos faziam fechar, triste. Mas que não se calou. Teresa Vergani, em cada página, é uma mulher que se ergue. Real e secreta. Se o absoluto a tenta, a fome de humanidade rende os seus lábios, a quase surdina dos seus versos. Daí o veio estranhamente humano que a faz falar — a viva chaga da sua poesia». É assim que pessoas responsáveis (os escritores Fernando Grade e Matilde Rosa Araújo, no caso) entendem estas coisas. Sucede que os trabalhos da autora, que nos parecer, mereciam um pouco mais ou outra coisa que não isto. Uma passagem pelas páginas deste livro deixa-nos a impressão de que não houve foi (por parte dela, a autora) o cuidado de elaborar mais os seus textos, despojá-los de excessivas cargas verbais, procurar articular mais claramente, melhor, a sua sintaxe — e bem assim uma criteriosa selecção desses textos, para os publicar depois, reescritos, em função dum projecto que talvez exista mas aparece aqui envolvido mil e um recursos inexpressivos, desnecessários, a mais — ao contrário do que a primeira palavra do título sugere. Grade diz, na badana: «não preciso de ser adivinho para augurar uma ainda melhor futura poética a Teresa Vergani. Que seja



bem-vinda ao misterio de olhos abertos que é a poesia». Por nós: — Assim seja.

MODESTO NAVARRO: VISEU REVISITADO

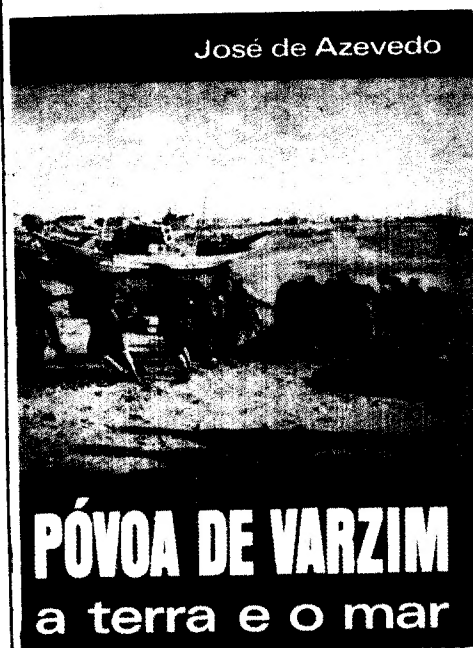
«Vida e Morte no Distrito de Viseu»: é o último título de Modesto Navarro, vem na linha de «Perspectivas de Libertação no Nordeste Transmontano» e é certamente o resultado de um trabalho de proporções incalculáveis. Aquilo a que se pode chamar uma reportagem (como quantos ou que jornalistas portugueses saberiam fazer — ou poderiam fazer, se lhes fossem dados meios para isso?), inclinando-se para um tipo de trabalho a que chamaríamos *reportagem-verdade*. Certo que isto — esta espécie de rigorismo — implica excessos (ou defeitos). É possível que Modesto Navarro disperse o seu trabalho por pormenores de menos importância. Nem por isso, porém, este empreendimento perde as proporções que tem. De consulta a fazer enquanto os seus dados não se desactualizarem, ou a ler depois (quando a realidade de que aqui se trata for outra, diferente), o livro sugere-se a não fosse o seu preço, inesperadamente alto em relação até mesmo ao preço do livro habitualmente em Portugal, e ainda desequilibrado em relação às proporções do

próprio livro. Como é que impunemente se pode dizer a um leitor que deixe por pouco mais de duas centenas de páginas, duzentos escudos numa livraria? (A título de curiosidade: falamos de memória acerca deste trabalho de Modesto Navarro, desfolhado na livraria demoradamente, que não houve duas de cem disponíveis para lhe ter acesso. (Prelo).

JOSÉ DE AZEVEDO E A PÓVOA DE VARZIM

«Galeria de pessoas e costumes, este novo livro de José de Azevedo constitui (...) um belo retábulo poveiro, onde os textos que o integram se situam entre o pequeno ensaio etnográfico e a crónica jornalística. Nem o pesadelo de duzia e meia de citações bibliográficas em cada página, nem a desinteressante elucubração de bolso com que se bombardeia as redacções dos jornais. Eh, nada dessas chatices! Aqui, ó outros leitores, uma prosa limpa de tom quase coloquial, a realidade tomada de frente, um tratamento de homem para homem quando se trata daqueles que se designam por «figuras típicas», uma certa ternura, um humor são; e nada de «paraísos perdidos de que tanto nos lembramos e nos deixam saudosos» quando o cronista (...) nos fala de costumes desaparecidos. José de Azevedo não se preocupa especialmente em escrever bem. Creio que se está nas tintas para isso, pois prefere ir para a história sem hesitações de maior. Porque vive a dois passos do lugar onde todas estas coisas que nos contam acontecem». — Palavras de José Viale Moutinho, jornalista do «Notícias» do Porto, onde os trabalhos que compõem este livro de José de Azevedo tinham

saído anteriormente. Viale Moutinho: «um leitor dirige-se a outros leitores», para lhes sugerir este livro apenas «porque há os que, hesitantes entre o balcão da livraria e a obra anunciada

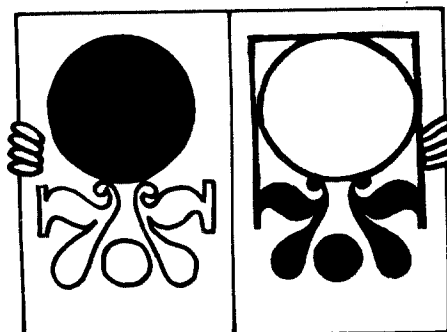


na capa, precisam de umas quantas palavras de estímulo». «Póvoa de Varzim — a terra e o mar», edição do autor naquela marítima cidade nortenha: um conjunto de trabalhos que

José de Azevedo divide por três secções: figuras típicas, costumes que desaparecem e históricas do mar da Póvoa. É o terceiro livro que José de Azevedo publica. Não conhecemos o primeiro, de poemas, segundo a bibliografia, e datando de 53. Tínhamos lido o segundo, «Homens do Mar da Póvoa», crónicas de há três anos. José Azevedo: ora aqui está — diria (diz) ainda Viale Moutinho: «um intelectual português, exemplarmente atento ao pequeno mundo onde se move, intuitivamente um etnógrafo». So? Também, pois claro, um escritor.

LORCA ASSASSINADO

Ainda a tempo: está aí nas livrarias, de José Luís Vila-San Juan, «García Lorca Assassinado». Subtítulo (ambicioso): «Toda a verdade». É livro que ainda não lemos, dizem-nos que discutível, ou polémico, pelo menos. Precisamente por isso: justifica-se a sua recomendação. (Bertrand)



P'ró céguinho ver algum...



Foto Witally Butzin

A mendicância disputa à prostituição o título de primeira profissão do mundo. Os sábios dividem-se, não se faz luz, mas estala a polémica. A ideia de Pilatos, de oferecer o título a ambos, ex-aequo, foi denunciada. Entretanto a discussão prossegue, como se estivesse em jogo a honra da família. Voltemo-nos para a mendicância, onde nos sentimos muito mais à vontade. Diga-se de

passagem (sem qualquer espécie de chauvinismo) que Lisboa tem dado nos últimos anos uma boa ajuda na evolução da mendicância mundial. Aumenta em flecha o número de mendigos, a despeito dos caminhos da Revolução, ou por isso mesmo. Por via dos caminhos. Se nos quiséssemos apoiar no «Deus Lhe Pague» de Joracy Camargo, descobriríamos

aqui uma razão de peso a favor do sujeito que pede esmola: «ele não faz mais do que cobrar o que a Sociedade lhe deve». E quanto lhe deve a Sociedade? «Tanto quanto lhe caberia se houvesse uma divisão, camarada». (Citamos de memória).

O problema da mendicância, como o da prostituição, do desemprego, e outros, é um problema dos governos e do sistema social. Tenho dito. (Atenção que não se trata de «ajudar os pobrezinhos» como defendem os partidos de direita nos seus programas, mas de acabar com a miséria pela recuperação do indivíduo chamado «economicamente débil», uma designação que dá para todos, mesmo para os «economicamente desesperados»). Enquanto a Revolução vai-e-vem, nos seus avanços e recuos, trabalham os falsos mendigos. Indivíduos que descobriam na mendicância uma fonte de rendimento tão larga como o coração da gente. De La Palisse: nos regimes capitalistas a mendicância é necessária, indispensável mesmo, como sustentáculo de caridade, tão cara às pessoas que seguem a risca o «dar aos pobres e emprestar a Deus». Um empate de capital, portanto. Um caso de agiotagem, se quisermos. Na base da caridade de alguns, a ideia de comprar o Céu com o troco do chá das cinco.

É claro que para praticar a mendicância (falamos dos falsos mendigos, que dos outros terá de ocupar-se o Governo) há que saber escolher o local, o modo de actuação e os acessórios que completarão a montagem. Na falta de trocos, e já sem esperança de ganhar o Céu, oferecemos aos falsos mendigos algumas ideias, devidamente testadas, com resultados surpreendentes:

1.º — Escolher um local concorrido, estrada para Meca — ou melhor, os caminhos para as diferentes mecas que os homens criaram, zonas comerciais, transportes públicos, igrejas, hospitais, cemitérios e outros lugares altamente fúnebres.

2.º — Nas igrejas, jogue-se com o sentimento religioso, usando-se as expressões «pela salvação da sua alma» ou «Deus Lhe Pague».

3.º — Nos cemitérios pedir «pelas alminhas que lá tem».

4.º — Nos hospitais «pela sua saúde e dos seus».

5.º — Nas zonas comerciais há sempre a possibilidade de apanhar demasias sobranças dos que têm dinheiro para gastar. Agora, muita atenção! Quando a vítima estiver num restaurante, a comer, o peditário é imperativo, devendo dar-se-lhe um toque discretamente acusatório: «dê uma esmolinha, qu'inda hoje não comi nada». Por esta altura, a vítima pensa que afinal está para ali a encher a pança... e, se não der, fica com engulhos no canal das migas. É demolidor.

Formas de actuação:

1.º — Simular chagas ou deficiência física, amarelar a cara com creme, cera ou sabão amarelo, tossir com frequência cuspidos para um lenço encharcado de escarlata (não muito para não incomodar demasiado) e vestir andrajões se possível limpos — pobre sim, mas asseado. No Inverno pode vestir bem, desde que se cubra com um sobretudo coçado: terminado o serviço, dobra o sobretudo no braço, o que lhe permite confundir-se com

qualquer empregado de escritório.

2.º — Pode arranjar um autêntico aleijado ou cego, que explorará se ele estiver pelos ajustes. Não se esqueça de dizer que está desempregado.

3.º — Arranjar algumas crianças, que primeiramente maltrapilhará (quantas mais melhor) e se for mulher simule uma gravidez de fim de tempo. As crianças e a barriga comovem profundamente. Se não tiver crianças, pode alugá-las. Como sabe.

4.º — Insistir nos mesmos locais, conseguindo assim clientes certos, o que lhe permite prever o orçamento, e — também é muito importante — «vender» o lugar com os benfeitores incluídos.

5.º — É vantajoso trabalhar em sociedade — o ideal: homem e mulher — fingindo não serem nada um ao outro e simulando constantes zangas, pois há quem prefira condoer-se com homens e quem se condoo com mulheres; e há, ainda, os que se condoo com homens e mulheres.

6.º — Pode fazer de surdo-mudo (muito cómodo e fácil) podendo mostrar desembaraço e «trabalhar», em meia hora, vinte bichas de autocarro de manhã, e outra à tarde, para ganhar o dia. Atenção, que de manhã as bichas são mais receptivas.

7.º — Pode também arranjar crianças, espalhá-las por vários pontos estratégicos, deitá-las no chão assim como quem dorme de fraqueza: ao lado, uma caixa de cartão com uma mensagem-informação muito comovedora, a calar bem fundo. De tempos a tempos, deve rondar os postos de cobrança e levantar os fundos para que a abundância não assuste os benfeitores.

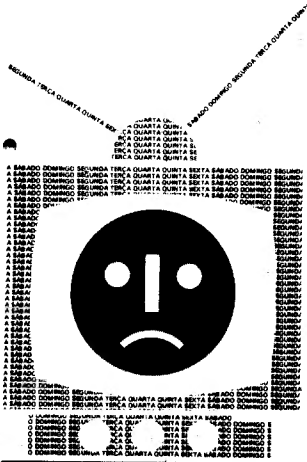
8.º — Deve mendigar junto dos liceus, não esquecendo tratar os estudantes por doutor ou engenheiro, o que não custa nada e engorda o óbulo.

9.º — Pode também imitar os filhos-família de um certo partido (arranje uma bandeira!) e na rua, nos transportes, em toda a parte, pedir aos burgueses que contribuam para a luta contra a burguesia.

Se for um tipo envergonhado: chegue junto da vítima com o ar cansado de quem caminhou muito (poeira nos sapatos sempre é uma ajuda) e pergunte qual o melhor caminho para... (uma povoação a dez ou quinze quilómetros, não convém exagerar muito) acrescentando que lhe prometeram lá emprego. Quando a vítima se dispuser a indicar-lhe o transporte, corte-lhe a palavra a meio: «obrigadinho, mas terei de ir a pé, não tenho dinheiro». Enfim, é um sucesso. Além de abrir a bolsa, a vítima dá-lhe todas as explicações de como apanhar o comboio ou a camioneta. Cuidado, não repita a história com outra vítima sem que a primeira tenha apanhado o «Metro».

Sobretudo, não faça como aquele sujeito que foi preso por andar a pedir com o auxílio de uma gravação: «Uma esmola por amor de Deus/uma esmola por amor de Deus/uma esmola...» Além do mais, há sempre o inconveniente da fita se partir. E tão pouco deve entrar no esquema daquele tipo, em Paris, que escreveu no chão, a giz: «Deite aqui um dólar. Eu não gosto de trabalhar».

Você sabe que as pessoas estão a perder o sentido do humor...



TV/PONTO

Sábado, 11

I PROGRAMA

- 14.00 — Telejornal — 1.ª edição
(o noticiário «dinâmico» a que a TV já nos habituou)
- 14.15 — Hoje pode ver
(o que a RTP tem para dar)
- 14.25 — Retrospectiva
(rever o passado)
- 14.40 — Culinária
(na cozinha do Porto)
- 15.05 — Aconteceu, Acontece...
- 15.35 — Jovens rebeldes
(série filmada sem interesse...)
- 16.30 — Fungagá da bicharada
(um esforço tremendo para pôr as crianças a rir. Sem resultado)
- 17.00 — Cinema de animação
(Vasco Granja selecciona e apresenta. Tá certo)
- 17.55 — Da saúde e da vida
(recomenda-se)
- 18.05 — Sonatas
(para violino e piano K.V. 481 e K.V. 454 e variações K.V. 360 de Mozart. Piano: Paulo Badura Skoda; Violino: David Distrak)
- 19.00 — Stop
(não é p'ra parar)
- 19.15 — Campismo
(os estúdios da RTP no Porto «montam a barraca»)
- 19.40 — Gente do amanhã
(ficção pretensamente científica em série filmada)
- 20.15 — Cartaz TV
(os programas da RTP para a próxima semana, apresentados por Jorge Alves)
- 20.30 — Telejornal — 2.ª edição
(notícias do País e do estrangeiro)
- 21.05 — Saravah
(programa musical)
- 22.00 — Setembro/76
(edição especial. Veremos)
- 22.30 — Telejornal — 3.ª edição
(muito boa noite)

II PROGRAMA

- 20.00 — Cenas de ópera
(só para o II programa. É bem feito!)
- 20.25 — Cerâmica portuguesa
(breve história da arte cerâmica em Portugal, suas características e evolução)
- 20.50 — A quimera do riso
(um filme com Joel McCrea, Verónica Lake. Realização de Preston Sturges em 1941)

Domingo, 12

- 12.00 — Missa de domingo
(Venha a nós a Vosso Reino...)
- 12.40 — Da vida e do povo
- 13.10 — No Jardim Zoológico
(mais camelos, não!!)
- 13.40 — Desenhos animados
(do bucha e estica também 'tou farto)
- 14.00 — Telejornal — 1.ª edição
(na Madeira chamam-lhe Televisão)
- 14.15 — Hoje pode ver
(obrigadinho)
- 14.25 — Corrida de toiros
(de morte, ou dos outros?)
- 15.15 — Documentário
- 15.45 — Grande metragem
(!?)
- 17.30 — Presença do Brasil
(N.B.: o povo brasileiro não tem culpa nenhuma...)
- 18.00 — Hoje há palhaços
(hoje como ontem, meu caro)
- 19.00 — eidi
(nas bancas, nos quiosques e na TV. O mercado 'tá cheinho dela)
- 19.30 — TV Rural
(o leitor verá, um dia destes Sousa Veloso mete-se a falar da Reforma Agrária)
- 20.00 — Goodies
(incríveis, loucos, fora de órbita)
- 20.30 — Telejornal — 2.ª edição
(às onze há mais)
- 21.05 — Telefutebol
(grandezas e misérias dos profissionais do chute)
- 21.45 — Clayhanger — Vidas perdidas



- (série filmada a partir da obra de Arnould Bennet. Um certo interesse)
- 22.40 — Música e silêncio
(chiiuuuu! — António Vitorino de Almeida com audiência certa)
- 23.00 — Telejornal — 3.ª edição
(a preceder o fecho)

II PROGRAMA

- 20.00 — Kung Fu
(a RTP garante que «foi êxito na TV»)
- 21.00 — Jogos sem fronteiras
(alguns dos jogos, cheios de imaginação. Os burgueses pelam-se!)
- 22.30 — Telejornal
(em diferido do outro, às 20.30)
- 23.00 — Cinema de animação
(banda desenhada apresentada por V.G.)

Segunda, 13

I PROGRAMA

- 19.00 — A pedra branca
(uma pedrada)
- 19.25 — Teledesporto
- 19.55 — Canções brasileiras
(veremos que canções...)
- 20.30 — Telejornal — 1.ª edição
(as primeiras do dia às oito e meia da noite)
- 21.00 — A cabeça dos outros
(de Marcel Aumé. Realização de Georges Folgoas. Produção ORTF. Intérpretes: Guy Trejean, Georges Aminel, Henri Cremieux, Jean Pareses, Anna Gaylor, Judith Magre e Michèle Bardollet. E outras cabeças)
- 23.15 — Telejornal — 2.ª edição
(selecção de notícias do País e do estrangeiro)

II PROGRAMA

- 20.00 — Beatles show
(desenhos animados)
- 20.25 — «Os Kuba»
(na rubrica «Encontro com o passado», da série «O Homem e a Arte»)
- 20.55 — S.O.S.
(policial)
- 21.55 — Cantigamente



(as canções que não se ouviam na rádio, canções de luta e de resistência que acompanharam os grandes momentos reivindicativos, sobretudo as lutas estudantis, de onde afinal viriam a sair os autores das letras e das músicas mais importantes no fim da década de 60 e começo de 70. O caso das canções de Lopes-Graça e dos poemas de Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Cochefel, etc. Refere-se ainda o jazz que vivia em caves e subterrâneos: desde o pioneiro Hot Club (Luís Villas Boas) até ao irreverente C.U.J. (Raul Calado, José Duarte e outros). A «Nova Rádio» dos anos 60. A publicidade e o mito do automóvel: Tossan. Raul Solnado e a «guerra de 1908». Sendo assim, porquê no II Programa ???)

Terça, 14

I PROGRAMA

- 19.00 — A pedra branca
(não quero, obrigado)
- 19.25 — Corpo musical
- 20.00 — Ver
(as artes plásticas que o José Elyseu viu)
- 20.30 — Telejornal — 1.ª edição
- 21.05 — O grande amor de Balzac
(pinga-amor mas não tanto!)
- 22.10 — Terça à noite
(a última edição fez cá um soooooo...)
- 23.00 — Telejornal — 2.ª edição
(o bocejo deve ser acompanhado com a mãozinha à frente)

II PROGRAMA

- 20.00 — Vickie, o viking



- (voltamos ao mesmo: antes no capacete que na testa)
- 20.25 — Sargaceiros da Apúlia
- 20.55 — Passatempo
(Fernando Pessa a fazer humor...)
- 21.50 — Telejornal
(em repetido)
- 22.25 — Programa musical
(made in Austria)

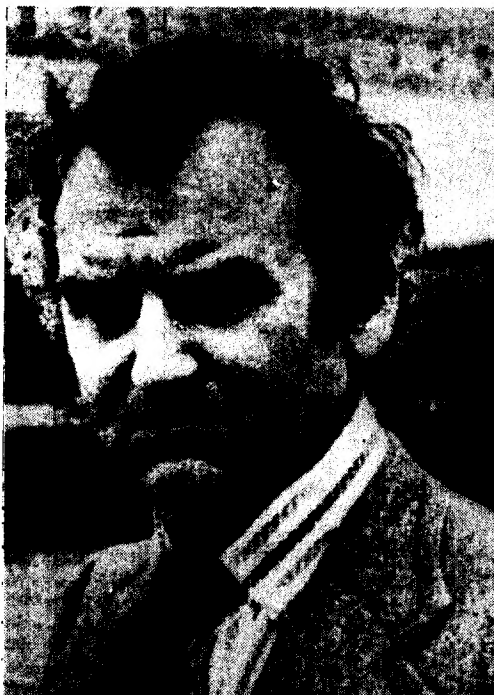
Quarta, 15

I PROGRAMA

- 19.00 — A volta ao mundo em 80 dias
- 19.25 — De génio e louco...
(as pessoas e a vida de uma aldeia ilustram as palavras de um seu habitante eclético e espiritualoso)
- 20.05 — Educação permanente
- 20.15 — Vamos jogar no Totobola
(não posso. O dinheiro não me chega p'ro tabaco)
- 20.30 — Telejornal — 1.ª edição
- 21.05 — A herança dos biliões
(trata-se de um filme realizado em 1948 por Gordon Douglas, com Edie Cantor, Joan Davis e Bobby Dirscoll. Terá isto alguma coisa a ver connosco? Não, não tem)
- 22.50 — Telejornal — 2.ª edição

II PROGRAMA

- 20.00 — Roman Holidays
(os desenhos animados do costume)
- 20.30 — Fronteiras do amanhã
- 20.45 — Da saúde e da vida
- 21.00 — Sweeney



- 21.55 — Telejornal
(em diferido, etc. etc.)
- 22.25 — Sabe o que se cultiva nos Açores?
(um título à Ruy Ferrão, que realiza e apresenta o programa)

Quinta, 16

I PROGRAMA

- 19.00 — Vem ver como se faz; Aninhas e o tio

- das pernas altas, e Barba papa.
- 19.30 — Segredos do mar vermelho
(reaccionáriozinho)
- 20.00 — TV Palco
(Igrejas Caeiro apresenta «actualidades teatrais»)
- 20.30 — Telejornal — 1.ª edição
- 21.00 — Forças Armadas
(um programa do Estado-Maior-General das F.A.)
- 21.30 — Série filmada
(17 top secret)
- 22.30 — Responde a RTP
(um programa do Departamento de Actualidades da RTP. Qual foi a pergunta? Equê ele há tantas...)
- 23.00 — Telejornal — 2.ª edição

II PROGRAMA

- 20.00 — O regador mágico
(a pepineira passou para o II Programa. Do mal o menos)
- 20.30 — Ver
(dedicado às artes plásticas)
- 21.00 — Todos somos culpados
(talvez seja verdade. Mas sempre há uns mais que outros...)
- 22.35 — Telejornal

Sexta, 17

I PROGRAMA

- 19.00 — A volta ao mundo em 80 dias
(Júlio Verne a bater Carlos Lopes)
- 19.25 — Encontro
- 20.00 — Momento desportivo
(silêncio, debate-se o desporto)
- 20.30 — Telejornal — 1.ª edição
- 21.05 — Cartaz TV
(Jorge Alves a puxar com todo o entusiasmo pelos programas da RTP para a próxima semana)
- 21.20 — Terra a terra minha gente
(consta com insistência que, uma vez terminado o concurso será repetido sob a rubrica «Foi Êxito na TV»...)
- 23.00 — Telejornal — 2.ª edição
(actual, vivo, dinâmico, chato)

II PROGRAMA

- 20.00 — A Pippi das meias altas



- 20.30 — Quando o fim está à vista
(é um episódio da série filmada Histórias de Amor, com Michael Craig e Helen Ruan. Realização de Peter Jefferies. «Quando o fim está à vista», dá para pensar que o 25 de Abril não mudou nada, amigos. E estivemos tão perto...)
- 21.30 — Telejornal
- 22.00 — Civilização
(o sorriso da razão)



SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/7 ANTONIO SILVA. 12 Lear. 13 Corroia. 14 Pê. 15. Eco. 16 Ta. 17 Roman. 19 Xá. 20 Par. 21 Ji. 22 Ain. 23 Arisco. 25 Acirre. 26 Fiã. 27 Traça. 29 Med. 30 Dã. 32 Si. 33 Qb. 34 Ca. 35 Rm. 36 Uma. 38 Um. 40 Ea. 41 Lis. 42 Ea. 44/51 LIZA MINELLI, 48 Di. 49 Li. 50 Hinos. 54 Ea. 55 Gas. 56 Nanes. 57 A. C. 58 An. 59 Safa. 61 Cal. 63 Co. 65 Cavan. 66 Umea. 68 Avias. 70 Ya. 71 La. 72/83 NICOLAS CHARRIER. 76 És. 77 Arrecadara. 78 Nô. 79 Lave. 80 Tu. 82 Pará.

VERTICAIS:

1/50 ALEXANDRE HERCULANO. 2 Necar. 3 Tão. 4 Or. 5. Ícaro. 6 Oô. 7 Sr. 8 Io. 9 Lírica. 10 Vão. 14 Paíre. 16 Taca. 18 Marma. 20 Psi. 21/11 JACQUELINE KENNEDY. 24 If. 27 Tímido. 28 Ab. 31 Amália. 32 Sul. 37. Asi. 39 Maine. 43 Tricanas. 45 In. 46 Zogu. 47 Asa. 51 Má. 52 Essas. 53 Lafayette. 56 Nacala. 58 Ale. 60 V.A. 62. Amaro. 64 Ovar. 65 Cã. 67 Anela. 69 Isara. 73 Içar. 74 Cava. 75 Ode. 81 Ur.

A palavra de Paul Tortelier



Para o grande violoncelista Paul Tortelier, que se encontra presentemente entre nós (será solista e dirigirá a orquestra no concerto de encerramento do II Festival da Costa do Sol, na próxima 4.ª feira, dia 15, no Cine-Teatro S. José em Cascais), a música identifica-se com a própria vida, em todas as diferentes perspectivas que esta comporta. Ouvi-lo fazer música é, ao mesmo tempo, repensar o nosso quotidiano, reflectir sobre a nossa maneira de estar no mundo. Em homenagem ao artista insigne, publicamos hoje mais algumas declarações inéditas que produziu durante a sua estada em Portugal, no Verão de 1975.

A Igreja de Cristo e a Igreja de Marx

Não compreendo por que a igreja de Cristo e a de Marx hão-de opor-se uma à outra, uma vez que ambas se fundam no amor e na privação da posse («dépossession»), ou seja, no altruísmo. A verdadeira religião cristã, caso triunfasse, levaria ao comunismo.

A beleza incompatível com o egoísmo

Um artista crê no belo e procura-o por toda a parte, inclusive na felicidade. Ele sente e vive, seja através do sentido da visão, como

o pintor, seja pelo ouvido, como o músico. E que vê ele? Que a felicidade dos egoístas os não torna belos. O egoísmo deles trai-se na secura do seu olhar. Inversamente, um homem com um ideal, do Papa a Gandhi, de Einstein a Luther King, passando por Cunhal ou Limunba, traz na sua expressão a marca do belo.

Viajar em 2.ª classe

Eu, que não páro de viajar por todo o mundo, desde há quarenta anos, sempre encontrei muito mais simpatia, sempre me achei muito

mais à vontade muito mais feliz, num compartimento de 2.ª classe do que de 1.ª classe, até mesmo no pequeno comboio que liga Lisboa ao Estoril e a Cascais.

O modelo da sociedade ideal, na música

O modelo da sociedade ideal fornece-o a música na sua mais bela forma: a Fuga. Em J.S. Bach e em Beethoven, que escreveram as mais belas, cada um à sua maneira, havia Cristo e Jean-Jacques Rousseau. E por quê a Fuga, como modelo? Porque numa fuga para quatro executantes — cantores ou

instrumentistas — cada vez canta em plano de igualdade com as outras. Não há *Prima Dona*. O mesmo cuidado, o mesmo interesse são postos pelo compositor em cada uma das vozes. Não há uma melodia em cima e um acompanhamento em baixo, como nas canções comerciais tudo é melodia, da base ao topo, e cada intérprete deve salvar executar a sua parte escutando as outras, salientando-se ou apagando-se consoante o necessário para concorrer num todo harmonioso.

O problema da violência

Mas há o problema da violência. Enquanto artista, eu deveria ser violento — como foram violentos muitos artistas durante a revolução francesa. Creio que é a paixão que conduz à violência e o que foi causa das guerras religiosas, embora o interesse aí tenha desempenhado também algum papel. Portanto, sendo apaixonado, teria de ser violento, e acontece que o sou, mas só verbalmente, pois horrorizar-me-ia assistir a cenas de violência física sobre os outros ou sobre mim mesmo. Mas, se amo a paz, a harmonia, a própria docura, então sou obrigado a admitir que, como se diz em França, «não se fazem omeletes sem partir ovos» e que, num país como a China, por exemplo, os flagelos que assolavam desde há séculos uma população de 600 milhões de habitantes — a fome, a intoxicação pelo ópio, a prostituição — não podiam ser vencidos senão com a ajuda da força associada à palavra. Felizmente, neste plano, Portugal não é a China, e é de esperar que uma nova sociedade irá edificar-se aqui sem convulsões demasiado dolorosas, ainda que seja difícil o parto sem dor.

III FESTIVAL DA COSTA DO SOL

II Festival da Costa do Sol
Cine-Teatro S. José — Cascais
Dia 15, às 21.30

CONCERTO SINFÓNICO
VIOLONCELO E DIRECÇÃO:
Paul Tortelier

Bach:
«Suite n.º 3, para orquestra»

Haydn:
«Concerto em dó maior»

Ravel:
«Pavana para uma Infanta Defunta»

Debussy:
«L'après-midi d'un faune»

Tortelier:
«Sinfonia Israelita»
(final).

Orquestra do Teatro de S. Carlos
Violoncelo solo e direcção:
Paul Tortelier



Ravel com Nijinsky. A estrela dos «Ballets Russes» de Diaghileff alcançaria no «Daphnis e Chloé», de Ravel, e no «Prélude à l'après-midi d'un faune», de Debussy, duas das maiores coroas de glória

Paul Tortelier, o grande violoncelista francês, que presentemente se encontra entre nós e que, com este concerto, irá encerrar o II Festival da Costa do Sol, pertence a uma estirpe de intérpretes hoje já bastante rara: a daqueles que marcam fortemente com a sua personalidade — quase tanto como os compositores — a música que interpretam.

Tortelier é, antes de mais, o mestre do violoncelo. Mas, a sua musicalidade e a sua sabedoria hão-de reflectir-se também, necessariamente, na direcção da orquestra, que acumulará com as funções de solista.

A Suite n.º 3 de Bach, compreende os seguintes trechos: *Abertura, Ária, Gavotte I, Gavotte II, Bourrée e Giga*, os quatro últimos designando diversos tipos (ou ritmos) de danças em voga na época. A *Ária*, escrita exclusivamente para cordas, tornou-se uma das mais célebres peças do seu autor, sendo, aliás, aproveitada em múltiplos cozinhados comerciais. Justificar-se-ia que disséssemos: já que assobia (provavelmente, mal) esta ária, vá ouvi-la na versão fidedigna, com toda a sua beleza estrutural (contrapontística) e integrada no seu contexto de origem (a suite n.º 3, para orquestra). Descobrirá mais música de Bach, e que música!...

Os concertos para violoncelo de Haydn figuram invariavelmente no repertório de todos os violoncelistas. Desta vez, Tortelier tocará e dirigirá o concerto em dó. E de Haydn ficaremos a saber mais do que vem na letra da partitura: tê-lo-emos de corpo inteiro, com o seu proverbial bom humor e a sua nunca



O pacto Haydn, descendo as escadas da casa de campo que ocupava nos domínios do seu senhor, o príncipe Esterhazy

dementida afabilidade...

O *Prélude à l'après-midi d'un faune* (tem-se traduzido por *Prelúdio à sesta de um fauno*), inspirado no poema de Mallarmé é considerado uma das grandes obras-primas do seu autor, Debussy. Se menosprezar por outros aspectos da linguagem musical, há que assinalar nesta obra a orquestração, que Debussy cuidou e aperfeiçoou até ao ínfimo pormenor já na própria fase dos ensaios com a orquestra, antecedendo a estreia, em Dezembro de 1894.

A *Pavana para uma Infanta Defunta* é uma obra de recorte linear, com uma invenção melódica plena de generoso lirismo que, se não basta para definir a verdadeira criação do Ravel da maturidade, constitui, no entanto, um seu traço bem característico. Surpresa neste concerto, será o final da *Sinfonia Israelita*, da autoria do próprio Paul Tortelier. Que música iremos ouvir? Música, certamente, que se alimenta da presença activa do compositor, do fulgor do seu gosto, de um *humanismo militante* assumido como razão de ser da condição de músico.